

365
noites
em
PARIS

MIRIÃ VELOSO



Até que ponto você está
disposto a lutar por quem
você ama?

365
Noites
Em

Paris

Miriã Veloso

Charlotte é uma jovem cozinheira que vive em Paris. Por dez anos trabalhou e aprendeu tudo na

cozinha do modesto restaurante de seu avô paterno, que por problemas financeiros foi fechado.

Precisando de dinheiro consegue um trabalho de garçonne no *Le Procope*, um dos restaurantes mais antigos e nobres da Cidade Luz, lugar onde conhece Benjamin Hastings, um homem culto e despreocupado com a vida. Ben se sente a cada vez mais apaixonado pela jovem, enquanto ela está sempre procurando desculpas para não aceitar o convite de um

passeio à margem do Rio Sena.

Em um dia, ela aceita o convite do charmoso homem e então se vê dentro de uma nova atmosfera amorosa e descobre que o seu admirador é também um amante da gastronomia. Alguém com quem poderia contar para realizar o sonho de reaver o restaurante de seu avô e se tornar uma grande chef.

COPYRIGHT © 2015 MIRIÃ VELOSO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA
LEI 9.610/98

PROIBIDA A DISTRIBUIÇÃO, CÓPIA
TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA
SEM O CONSENTIMENTO DO AUTOR

Contatos:

E-mail: miria.veloso21@hotmail.com

Facebook:

<https://www.facebook.com/miria.veloso.90>

CAPA:

We♥It

Imagem usada sob autorização.

Arte da capa: Miriã Veloso.

Para

*Felipe Carvalho, Thaís Ribeiro, Larissa F.
Batista, Victor Hugo da Silva Nascimento,
Guilherme Souza, Luke Campos e Gabriel
Diasis.*

Em especial À *Renata Varela* pela paciência
em me ajudar
na publicação desse projeto e também por
seu amor à Paris.

*Difícil não é lutar por aquilo que se
quer,
e sim desistir daquilo que se mais ama.*
(Bob Marley)

Capítulo 1

Charlotte

*Quando eu me apaixonar será para
sempre*

*Ou eu nunca cairei, me apaixonarei
Em um mundo agitado como está
O amor é terminado antes que esteja
começado*

*E demasiado muitos beijos no luar
Pareça refrigerar no calor do sol*

(When I Fall In Love – Rick Astley)

Imagine a seguinte cena: um

casal, jantando a luz do luar, enquanto uma brisa fria e confortável de outono os rodeia, o melhor dos vinhos é servido a cada cinco minutos, o casal balbucia baboseiras ao pé do ouvido um do outro, as mãos dele estão sob a mesa e os seus dedos encontram os dela, de forma delicada para uma mão delicada, o batom dos lábios dela já começa a desbotar de tanto mordiscá-los, mas os olhares continuam firmes e penetrantes e é quase possível ler a mente um do outro. O casal então

resolve dar uma volta à margem do Rio Sena. Ele cede o seu paletó para a mulher enrijecida com a brisa gélida, que ganha mais força por aquelas bandas cheias de pequenos arvoredos. Eles caminham abraçados, outrora param no meio da ponte e se encontram aos beijos, se entregam às carícias e quase ao desejo de posse, mas ali não é um lugar adequado para isso. São casados há mais de dez anos. Eles seguem então para a sua milésima Lua de Mel, num pequeno, mas

charmoso Hotel com vista para o famoso Sena. Mais uma noite perfeita, com a pessoa perfeita, na cidade perfeita, *Paris*. A Cidade Luz. A capital da Moda. A capital da belíssima Torre Eiffel. E o terceiro motivo que faz com que os parisienses se orgulhem, a capital da Gastronomia.

Bem, agora rebobina tudo e voltemos à realidade. Não que esse momento maravilhoso do casal não seja real, mas...

Mas acontece que o mundo lá

fora, pensa que Paris é a cidade perfeita, de tal forma que pensam que todos os parisienses levam uma vida perfeita que as propagandas mostram através da imagem da “belíssima” Torre Eiffel. Resumindo: Para eles, Paris é o “*Parisaíso*”.

Deixando a minha revolta um pouco de lado, deixe eu me apresentar. Eu sou *Charlotte Dupont*, nasci em Lyon e vivo em Paris há mais de vinte anos, desde o falecimento de minha mãe, Claire. Não sou muito nova e além do mais,

só precisam se preocupar com o fato de que ainda estou solteira. Exatamente. Uma francesa quase próxima a entrar na casa do *enta*, que continua solteira. E por escolha própria. Já passei da idade que acredita nas ilusões que as pessoas criam sobre o amor, ainda mais, em Paris.

Preciso confessar que sobre o amor, ao disser que não acredito mais nele, sempre estou sendo hipócrita. Mas não diretamente e sim ao ouvir *When I Fall In Love*, de Rick

Astley. Sempre que ouço essa música, me sinto dentro de um filme dos anos 50, apoiada sob a janela do meu quarto, admirando a lua, para não demonstrar que ainda espero por alguém que me ame. É como diz a letra: *Quando eu me apaixonar, será para sempre, ou então eu nunca cairei em paixão por alguém...* Eu diria que isso é completamente verdade, mas só até eu me lembrar de todos os rapazes que já me apaixonei na época do colegial, porque na faculdade eu não tinha tempo nem para mim

mesma.

Conclusão: apaixonar-se é inevitável, ainda que uma parte de você não queira nunca mais, ainda que você consiga ficar muito tempo sem sair de casa para lugares que pode fazer com que você se apaixone por alguém. Não dá para evitar! A paixão é válida desde o personagem principal de um livro que você está lendo, até aquele astro bonito que você sabe que nunca conseguirá ao menos um beijo dele, ou melhor, no mínimo dos mínimos, um autógrafo

ou, uma fotografia com ele. Você pode olhar para um homem e tentar fazer com que seu cérebro crie qualquer barreira com más suposições sobre a pessoa dele, mas o seu coração sempre encontrará um mínimo detalhe para fazer com que se apaixone por ele. Admita, vai, é sempre assim!

Capítulo 2

Benjamin

Decomponha

Os pedaços do seu coração

*E me deixe entrar como par, me deixe
entrar*

*Onde somente seus pensamentos já
estiveram*

Me permita ocupar a sua mente

Como você faz com a minha

(Heart A Mess – Gotye)

É incrível como nós,
desacreditados no amor, ainda
abrimos uma brecha através do

inconsciente, para deixar que as músicas que falam sobre o amor nos leve para universos que só existem em nossas mentes bagunçadas.

Ainda que eu tente acreditar que não existem mais pessoas que saibam o verdadeiro significado do amor, uma parte de mim continua a sondar o rosto, o sorriso, o olhar, o jeito feminino das mulheres que vejo nas ruas e nos estabelecimentos que mais frequento, principalmente, no meu restaurante. Na maioria das vezes, elas estão sempre sorrindo à

beça numa roda de mulheres de todas as idades, que provavelmente conversam sobre o que há de mais comum no meio delas: homens, cosméticos, o cabelo desgrenhado da mulher sentada na mesa ao lado, dentre outros assuntos que fazem com que elas sintam-se superiores às outras – e se deixar, isso acontece até com as próprias melhores amigas.

Mas acontece que, é esse tipo de rixa que começa a estragar um relacionamento. A mulher que você tomou como sua, passa a olhar as

outras com desgosto, passa a criticá-las para você e o pior, é que você não pode sequer dar sua opinião sobre o que ela lhe perguntou, porque ela vai considerar como interesse alheio à mulher vitimada pela piada que a *sua* mulher fez. Nós homens, ficamos totalmente vulneráveis quanto a isso.

As mulheres estão cada vez mais perdendo o seu próprio respeito no meio da sociedade, porque as famílias já não lembram mais delas após a expulsão de casa. Os namoros terminam antes mesmo de

completarem no máximo seis meses, porque elas, não querem saber de nada além de sexo toda madrugada. E no casamento, não existe mais o temo “fazer amor” porque nunca souberam o verdadeiro significado da relação sexual. Não é com isso que se conquista um homem de verdade. Se sexo fosse realmente a verdadeira felicidade de um casal, eles não estariam insatisfeitos um com o outro. Os homens não procurariam outras mulheres, e nem as mulheres procurariam outros homens. E esse

ciclo vai continuar o mesmo, porque se você não pode satisfazer uma mulher, você nunca receberá o *feedback* dela. Não interessa qual seja o problema que você tenha com a mulher que ama, você precisa ser bom o suficiente para fazer com que ela jamais queira outro homem além de você, em todos os aspectos.

Experimente ser mais romântico com a sua namorada. Experimente abrir a porta do carro para sua esposa, sempre que ela entrar ou sair do carro. Abra todas as portas de

todos os lugares que vocês forem juntos. Mande entregar o mais belo buquê de rosas no trabalho dela. Ligue só para dizer que a ama. Chama-se *cavalheirismo*. Não é com presentes caros que você vai conquistar a moça e o pai dela, é com *cavalheirismo*. É com o respeito que você deve ter por ela.

Você acha que eu estou sozinho por escolha? Não, não é por escolha. É porque nos dias de hoje, nem as mulheres querem saber de homens românticos à moda antiga, não

sabem mais o que é gentileza, não sabem mais o que é ser romântico, não estão mais satisfeitas com as coisas simples que o amor pode oferecer.

Então, porque desperdiçar o que eu tenho para oferecer de melhor, com as mulheres que eu sei que não vão dar valor às minhas atitudes, enquanto eu posso preservar tudo o que eu tenho, para fazer com que a mulher que vai ser *pra sempre minha*, sinta-se mais única do que ela já é?

Capítulo 3

Charlotte

Dizem que a música às vezes liberta a alma, e é verdade. Mas essa não é a única verdade, não mais, após as minhas várias ilusões amorosas que passei durante quase a minha vida toda. Algumas canções parecem só versos de um poeta que vive de suas poesias. Outras parecem servir apenas para nos lembrar do passado da pior forma possível, ou nem tanto.

Admiro as músicas do *Maroon5*, por suas batidas gostosas que quase sempre conseguem manter suas melodias coladas em nossas mentes. Mas as letras em sua maioria, falam de amor, seja no bom ou mau sentido. Além disso, elas me remetem a lembranças desagradáveis sobre a vida amorosa. E é por isso que eu evito escutá-las.

— Alice! — berrei na porta do banheiro. — Tá pensando o quê? Que isso aqui é um SPA é?!

— Ai pra quê essa pressa toda?!

— ela saiu enrolada numa toalha. Fechei os olhos e afastei o rosto com o ar quente que saiu do banheiro.

— Eu tenho uma entrevista de emprego e você sabe que eu odeio me atrasar! — resmunguei, batendo a porta logo em seguida, mas não propositalmente.

— Entrevista de emprego? Onde?

— Numa lanchonete no centro.

— berrei.

— Pra quê? — debochou ela.

— Vou fingir que não ouvi essa pergunta.

— Você entendeu o que eu quis dizer! — retrucou ela.

— Eu preciso me sustentar, Alice! Não dá pra pagar o aluguel só vendendo salgados! — saí do banheiro e ela me encarou de perto.

— Você não nasceu pra trabalhar em mixuruca! — contestou ela.

— Nasci para fazer o quê então?! — questionei, atropelando-a e seguindo para o meu quarto.

— Pra cuidar do *seu* restaurante! — exclamou ela, dando ênfase no seu, erguendo suas poucas e finas

sobrancelhas.

Parei um instante para pensar no que ela havia dito. Pensar sobre o restaurante era algo que me deixava temporariamente bloqueada por dias e foi o que aconteceu.

— Eu sei que ele foi fechado pela vigilância sanitária e blábláblá, mas eu sei que você tem potencial para inaugurá-lo de novo! — Alice segurou minhas mãos, quando vi que eu perderia outra entrevista. A terceira com o mesmo intuito. — Eu acredito em você!

Suspirei e me dei por vencida, me jogando em cima da cama e pensando em como me desculpar com o dono na lanchonete.

— Não tenho mais ânimo para correr atrás disso tudo sozinha... — bufei. Alice hesitou antes de falar.

— Se eu soubesse fazer alguma coisa, eu até ajudaria, você sabe... — ela tentou me consolar e eu apenas assenti. — Mas não pode deixar de fazer o que ama por preguiça ou desânimo!

— Eu apenas sinto que não sei

fazer mais nada relacionado à culinária... — fiz uma pausa, deitando a cabeça numa almofada. — Eu simplesmente não tenho mais prazer nisso...

Alice ficou chocada. E ninguém da família também esperaria isso de mim. Jamais. Mas era a minha situação e eu não tinha uma varinha igual a do Harry Potter ou dos Padrinhos Mágicos para revertê-la. Já estava habituada com o fato de ter de aceitar a forma como a minha vida estava seguindo em frente.

— Então, como pretende sobreviver a esse caos, Char? — indagou ela.

— Por isso, a lanchonete! — retruquei, quase arrependida de ter largado mais essa oportunidade. Ela revirou os olhos.

— Mas agora já perdeu a hora! — debochou de novo.

— Porque *você* mencionou a palavra *restaurante* ! — retruquei novamente. Ela deu de ombros e foi para a cozinha.

— Isso é ridículo! — Alice bufou

baixinho e pude ouvi-la procurar alguma coisa nos armários.

— Quer saber? Estou indo. Não vou ficar em casa apodrecendo e deixando as contas acumularem! — me levantei num pulo e estiquei o braço até a parte de trás da porta do quarto, onde meu casaco estava pendurado.

Alice como sempre deu de ombros. Sempre foi muito parecida com a minha mãe, nunca aceitando ser contrariada. E quando existe um filho caçula para mimar, as coisas só

pioram. Era o caso de Alice, que sempre fora a queridinha da minha mãe, enquanto eu, era a queridinha do papai. Era metida e mandona demais para os seus poucos vinte e dois anos que tinha acabado de completar. Mais uma coisa em comum que ela tinha com a minha mãe, a ousadia. Já eu, herdei apenas as “mãos angelicais” dos Dupont’s. E todo mundo achava que eu só tinha talento pra comida. Ter até tenho, quem é que não gosta de comer?! Mas não, infelizmente não era esse tipo de

“talento” que eles esperavam de mim.

Eu estava uns vinte minutos atrasada e precisava encontrar uma desculpa para explicar ao dono sobre o meu atraso. Com certeza, como sempre, minha irmã estaria envolvida nas minhas desculpas. Mas a culpa dos meus atrasos sempre foram realmente dela, com uma pitada de esperança minha que eu colocava sobre o que ela me dizia tentando fazer com que eu mudasse de ideia. No último quartoirão, saí correndo às pressas para não chegar

mais atrasada do que estava. Milagrosamente, levei só cinco minutos e consegui entrar na lanchonete como uma bomba – e quase ter um infarto. Julian me encarou de um jeito sério, porém engraçado, pelo susto que eu havia dado a eles com a minha bela entrada. Ele saiu detrás do balcão, enquanto amarrava seu avental bordado com seu nome acima da insígnia da lanchonete e me analisando com um olhar malicioso, da cabeça aos pés. O jeito que ele me

encarava, fazia-o parecer aqueles homens ricos que vivem em boates e escolhem a dedo, as mulheres com quem vão ficar durante a noite. *Afinal, onde é que eu vou trabalhar, numa lanchonete ou numa boate?* Por fim, ele olhou para o relógio na parede, mas não disse nada e nem precisava.

— Problemas com a irmã caçula!

— respondi, após recuperar o fôlego.

— Isso não vai acontecer de novo!

— Nanette irá arrumar-lhe um avental e lhe mostrar o seu armário.

Você vai ficar na cozinha com ela. — ele disse, dando as costas e voltando para o balcão. Troquei olhares com Nanette.

— Não se preocupe! Ele só ficou surpreso com o fato de você, uma mulher bonita, mostrar interesse em trabalhar numa lanchonete como esta. — ela me chamou com os olhos para que eu a acompanhasse até os fundos. — Você poderá guardar seus pertences aqui, sem medo de ser roubada. Acredite! — ela fez uma pausa, enquanto abria o pequeno

armário com dificuldade. — Só vamos ser roubados se aparecer algum assaltante aqui, mas é difícil acontecer isso por aqui.

Realmente, a lanchonete não dava motivo algum para ser assaltada. Mas, até agora!

Se Julian me colocasse na cozinha, com certeza daria muitos motivos para que sejamos assaltados, o que eu não quero. Mas por outro lado, eu adoraria dar um *upna* lanchonete. Julian precisava trocar os conjuntos de mesas

urgentemente. Algumas janelas estavam rachadas e precisavam ser trocadas. Algumas lâmpadas estavam soltas e não tínhamos previsão alguma de quando ela acertaria a cabeça de alguém. O balcão ainda estava intacto, mas o mármore também precisava ser trocado ou no mínimo, polido de novo para livrá-lo das rachaduras do tempo. O piso estava muito manchado e grudento, há anos necessitado de uma boa escovada. Os pratos, copos e talheres precisavam ser trocados

urgentemente. *Toda* a lanchonete precisava de uma reforma. *E aonde vou arranjar dinheiro pra fazer essa reforma?!* Contestou Julian, ao ouvir minha proposta. Pelo menos, ele ainda não disse *não*. O que significa que ele pensaria sobre isso mais tarde ou por alguns dias. Sendo assim, eu já teria que começar a correr atrás de algumas coisas, pesquisar preços e ver o que nós poderíamos fazer sem ter de gastar a miséria que ele guardava na tesouraria.

— Pronta para por a mão na massa?! — perguntou Nan, entusiasmada.

— Acho que sim! — respondi, enquanto amarrava o cabelo num coque e colocava a touca em seguida.

— Sabe como se faz panquecas?! — indagou ela, com uma bacia grande com a massa já pronta em mãos.

— Isso você pode deixar comigo! — respondi, empolgada. Fazer panquecas era comigo mesmo!

A minha sorte era que o nosso

chefinho era gente boa e não estava nem aí para algumas coisas. Isso significa que eu poderia ouvir música enquanto preparava os pedidos. Não tem outro jeito mais gostoso de cozinhar do que estar acompanhado de música boa. Você até se esquece das reclamações dos colegas, dos resmungos do chefe, de que tem aquela pilha de louça para lavar a cada dez minutos. Nan implorou para que eu colocasse *Givin Up On Love*, do Rick Astley. Ela era apaixonada por ele. E a música era até gostosinha

para ouvir enquanto eu fazia as panquecas. A batida e o coro eram um vício. Sempre que Nan olhava para mim, ela me via batendo os pés no ritmo da música e soltava uma risadinha. Ela, por sua vez, chegava a esquecer das suas tarefas e sempre encontrava espaço para dançar com seu par – uma vassoura. Mais tarde, descobri que ela não era só aquele tipo apaixonado só pelas músicas do cara. Seu quarto era parecido com um de uma adolescente fã dos Back Street Boys. Ela se alimentava de Rick

Astley – caixinhas de cereal, caixa de leite e sucos, dentre outros suprimentos com o “Rick Astley” escrito bem grande –, dormia de Rick Astley – tinha pijamas com o nome dele –, conversava com o Rick Astley – o pôster do tamanho da porta. E tinha *todos* os produtos do Rick Astley.

Ah... Chega de falar do Rick Astley né?

Minhas panquecas haviam feito o maior sucesso entre os poucos clientes fiéis que a lanchonete tinha.

Mas logo, os arredores ficariam sabendo sobre a deliciosa panqueca do Julian's Snacks e acho que isso talvez fosse o suficiente para que a lanchonete se reerguesse. Francamente, o nome não era lá muito chamativo, mas por um lado, isso não importa. Nan havia me contado sobre o quanto Julian batalhou para realizar o sonho da mãe de manter uma lanchonete que venderia petiscos feitos por ela mesmo, com o toque especial da família Leroy. Porém, Julian nunca

teve a chance de poder desfrutar das receitas inventadas por sua mãe, quando um grupo de jovens roubou o livro de receitas que ele guardava numa caixa de sapato, no porão da sua velha casa. Mais tarde, o restaurante foi fechado e consegui indicação para trabalhar num restaurante na *l'Ancienne Comédie*.

Mais tarde, encontrei a casa coberta por roupas largadas da minha irmã. Quando isso acontecia, eu tinha certeza de que ela estava procurando algo “decente” para ir a

tal festa que fora convidada. A arrumação sempre sobrava para mim, já que ela sempre tinha uma desculpa para sair mais cedo e nem adiantaria pedir para que ela guardasse suas roupas depois, quando chegasse da festa. Depois que mamãe faleceu, ela deu uma relaxada e nunca me respeitou como sendo a irmã mais velha. Eu apelaria para o meu pai se eu soubesse onde ele estava, mas suas visitas aconteciam só em casos de vida ou morte. De qualquer modo, não adiantaria muita

coisa. No nosso caso, meu pai sempre foi o homem mais tranquilo que eu já havia conhecido na vida. Talvez isso possa soar mais estranho ainda se eu lhe contar que ele é Comandante do Corpo de *Fuziliers Marins* da França, responsável pela Base de Toulon. Mas por um lado, seus colegas de trabalho sempre disseram que meu pai sempre teve a paciência de Deus para com os novos recrutas, algo que não é muito comum em nosso país. O mais interessante foi quando visitei sua base pela primeira vez, ao completar

vinte anos. Mesmo sendo calmo, tranquilo e paciente, nunca houve sequer um fuzileiro, que o tenha afrontado ou desrespeitado tanto a sua posição hierárquica quanto seu caráter. Eu adorava vê-lo com aquela farda azul marinho, o enorme quepe branco feito especialmente para os capitães, com as luvas brancas que ele me deixou experimentar uma vez, quando criança. Quase sempre era hipnotizada pelo brilho das medalhas que ele carregava no lado direito do seu paletó, ele também me deixava

brincar com algumas delas. Lembro-me de quando ele as prendia num casaco preto que eu sempre pegava da minha mãe, me emprestava seu quepe e fazia eu me sentir a “grande capitã dos 7 mares”. Ele já era bonito. Mas fardado, ele ficava charmoso e arrancava suspiros de toda e qualquer mulher, com o que minha mãe sempre chamava de sorriso suicida, os olhos castanhos claros em uma mistura misteriosa com o verde da selva Amazônica e os cabelos lisos e grisalhos, um pouco maior do que o

permitido para os recrutas. Ele era um herói pra mim, assim como quase todo pai é o herói para sua filha. Mas para mim, quando eu o via de farda e o via ser respeitado por todos, eu me sentia mais protegida do que ele podia imaginar.

Capítulo 4

Benjamin

Sou apaixonado por quadrinhos.

Talvez, seja por isso que nenhuma mulher encontre algum interesse em mim. Minha mãe sempre dizia que mesmo na idade adulta, eu continuo parecendo uma mulher numa loja de vestidos, com os

olhos marejados de tanta beleza ao ver os brinquedos que tanto sonho em ter, só que numa loja de quadrinhos e brinquedos para “adultos”. Capacetes da saga Star Wars, sabres de luz, que de sabre não tem nada, só uma luzinha que não duraria nem um mês na minha casa. Estátuas quase do meu tamanho dos Predators, de Aliens vs. Predador, todos os heróis da DC e da Marvel em miniaturas. Camisetas, tapetes, almofadas, travesseiros, miniaturas de todos os games e personagens de

livros e filmes. Tinha tudo. *Tudo* o que eu queria dentro da minha casa. Eu diria que a *Hot Toys* é a minha segunda casa, mais do que o meu próprio restaurante. Mas estranhamente, não largaria o York para ser dono de uma franquia da Hot Toys. Sendo assim, meu talento com comida ainda continua no topo, acima de qualquer brinquedo ou HQ de quem quer que seja, a comida sempre prevalecerá.

Eu não escolhi ser exigente, eu sou assim por natureza.

— Você poderia tentar ser menos exigente... — dizia-me mamãe.

— Eu já tentei. — eu sempre respondia. — Mas elas querem homens fortões, que tenham carrões, uma bela mansão com piscina e funcionários que estejam aos pés delas. Mas um cara romântico, que dê total atenção a ela, ninguém quer. É só *mimimi*.

— Você é viciado nessas coisas de vídeo games, meu filho!

— Isso não quer dizer que eu não

pare para dar atenção à minha namorada, mãe! — eu retrucava. E depois, ela sempre saía dando uma risadinha e cochichando algo como “você é igualzinho ao seu pai!”.

Ela sempre dizia a mesma coisa, toda vez que minha tentativa de me relacionar com alguma mulher, ia por água abaixo, quando eu voltava pra casa mais cedo do que os encontros normalmente terminam. Eu já estava acostumado com os ataques de riso do meu pai, sempre que me via chegando com a mesma cara de

cachorro sem dono.

— O que aconteceu dessa vez?!

— ele sempre perguntava, me encarando por cima do jornal.

— Ela estava com outro homem na mesa que eu reservei. — respondi.

Isso mesmo. Foi no meu último encontro, há mais ou menos três meses atrás.

Seu nome era Lindsay e ela era linda. O tipo perfeito que a sociedade sempre rotulou de patricinha ou Barbie. Loira, dos olhos azuis e um sorriso bonito, porém um pouco

amarelado. Mas minha preocupação não era com a cor do sorriso dela e sim, o quê havia causado aquilo. Eu não poderia julgá-la por isso e nem estava. Sei muito bem como é se viciar em algo e depois não conseguir mais largar. Não se larga um maço de cigarro tão fácil como se deixa o vício por vídeo games. Ela tinha vinte e cinco anos e me disse que fumava desde os quinze. *“Mais uma para o clube de vítimas de câncer de pulmão”*. E estava no último ano de Medicina. *“A vida é cercada de ironias!”* ela

respondeu, com um sorriso malicioso. Eu a havia conhecido no meu restaurante. Eu não costumo sair com clientes, na verdade, ela foi a única. Eu jurava ter visto algo diferente e especial nela, mas foi totalmente momentâneo. Concordar com o gosto de um homem era só algo para fazer com que você se apaixonasse sem realmente querer e depois, deixar que ela o levasse para o que ela chamava de “ninho de amor”. Eu o chamo de “ninho de filhotes de cascavel”. Era o tipo de

patricinha perigosa e rica, que tinha poder para te colocar na cadeia sem você nunca ter a conhecido na vida. Uma vez o pai dela, acompanhado de mais quatro homens, foram almoçar no meu restaurante e logo que ele me viu, não havia ido com a minha cara, ou seja, nem imaginava que eu fosse o dono do restaurante em que ele amava almoçar. De qualquer forma, isso não amenizaria os olhares tortos e mal-encarados que ele fazia sempre que me via. Com certeza, Lindsay havia contado alguma coisa sobre

mim para ele e tenho mais certeza ainda, de que ela contou uma mentira daquelas que não dá pra se desfazer nem com um detector de mentiras.

Esses desastres amorosos sempre me causavam uma certa ressaca amorosa.

E essas ressacas se resumiam em ficar largado na poltrona reclinável do meu pai, com os pés apoiados na mesinha no centro da sala, de frente para a lareira. Abraçado com uma garrafa de café durante o dia e uma garrafa de vinho

tinto durante a noite. A vitrola com mais de 40 anos tocava com certa dificuldade as músicas de grande ídolo da minha mãe, Frank Sinatra, outrora Stevie Wonder, Elvis Presley e até Abba. Olhando álbuns antigos e observando o quanto eu parecia feliz nas fotografias. Era estranho porque da minha infância pra cá, não havia mudado muita coisa, eu só havia crescido e me tornado um homem com um pouco mais de responsabilidade. Nem na infância, mesmo que por brincadeira, eu fazia

sucesso com as meninas. Eu era o tipo clichê de rapazinho indefeso, que não conseguia enfrentar os “grandalhões” que na verdade, eram só meninos acima do peso que usavam isso como um tipo de “poder” para não se sentirem ofendidos. E infelizmente, sempre funcionava. E para tornar o momento mais clichê ainda, essas ressacas sempre aconteciam no inverno, em épocas chuvosas, em que eu era obrigado de forma até prazerosa a ficar preso em casa, encarando e

ouvindo o fogo crepitar na lareira e o tilintar da chuva forte na janela.

A situação, o lugar e a música perfeita para inspirar qualquer poeta tomado pelo bloqueio criativo.

≈

Faziam mais de três horas que chovia torrencialmente. Dessa vez, eu tive de substituir o vinho pelos xaropes caseiros que minha mãe me obrigava a tomar. Eles não adiantavam muita coisa, mas pelo menos tinham um sabor gostoso, que dava vontade de tomar várias

colheradas. Uma dor latejante começou a tomar todo o meu corpo, subindo até a cabeça e fazendo parecer uma bomba prestes a explodir. Em seguida, comecei a sentir mais frio do que o normal, mesmo de frente para a lareira. *Ah, a gripe*, pensei. Fazia algum tempo que *ela* não vinha me visitar e agora que havia chegado, me pegou com tudo. Minha mãe encontrou mais motivos para me entupir de xaropes e chás caseiros, além de dezenas de moletons e cachecóis. Da sala, eu

podia sentir o cheiro do que ela estava “aprontando” na cozinha. *Hmmm, sopa de legumes.* O aroma era indescritível, mas era possível sentir o cheiro de terra vindo da batata e da cenoura e o cheiro forte dos seus temperos. Nesse momento, me sinto mais estranho ainda. Um homem solteiro, que mora com os pais – mais conhecido como visitas prolongadas – e que adora estar aos cuidados e mimos da mãe. É como ser criança outra vez e isso faz com que eu me sinta mais jovem, às vezes.

—Está se sentindo melhor?! —
perguntou ela, num sussurro. Maneei
a cabeça positivamente, mentindo,
após a última colherada de sopa.

—Eu sinto falta de seus mingaus,
mãe. — falei, em meio à tosse. —
Adoraria poder matar essa saudade...
—tentei abrir um sorriso grande,
mas ela viu apenas meus olhos se
esticarem.

— Pensei que não ia se lembrar
mais do meu mingau! — retrucou ela,
com as mãos na cintura. — Já trago
uma tigela bem cheia pra você.

— Obrigado!

Se tem algo que a minha mãe prepara muito bem, são doces caseiros. Deveriam experimentar o mingau dela. Coisa de outro mundo!

Aliás, ela enlouqueceu quando eu lhe contei que viajaria à Paris em uma semana, para participar das Conferências e Concursos de Culinária.

Capítulo 5

Eu estava no voo das 9h de uma sexta-feira. O avião estava no ar fazia pouco mais de uma hora, quando uma comissária perguntou se eu

queria comer alguma coisa. Após duas bandejas de almoço com arroz, alface, tomate, pepino e manjericão, pedi uma dose de uísque. O líquido dourado desceu rasgando. Sem saber por que, acabei me sentindo um fugitivo federal. O tipo de homem tranquilo que viaja na classe econômica para não deixar suspeitas, bebendo uísque como se fosse a primeira vez, depois de tantos anos. Pra ser sincero, foi Lindsay quem havia me dito que eu parecia com esse tipo de homem. Um agente

secreto sempre à paisana. “Você deveria ser da polícia!” dizia ela. “Talvez”, eu respondia, sempre pensativo. Talvez, se eu fosse bom nisso. Meu pai sempre quis me ensinar a atirar, enquanto esteve no exército. Mas minha mãe sempre foi medrosa demais pra me deixar usar uma arma, até mesmo uma pistola de Airsoft, com capacete, colete e toda a proteção absurda que ela me faria usar.

Como em todas as viagens na classe econômica, eu sempre tinha

uma companhia desagradável e insatisfeita a minha frente, atrás ou dos dois lados. Dessa vez, uma menina de aproximadamente seis anos de idade estava no assento a minha frente, enquanto atrás, um menino inquieto com seu vídeo-game portátil, chutava constantemente o meu assento. São momentos clichês da vida que não dá para evitar. Notei que a menina à minha frente me encarava com certa curiosidade. Talvez a minha seriedade fosse algo novo para ela.

Tentei sorrir simpaticamente e ela fez o mesmo, erguendo uma das mãos para acenar. Senti de repente um aperto no peito tão forte que me deixou sem ar. Me lembrei de uns comprimidos que eu tomava pra essa dor e engoli dois deles, em duas goladas de uísque. Os chutes no meu assento voltaram e tentei usar o máximo do que eu ainda tinha de paciência com aquele moleque. Lancei um olhar impaciente para a mãe, que pelo modo como se portava, eu tinha certeza de que ela não daria

a mínima para a minha encarada. Então a comissária apareceu de novo, para recolher as bandejas e encher meu copo com mais uma dose de uísque, depois, ela lançou um olhar severo para a mãe do menino que chutava meu assento e ela teve dificuldade em fazer com que ele se aquietasse. Eu torcia para que aquela paz continuasse assim até o avião aterrissar.

Nove horas depois, eu já estava a caminho de um hotel que ficava à margem esquerda do Rio Sena. Os

parisienses andavam em completo luxo até nos táxis, que em sua maioria, eram Mercedes-Benz. E apesar de serem usados para esse tipo de serviço, o seu interior estava sempre bem conservado. Eu só tinha a reclamar do maior inimigo do motorista: o trânsito. Até o momento, eu poderia ter certeza de que o trânsito poderia ser um dos piores do mundo. Além disso, a maioria dos motoristas são mais mal-humorados do que o de costume. Desde a saída do aeroporto, havíamos levado quase

meia hora para chegar a 33 Rue Dauphine. Lá ficava o majestoso *Hotel D'Aubusson*. Seu interior era parecido com o de um Castelo Real só que bem mais moderno, com móveis e tintura convidativos, algo para deixar os olhos apreciando por horas. Uma mistura de riqueza e simplicidade. Eu diria que o D'Aubusson é como a casa dos avós. O tipo de lugar que você sabe que não pode viver pro resto da vida, mas que sempre vai ter prazer em passar os poucos dias que reservou para desfrutar da

mordomia que está sempre ao seu dispor.

—*Bienvenue à D'Aubusson!* —a recepcionista deu um sorriso amarelado e acenou.

Eu torcia para que ela soubesse falar bem o inglês, assim como eu tenho certeza de que ela também torcia para que eu soubesse francês. Eu sabia, mas não o suficiente para uma boa conversa.

—Está de férias?! —perguntou ela, com seu inglês britânico perfeito ao ver minha identidade.

—Eu chamaria isso de folga.

— Bom, de qualquer forma, tenha uma boa estadia!

— Obrigado!

— Aqui está. Primeiro andar, quarto 7. — ela sorriu de novo e me entregou as chaves do quarto.

Acenei com a cabeça como agradecimento e segui rumo às escadas com as duas malas que eu carregava, afinal, eu pretendia ficar em Paris no máximo três semanas. Mas Paris não é uma cidade de pretensões. Ela simplesmente te

amarra ao topo da Torre Eiffel. E daquele topo, você consegue enxergar vários outros pontos importantes e interessantes, que valem à pena ser visitados. E só para lembrar, quando você precisar ir embora, você sempre vai procurar um motivo para visitar os mesmos lugares que gostou antes. Acredite.

Eu sempre imaginei minha vida sendo acompanhada por uma trilha sonora, *quem nunca?* E nesse momento, enquanto eu respirava o ar úmido e gélido de Paris, eu quase

podia ouvir a voz de Sinatra cantando *New York, New York*, enquanto eu estalava os dedos e caminhava no ritmo da música. Se perguntassem as pessoas por quem eu passava, como é que enxergavam o meu caminhar, eles diriam que eu dançava discretamente até chegar ao meu destino sem medo de ser julgado. Pude notar alguns olhares tortos em minha direção, não pelo jeito que eu andava, mas porque eu havia trocado a letra da música, quando cantava o refrão. Sempre repetia o refrão

tentando encaixar o “Paris, Paris” no lugar de “New York, New York” na melodia e até que não ficava tão ruim. Cantei a música inteira assim até encontrar o meu destino, que ficava numa rua estreita de pedregulhos. Às sete da noite, o *Le Procope* estava cheio de casais com todo o seu romantismo à flor da pele. Numa mesa próxima à porta, um casal de idosos ria à beça, talvez relembrando as coisas boas do passado. Também havia um casal de jovens, que conversavam apenas com

o olhar e davam risinhos, e depois entrelaçavam os dedos das mãos apoiadas na mesa, supus que fossem namorados de primeira viagem. Um outro casal, procurava manter seus filhos quietos diante de mais dois casais de amigos. Após a observação, optei por uma mesa que oferecia assento estofado embutido às paredes, que eram decoradas por mapas da cidade e de preferência, afastado da maioria das pessoas, como se isso evitasse que um curioso e tagarela se aproximasse.

— *Bonsoir, monsieur. Vous vou lez quelque chose?* — uma moça morena, se aproximou com um bloquinho em mãos.

Ela estava perguntando se eu queria alguma coisa e eu demorei um pouco para responder, enquanto procurava a palavra certa em francês.

— *Vin... Le moinscher...* — respondi confuso.

— Você quer dizer vinho, certo? — indagou ela, em um inglês arranhado.

— Exato! O melhor e mais em

conta que você tiver! — respondi um pouco envergonhado.

— *Autre chose?* — ela riu em seguida, esquecendo-se de que eu não entendia muito bem o francês. — Perdão! Quero dizer...

— Não, não se preocupe, eu entendi! Bom, no momento apenas um bom vinho! — abri um sorriso simpático e a moça deu meia volta para buscar meu pedido.

Cinco minutos depois, ela voltou com uma garrafa de *Saint-Amour*, considerado o vinho mais romântico

dos últimos tempos. Logo, foi derrubada por um menino que corria desesperadamente à procura de um banheiro. Ela se apoiou na mesa, soltando a garrafa e meu reflexo foi mais rápido do que o de costume. As pessoas que estavam ali perto me encaravam como se eu fosse um herói. Só faltava eles me aplaudirem.

— Você salvou a minha pele! — a moça sussurrou, olhando ao seu redor com o canto dos olhos.

— Por quê? — sussurrei, enquanto lhe ajudava a se levantar.

— Erros aqui são inaceitáveis.

Você sabe como são os franceses! —
ela deu um sorriso forçado.

— Posso saber o seu nome? —
perguntei.

— *Charlotte!* Se precisar de mais
alguma coisa, é só me chamar.
Estarei atendendo os clientes desse
andar. — ela desviou os olhos para a
diversidade de portas procurando
por alguém e saiu às pressas.

Honestamente, ela tinha razão.
Os franceses além de mal-
humorados, eram rígidos e sempre

faziam de tudo para que as regras fossem cumpridas ao pé da letra. Nesse caso, a gafe cometida pela funcionária, seria um desastre para a carreira que ela tanto deveria ter lutado para conseguir. Depois que ela saiu, algumas pessoas continuaram me olhando, com aquela expressão de “vai rolar um romance entre esses dois”. Bom, eu não sei quanto a ela, mas eu, eu acho que estava me apaixonando. De novo! E no final das contas, por ainda estar aficionado ao jeito delicado dela, acabei

esquecendo-me do vinho, quando comecei a ler alguns jornais locais, que na verdade serviam de muros de papel, para observá-la sempre que passava por ali, ela que também tinha o mesmo olhar curioso em minha direção.

Capítulo 6

Charlotte

Como isso pode ser feito?

Por uma queridinha tão sorridente!

*Oh, e o seu rosto tão doce e bonito
De um jeito tão feio algo tão belo
E toda vez que eu olho pra dentro
Oh, você é tão ingênua ainda...*

(Naive – Lilly Allen)

*Era impressão minha ou aquele
cara estava me esperando?!*

Megan havia me dito que o rapaz
que havia “salvo a minha pele”,
estava do lado de fora do restaurante,
com o jornal debaixo do braço e
segurando a garrafa ainda lacrada,

como se esperasse alguém. *E creio que ele está esperando é você!* Disse ela me cutucando e sorrindo de orelha a orelha. Revirei os olhos, mas sem desfazer um sorriso vergonhoso que acabou me entregando. Megan se dispôs a pegar minhas coisas para irmos embora, já que passava da meia-noite e meia. Eu estava exausta, mas a ideia de que o homem alto e branco, de cabelos pretos poderia estar me esperando ali na porta, havia feito com que eu me esquecesse totalmente do cansaço.

Pensar que um homem poderia ser quase um energético para te deixar animada de uma hora pra outra, era um pouco ridículo, mas ao mesmo tempo engraçado e curioso. A cada dois minutos ele olhava para dentro do restaurante me procurando e quando seus olhos me encontravam, eles se fixavam intensamente em mim como se quisesse me dizer algo. Despertei-me da hipnose e fiz sinal para que Megan se apressasse para irmos embora. Ela saiu primeiro, depois eu. E estava mais empolgada

do que eu.

— Estou indo! Te vejo amanhã, *baisers*. — ela mandou um beijo, olhou para o rapaz atrás de mim e piscou, abrindo um sorriso quase malicioso.

Arregalei os olhos para ela, enquanto rangia os dentes de nervosismo. Quando virei para trás, vi o rapaz parado de frente pra mim como um adolescente bobo, daquele tipo que não sabe o que lhe dizer.

— *Christ! Quel choc!*— sussurrei em francês, levando a mão direita até

o peito e piscando os olhos
repentinamente.

— *Pardon!* Não quis assustá-la.

— arquejou. — Aceita dar uma volta
comigo?

— Assim, do nada? — perguntei,
surpresa.

— Sim, porque não?

Hesitei por alguns milésimos de
segundos, enquanto vestia meu
sobretudo. *E se na verdade ele fosse
um cara mau?* Pensei comigo mesma.

— Que tal outro dia? Estou
exausta. — menti.

— Posso acompanhá-la até sua casa, então? — ele insistiu.

Droga! Deveria ter aceito o passeio, esbravejei em pensamento.

— Ei, o passeio ainda está de pé?! — perguntei, na maior cara de pau. Ele riu.

— Está com medo de mim?

— Pra ser sincera, sim.

— De qualquer forma, mesmo depois do passeio eu insistiria em acompanhá-la até sua casa.

Certo. *Ele é esperto e aparentemente legal.* Não consegui

segurar e deixei um sorrisinho escapar.

— Se não quiser, tudo bem. É só um convite! Posso voltar amanhã e refazê-lo.— ele sorriu.

É. Ele não vai desistir.

— Sábado. Ao meio-dia. Não se atrase! — propus, enquanto caminhava rumo à minha casa e ele bateu continência, aceitando a proposta.

Quando cheguei em casa, Alice estava deitada no sofá assistindo mais um daqueles filmes românticos.

Eu estava sorrindo desde o momento que havia dado as costas para o *homem do terno preto* e como uma ótima observadora, ela notou algo diferente em meu rosto. Passei por ela, que me encarava curiosa, fui para o quarto me trocar e pendurei minha bolsa atrás da porta. Vesti um conjunto de pijamas branco, trabalhado em renda e depois fui para a cozinha, procurar por alguma coisa do meu agrado nos armários. Alice tinha conseguido acabar com as duas últimas latas de *Pringles* que eu

havia comprado para esse fim de semana. Eu sempre tive muitas paqueras, mas nenhum nunca deu certo para contar história. E dessa vez, eu só precisaria da ajuda da melhor amiga que eu tinha no momento: minha irmã. A partir do momento que eu falei com aquele cara, toda aquela ansiedade para encontrar alguém tinha se esvaído. Ele tinha um modo tão tranquilo de se portar, uma voz grave e sedutora, e como já diziam os poetas: “sua voz era como música aos meus ouvidos”.

Ele tinha o jeito de um homem preguiçoso e calmo, porém, tinha a lábia de um poeta. É como se a mistura das qualidades e dos defeitos, estivessem em harmonia. E a essa altura, eu já não estava falando nada com nada. Aquele homem havia despertado meus sentidos como nenhum outro homem conseguiu. Havia mexido comigo de um jeito que me fez acreditar no amor de novo. Mais tarde, Alice não me suportaria ouvindo clássicos românticos na vitrola do meu avô. Abri o congelador

e peguei um pote médio de sorvete e até eu me sentar no sofá, Alice continuou me encarando. Eu já estava me preparando psicologicamente para o turbilhão de perguntas que viriam a qualquer minuto.

— Ele é bonito? — indagou Alice.

— Encantador... — respondi, com o pensamento no mundo da lua.

— Como ele é?! — ela perguntou de novo.

— Alto, talvez 1,80m. Corpo atlético. Rosto delicado, lábios finos,

olhos e cabelos negros, nariz pontudo. Também tinha um sorriso simpático e cansado. Magro, mas bochechudo. Além disso, ele estava muito, mas muito perfumado!

Alice revirou os olhos e se lembrou das minhas crises de paixão por homens banhados em perfume.

— Quando vão se ver de novo?

— Amanhã, ao meio-dia.

— Ele vai te levar pra almoçar?!

— Não sei. Fui eu que escolhi o horário.

— Você foi muito burra! —

exclamou ela.

— O quê?! Por quê?

— Você deveria ter deixado *ele* te convidar ou marcar o horário!

— Eu nunca o vi na minha vida, Alice.

Ela deu de ombros e como sempre, revirou os olhos de volta para a TV.

Acho que ela estava assistindo “PS. Eu te amo” pela centésima vez, para não falar milésima. O estilo de vida dela, não era tão diferente do meu. Também nunca teve muitos

namorados e as frustrações amorosas, quase sempre eram motivos para tentar me fazer desistir do amor. Bom, por muito tempo isso funcionou. Eu me sentia em um conto de fadas invertido. Eu era uma rã, e o homem, deveria ser o Príncipe a desfazer a maldição de família. O mais interessante é que nesses contos de fadas, a maioria dos vilões são pessoas próximas. No meu caso, apesar de eu amar Alice, ela sempre escondia ao máximo seu ódio por me ver feliz com alguma coisa. Então,

acabei adormecendo no sofá, antes que o filme chegasse na metade. Alice fez questão de deixar o volume no máximo só para me acordar. O resultado foi eu dando de cara com o chão. Não falei nada, só a encarei daquele jeito que ela sempre temeu e ela foi parando de rir aos poucos. Me levantei e fui para o meu quarto. Minha intenção não era dormir, porque eu sei que eu não conseguiria. Mesmo ficando encarando o teto por horas, eu raramente pegava no sono. Aliás, o melhor sonífero sempre

foram os livros. Mas isso não funcionaria. Minha mente havia sido tomada por completo pela imagem daquele homem simpático e encantador. Incrivelmente, acabei pegando no sono mais cedo do que eu esperava, dando lugar aos sonhos com *o homem do terno preto*, para que nada que os meus olhos captassem pudessem interferir nos meus pensamentos.

Então, veio o sonho.

O sonho foi um tanto estranho e parecido com um filme. Começou

com alguns flashbacks dos nossos nove primeiros encontros. Eu apenas me via saindo do restaurante à noite, voltando pra casa e sentia que estava sendo seguida. E era por *ele*. Eu era seguida porque eu sempre dava uma desculpa para não aceitar dar uma volta com ele, além de estar com um pouco de medo, por nunca tê-lo visto na vida. Mas notei que ele não iria desistir tão cedo. Após o nono flashback, veio o décimo encontro, no qual acabei aceitando dar uma volta à margem do Rio Sena. Lembro de que

caminhávamos sem pressa, ambos com as mãos no bolso dos casacos ou da calça e em silêncio. Ele me espiava com o canto dos olhos, sempre que fingia olhar para algum lugar à sua esquerda. Acho que caminhamos por quase meia hora, quando chegamos à *Pont Neuf*. No meio dela, havia um grupo de instrumentistas de música clássica. Uma pequena mesinha com duas taças e uma garrafa de vinho daquela classe de '*Vin D limit  de Qualit  Supérieure*', que são os vinhos mais respeitados pelos franceses da

Classe Alta, além de serem submetidos às degustações técnicas rigorosas. Tive a impressão de que aquilo era para mim. Então, ele pegou em minha mão esquerda, erguendo-a até a altura do meu ombro, enquanto com a outra mão ele tomava minha bolsa e colocava-a em cima da mesinha. “Você tem alguma música preferida?” Ele sussurrou, com a voz grave que agora parecia que um anjo conversava comigo. “É só dizer que eles tocam. Essa noite eles serão nossos.” Ele sussurrou novamente.

Eu estava em um choque inexplicável que não me deixava dizer nada. Eu só o encarava nos olhos e quando desviei o olhar para o horizonte, me vi dançando com aquele homem. Então, os músicos começaram a tocar *When I Fall In Love*, do Rick Astley. Como ele sabia que eu gostava daquela música? Depois de uma dança leve, rodeada pela brisa suave da madrugada da bela Paris, ele preencheu as duas taças e brindou ao amor, como se fôssemos um casal em um relacionamento de anos. E no

final, quando ele estava prestes a me
levar para casa, meus olhos se
abriram para o mesmo pesadelo de
sempre: a minha cruel realidade.

Capítulo 7

Benjamin

Se for ser um dia chuvoso

*Não há nada que possamos fazer para
mudar*

*Nós podemos rezar por tempos
ensolarados*

*Mas isso não vai parar a chuva
Você está sentindo como se você não*

*tivesse um lugar para correr
Eu posso ser seu refúgio até isso
acabar
Nós podemos fazer isso durar pra
sempre
Então por favor, não pare a chuva.*

(Please, Don't Stop the Rain – James
Morrison)

Virei a noite em claro no sofá,
segurando uma garrafa de vinho e
pensando em Charlotte. Eu cochilava
a cada meia hora e ainda enxergava

alguns vestígios dos pequenos flashes que eu via nos sonhos que eu tinha com a moça do restaurante. No pulso, meu *Aeromatic* estava com os ponteiros no quatro. Ainda eram 4h20 da madrugada e meus olhos sequer grudaram para um sono mais profundo. Fiquei surpreso ao me dar conta de que o vinho tinha acabado e eu ainda estava sóbrio. Eu me sentia pesado, como se tivesse um fardo pesadíssimo em cima de mim. A má posição em que eu estava na poltrona dificultou a tentativa de me levantar

e me alongar. Ouvi e senti alguns estalos vindo dos dedos, pulsos e pescoço. Parecia que eu tinha levado uma surra daquelas gangues de Nova Iorque. Aliás, isso me lembra tempos não muito bons da minha adolescência. Morei uns dez anos no subúrbio de Toronto e teve um curto período em que “branquelos riquinhos” como eu não poderiam sequer, passar perto do beco sem saída das gangues repletas de homens fortes e altos. O mais interessante não era o fato de todos

os membros serem negros, mas sim, a presença de muitos brancos. Um tempo depois, entendi que era o dinheiro quem causava essa “união” e a fizesse aceitável. O tráfico de drogas e armas era o que mantinha as duas raças unidas, mas na hora da guerra contra a polícia e o departamento de Narcóticos, era cada um por si. Mas naquela época, eu era um dos garotos mais inocentes do bairro. Nunca entendia porque aqueles grandalhões me encaravam feio, estufavam o peito

pra cima de mim e fechavam os punhos pra mim como se aquilo me fizesse sair correndo como esperavam. E é exatamente essa “tranquilidade” que causava todo esse ódio que eles tinham de mim. Eu não tinha medo deles, pra mim, eram só mais um bando de “desocupados”, como meu pai gostava de dizer. Nos dias de hoje, eu diria que eles eram o tipo de cara que está sempre pronto pra abordar alguém e pedir um dólar. (Isso lhe soa familiar?!).

No dia seguinte, acordei de

cabeça para baixo. Exatamente, de cabeça para baixo! Isso explicava a terrível dor no pescoço, nos ombros e nas costas. Além disso, a ressaca estava começando a deixar minha cabeça prestes a explodir. Levantei-me da poltrona de repente e no mesmo segundo fiquei zozinho, deixando que meu corpo caísse de volta na poltrona. Pela luminosidade do quarto, supus que fosse meio dia. Na verdade, eram dez da manhã. Abri um sorriso ao checar meu relógio, porque eu odiava ficar sem café da

manhã. Após ter certeza de que eu estava realmente acordado, fui tomar um banho rápido e desci, à procura de uma lanchonete. Escondido ao D'Aubusson existia o *Café Laurent*, mas pretendia conhecê-lo apenas mais tarde, à noite. Depois de algumas breves e chatas perguntas sobre onde ficava o *Café Marcel*, consegui um táxi para me levar até lá. Ao descer do carro, notei que as mesas que ficavam do lado de fora estavam vazias em sua maioria. Sentei-me numa delas, que ficava

próxima à porta e esperei não mais do que dois minutos para ser atendido. E apesar de ser dono de um grande restaurante, nunca tive muita coragem para experimentar coisas novas em público. Desse modo, pedi apenas uma omelete feita do jeito que os franceses gostam e um pedaço de *cheesecake*, o melhor do planeta! Ah, e para não ficar com a boca seca, a combinação que os parisienses têm certeza de que não tem erro, chá de gengibre com limão!

O Marcel tinha uma estrutura

simples, porém interessante. Primeiro, por sua cor. Era totalmente escuro, suas paredes e mesas eram pretas e acho que os vidros eram 50% fumê. Geralmente, isso causa certo desconforto e ansiedade. Mas em parte, era elegante e sofisticado. Sua localização era bastante agradável, na esquina de uma rua estreita, a *1 Villa Léandre*, que era repleta de apartamentos e lojas estreitas e bem coladas uma nas outras, como se implorassem por espaço. Alguns ramos de árvores

brotavam de algum lugar das casas e outras já estavam bem crescidas e deixava o ar mais agradável. O trânsito não era intenso, o som que mais se sobressaía era o de risadas incessantes nas mesas ao redor, da música que vinha de dentro do estabelecimento, de uma meia dúzia de lambretas que vez ou outra passavam vagarosamente pela rua composta de pedregulhos. Eu estava sendo tentado a sentar-me numa das mesas que ficavam do lado de dentro e isso por causa da música. Ouvir jazz

em Paris, não é a mesma coisa de ouvir jazz, em Nova Orleans. A diferença não está no ritmo, mas no sotaque, na forma como tocam e cantam. Os americanos cantam como se estivessem com raiva, se estivessem desabafando e finalmente jogando o passado fora com muita dor. Mas os parisienses cantavam com tanta sutileza, daquele modo que faz você encará-los com os olhos semicerrados e poder jurar que eles flutuavam. Eu não sou tão sentimental como minha mãe diz,

mas era isso mesmo. A música te leva para lugares que você jamais poderia voltar de novo, nem em sonhos. Mas é um lugar que parece ser tão comum, que acabamos sendo submetidos a um tipo de Déjà vu.

— É mesmo o Ben Hastings ou estou vendo coisas?! — disse uma voz muito conhecida.

— *William McKenna*. Cara, você engordou! — exclamei surpreso, ao cumprimentá-lo.

— Que é isso cara, assim você

me ofende. — contorceu o nariz.

— O que lhe traz à Paris?! —
perguntei.

— Você sabe, negócios... — ele
cutucou a mesa com os dedos. — E
você...?! Ah, nem precisa responder!
— ele piscou. — Conheço essa cara.
— ele disse, me encarando.

Eu estava com o olhar distante,
mas com um sorriso leve que sempre
me denuncia.

— Que cara?! — indaguei
risonho.

— Francesa tenho certeza de que

ela é. — ele se inclinou e sussurrou —
Mas me conta, é *gata*?

Soltei uma risada tímida, me inclinando para trás.

— Ah, qual é, Benjamin! Onde ela trabalha? Tenho certeza que a conheceu num restaurante, você fez um convite e ela recusou. — ele arquejou.

Olhei pra ele denunciando mais uma vez de que ele estava certo.

— Como é que você sabe dessas coisas, Will?! — perguntei ao cruzar os braços.

— Já te falaram que você parece um detetive?! — comentou e eu ri mais uma vez. — Ah, francesas e o seu jeito super reservado!

— Já! — maneei a cabeça positivamente. — Ela trabalha no *Le Procope*. — respondi.

— Ótimo restaurante. Você conseguiu ao menos o nome dela?! — implicou.

— Charlotte.

— Ah. Deve ser novata.

— Então, você já saiu com todas as funcionárias do restaurante! —

exclamei, nem um pouco surpreso.

— Eu sou um homem de negócios, Ben.

— Claro, claro! — respondi, rindo. Will desde pequeno sempre fora assim, o tipo garanhão que consegue ter todas as mulheres aos seus pés.

— Quando vai ver a moça de novo?

— Amanhã. Meio-dia. — tomei um gole do chá e dei uma bochechada.

— Sua mãe te mataria se te visse

fazendo isso.

Ambos começamos a rir de repente, lembrando das broncas da minha mãe ao redor da mesa.

— Está no D'Aubusson?! — perguntou ele.

— Está me espiando também?!

— Seu status no *facebook*, idiota!

— retrucou ele, quase esfregando o celular na minha cara. — Vai ficar quantos dias?!

— No máximo três semanas. Meu foco são o concurso e os workshops.

— Também pretendo ficar umas três semanas. — Will digitou alguma coisa no celular — Pedirei transferência para o seu Hotel.

— Qual é, vai ficar grudado em mim de novo, Will?!

— Não somos irmãos de sangue, mas você é como um irmão pra mim. Serei o irmão mais velho chato. — ele piscou.

— Irmão ou não, você sempre foi chato e metido.

— Eu também te amo, *brother*! Agora preciso ir. Apareça no Laurent,

estarei lá às 21h. — Will sorriu e se despediu.

Will era meu melhor amigo de infância. Fomos criados juntos desde os cinco anos de idade por aí. Sempre fomos muito chegados, íntimos, já que nenhum de nós dois tivemos irmãos. Para ele, eu sempre fui o protegido. Do jardim até o ensino médio, Will sempre esteve à frente, me protegendo dos grandalhões dos times de futebol e basquete. Fui pego no máximo três vezes pelos gigantes e sempre pelo mesmo líder, o que

facilitou para o Will tirar satisfações. Eu estava no primeiro ano do colegial e ele no último ano. Lembro-me claramente desse dia. Estava chovendo. Will estava me arrastando pelo corredor até a sala do Diretor, tentando tirar satisfações com ele ao mostrar meu nariz quebrado pela segunda vez. Como sempre, o diretor Miller não podia fazer nada sem as burocráticas provas. Então, me vi sendo arrastado pelo mesmo corredor até o refeitório, onde os grandalhões exibiam seus músculos

para as líderes de torcida. Will apenas gritou o nome do capitão e deu um soco no rapaz, também lhe quebrando o nariz. “*Se mexer com ele de novo, eu quebro o resto!*”, rosnava ele. Daquele dia em diante, eu nunca mais tive notícias daquele bando. Mas Will, com certeza deve ter notícias de Brian, o capitão por três anos consecutivos. Já notaram que quase todo capitão de time se chama Brian?

Capítulo 8

Charlotte

*Bem, meus olhos estão cheios de
estrelas*

*Mas eu não as alcanço... Oh, elas estão
tão elevadas!*

*Tenho que acreditar no que estou
vendo, talvez possa tornar-se real
Mas em um mundo moderno isso pode
ser bem difícil de fazer*

(Rise To the Sun – Alabama Shakes)

O sol raiava como eu nunca tinha visto antes, pelo menos não que eu me lembre. Mesmo em dias chuvosos,

cinzentos e com uma cobertura intensa de névoa, Paris ficava linda, sempre charmosa, eu diria. Mas em dias ensolarados, não tinha explicação. A iluminação que o sol dava à cidade era de um *pôr-do-sol* e ficava assim o dia inteiro, até certa parte da noite. Talvez pelo fato de não ver muito esse “fenômeno”, eu sempre ficava maravilhada com a mistura amarelado-alaranjada do sol. De certa forma, esse brilho refletia na maioria das pessoas, que sorriam mais do que o normal, porque todo

mundo sabe que nós franceses, somos conhecidos por sermos mal educados e mal humorados. Se eu pudesse, ficaria o dia inteiro no topo da Torre Eiffel admirando o sol nascer até ele desaparecer e por mais que isso possa parecer idiota ou bobo, a vida é muito curta para levarmos as coisas a sério demais. Eu sempre gostei das coisas simples que a vida oferece, então porque não parar para admirá-las por algumas horas? Não há nada melhor do que pensar na vida em silêncio. Não

quando se está em Paris. E quem disse que a Torre Eiffel é só para os casais apaixonados?

Cheguei ao Le Procope dez minutos atrasada e bem preparada para as reclamações de Liza, o tipo de gerente que só servia pra ficar no pé dos funcionários. Passei direto, fingindo que não ouvia as murmurações e fui para o vestiário me vestir para mais um dia repetitivo e clichê da minha vida de trabalho, para não dizer *profissional*. No final da manhã atendi em média uns dez

casais e depois, Liza disse que alguém gostaria de ser atendido especialmente por mim. Eu não fazia ideia de quem poderia ser, afinal, eu não sabia que isso seria possível num restaurante cheio de garçons, eu acho que não seria possível lembrar-se de todos os rostos que trabalhavam aqui. De qualquer forma, tentei estar o mais apresentável possível para atender o cliente que exigiu que fosse atendido por mim. Liza disse que ele estava no segundo andar e me acompanhou até a mesa em que ele

estava. Não sei por que, mas meu coração acelerou.

— P-pois não? — gaguejei surpresa e Liza afastou para atender um casal.

— Meio-dia. Lembra? — o homem sorriu simpaticamente. — Sente-se. Gostaria que almoçasse comigo, me daria esta honra?

— Me desculpe... Eu não posso, terei de ficar até às 13h. — respondi, me lembrando do que eu tinha prometido no dia anterior.

— Comigo você não será uma

garçonete, será apenas Charlotte, uma convidada. — ele se levantou, puxou uma cadeira e insistiu para que eu me sentasse. — Por favor. — pediu educadamente.

— Não é uma boa ideia... — falei, resistindo e me sentando.

— Pronto. Foi difícil? — ele perguntou, num tom brincalhão. — Agora, escolha o seu prato preferido. — ele me entregou um cardápio e ficou me observando, sorrindo com os lábios.

— Charlotte! O que está fazendo?

— Liza aproximou-se, murmurando.
— Levante-se já daí! — ela tomou o cardápio das minhas mãos e colocou sobre a mesa furiosamente.

— *Pardon?* Fui eu quem a convidou para sentar-se comigo. — disse o homem, se levantando.

— Ela não pode! É uma funcionária e precisa atender os outros clientes! — respondeu Liza, da forma mais educada possível.

— No momento, ela é minha companhia. Aliás, companhia de um *cliente seu*. — chantageou ele, falando

calmamente e com as mãos nos bolsos da calça. Liza ficou sem o que dizer. — A moça loura, de corte chanel, qual o nome dela?

— Megan. — respondi, juntamente com Liza.

— Ótimo, gostaria que ela atendesse o nosso pedido, por gentileza, por que a senhorita deve estar muito ocupada, já que é a gerente. — ele sorriu daquele jeito simpático de novo, sentou-se e eu fiz o mesmo.

— Mandarei chamá-la, Sr. — Liza

levou as mãos para trás e saiu rangendo os dentes.

— *Merci!* — ele disse, em seu francês um pouco falho. — O que foi? — ele perguntou, quando me viu parada feito uma estátua, encarando-o.

— Ah... Isso não acontece com frequência aqui, quero dizer, nunca aconteceu... Não que eu me lembre! — falei ainda surpresa.

— Não acontece com frequência por que as pessoas se deixam ser intimidadas por pessoas como essa

gerente! — ele respondeu arquejante.

— Não sou uma pessoa que afronta esse tipo, acabei me acostumando com o jeito dela... — respondi, ainda desconfortável por estar sentada junto a ele.

— Pois não? — Megan se aproximou me olhando com um sorriso malicioso.

— Já decidiu o que vai querer? — ele perguntou.

— Você sabe. — falei, olhando pra Megan.

— Sim, você é do contra. Adora

uma macarronada! — ela comentou.

— Vou querer o mesmo que ela então. — ele respondeu, ainda olhando o cardápio. — E como é mesmo o nome do vinho que te pedi ontem? — o homem me encarou por cima do cardápio.

— Ah... *Saint-Amour*.

— Isso. E um *Saint-Amour* para acompanhar. *Merci*. — ele sorriu e Megan saiu me olhando daquele jeito quando duas amigas se entreolham quando se trata de homens.

Quando Megan sumiu de vista,

Liza reapareceu me fuzilando à distância com os olhos. Se ela fosse nos atender, eu tenho certeza de que ela faria de tudo pra derrubar alguma coisa em mim de propósito. Seria interessante ver o “homem do terno preto” tirando satisfações com ela a respeito da sua atitude. Aliás, eu precisava saber o nome dele, mas ainda me sentia desconfortável, principalmente por estar de frente pra ele, que me espiava por cima de um jornal o tempo todo. Os poucos minutos que Megan levaria pra trazer

o pedido pareciam uma eternidade, por que o cara ainda me espiava e às vezes dava um risinho só pra me deixar curiosa. Por que ele tanto me olha e dá risinhos? Será que meu cabelo está bagunçado? Está faltando um brinco ou eu troquei os pares? Minha maquiagem está borrada? Meus dentes estão manchados de batom? Ai meu Deus, meu nariz está sujo?! Então tem um inseto no meu cabelo? Uma aranha no meu ombro!

— Dá pra parar?! — falei, com a voz trêmula.

— O quê?! — perguntou ele, dobrando o jornal e formando outro sorrisinho nos lábios.

— Com isso!

— Isso o quê?! — agora ele riu.

— Se você queria me provocar, você conseguiu. — revirei os olhos lentamente.

— Não estou fazendo nada demais! — ele largou o jornal na mesa, se encostou e cruzou os braços.

— Pode falar, meus dentes estão manchados de batom, não é?

— Ah... — ele contorceu o nariz

— Uhum... — ele respondeu num grunhido.

— Ai que droga de batom! — resmunguei, procurando algo que eu pudesse ver meu reflexo.

— Brincadeira! — ele gargalhou e foi parando com risinhos mudos. Fiquei vermelha de vergonha.

— Você não vai me enganar dessa vez! — falei, quando o vi olhando seriamente para o meu ombro esquerdo.

— Não se mexa! — ele disse. Encarei-o com cara de deboche. —

Estou falando sério.

— O quê? — criei coragem para olhar para o meu ombro esquerdo e vi que coincidentemente tinha uma aranha pequena. — Ai meu Deus! Tira, tira, tira! — fechei os olhos e me levantei me segurando para não gritar.

— Fica parada... — disse ele, segurando um riso. — Fica parada, mulher! — exclamou ele, fazendo com que eu ficasse paradinha.

— Já tirou?

— Pronto. Olha só que bonitinho!

— ele ergueu o indicador me mostrando a aranha e depois deu um peteleco nela para o lado.

Depois do escândalo que eu fiz só por causa da aranha, Megan finalmente voltou com os pedidos, acompanhada de Claire, que carregava uma garrafa de vinho e duas taças. Elas ajeitaram a mesa com os itens do modo que nos foi ensinado e depois saíram, dizendo que poderíamos chamá-las, caso fosse necessário. O homem agradeceu com aquele sorriso de

sempre. Aliás, acho que já notaram que aquele sorriso está deixando uma baita marca em mim né? Mas é um sorriso tão cativante, que não dá pra deixar de admirá-lo. Eu não sabia qual era a intenção dele com esse encontro desastroso, mas eu tinha de confessar que eu estava adorando isso. Fazia muito tempo que eu não tinha um encontro e muito menos, um que não estivesse sendo tão desastroso quanto os outros. Só que eu não tive sossego nem na hora de comer. Eu sabia muito bem que ele

ainda continuava me observando, até enquanto eu me deliciava daquela macarronada. Eu provavelmente fazia alguma careta engraçada por sentir prazer em comer daquela macarronada que só havia deliciado uma vez na vida, pra ele ficar sempre sorrindo. Perguntei se ele não se cansava disso e sua resposta foi tão lenta e sincera como ele mesmo.

— Por que eu me cansaria disso?! — ele preencheu as duas taças até a metade do vinho. — Acho engraçado como algumas mulheres

reagem aos meus convites.
Principalmente como se comportam!

— Você convida muitas
mulheres para sair?! — perguntei.

— Por quê? Sou tão bonito
assim?! — ele ergueu o queixo e
manteve o sorriso nos lábios.

— E bastante modesto por sinal!
— retruquei.

— Não. — ele tomou mais um
gole do vinho. — Acho que com você,
esse é o único encontro em que estou
me saindo bem.

— Você? Ah... Isso foi uma

indireta?! — cerrei os olhos ao encará-lo.

— Não mesmo. — ele depositou a taça de volta na mesa. — Não costumo me dar muito bem. Apesar de ser observador em alguns momentos, em outros sou bastante distraído. Além de ser um pouco medroso. — ele sorriu timidamente.

Ah, aquele sorriso. Eu queria que ele parasse um pouco com isso! Daqui a pouco vou começar a babar e a tombar a cabeça igual uma adolescente apaixonada. Por fora, eu

parecia uma mulher estabaneada, por dentro, eu estava com os cotovelos sobre a mesa e o queixo apoiado nas mãos igualzinho uma adolescente. Ele havia pedido uma sobremesa e enquanto Megan não voltava, ele segurava a taça sempre na altura das narinas, sempre apreciando o aroma do vinho que era considerado o mais romântico de Paris. Aliás, preciso confessar que ele havia feito uma ótima escolha, pois combinava muito bem com ele e todo o seu charme e romantismo. Ele era um romântico

diferente. O tipo que não só fala, mas que pratica.

Capítulo 9

Benjamin

*Você sabe que não posso sorrir sem
você*

Não posso sorrir sem você

Não posso rir e não posso cantar

Acho difícil fazer qualquer coisa

(I Can't Smile Without You – Barry
Manilow)

Adoro observar as mulheres. Principalmente mulheres como a Charlotte. Naturalmente engraçada e desastrada, algo que para ela é uma coisa ruim, enquanto para mim, é uma das coisas que mais me conquistam. Por sua expressão cansada e um pouco preguiçosa, percebo que ela não está satisfeita com o seu trabalho, mas ao mesmo tempo gosta do que faz. Entende muito bem de temperos e vinhos. Têm mãos delicadas e bem cuidadas

e é bastante atenciosa para com os detalhes. Me explicou sobre as posições dos talheres e ouvi pacientemente como se fosse tudo novo pra mim. Tinha quase certeza de que é também uma amante da culinária. Assim como eu também tinha certeza de que o lugar dela não era ali, usando roupas de garçoneiro, mas sim atrás de um balcão de mármore com a mão na massa e não estou sendo machista, apenas acho que ela deveria valorizar o seu talento. Como sei disso? Apenas sei.

Simplesmente suponho e modéstia à parte, acerto na maioria das vezes.

Os minutos estavam passando rápido demais e vi que os pratos estão vazios, assim como o recipiente da sobremesa. Despejei nas taças o restante do vinho e segurei a garrafa por um tempo, para ler as informações do rótulo, uma mania incorrigível. Apesar de termos um interesse em comum, eu não fazia ideia de como levar a conversa adiante. Na verdade, minto. Eu sabia sim, só estava esperando o relógio

marcar 13h para que pudéssemos nos livrar da gerente rabugenta. Não foi fácil, mas conseguimos. Mal havia chegado à Paris e já tinha ganhado uma fã. Da próxima vez que eu voltar ao Le Procope, perguntarei à Liza se gostaria de um autógrafo e o número do meu celular... Brincadeira, meu número eu não passo.

— Como você consegue...? — perguntou Charlotte, ao sair do restaurante. — Ser sério e charmoso, mas ao mesmo tempo engraçado e encantador?!

Essa era uma boa pergunta.

— Isso é bom? — perguntei, ajeitando a gola do sobretudo.

— Bem, acho que sim... Quero dizer, tenho certeza.

— Se é bom, então é segredo! — respondi. Logo, ela parou de frente pra mim.

— Ah... Esqueci do misterioso! — completou ela num tom de implicância. — Para onde vamos?

— *Sena.* — respondi sorrindo, como se quisesse lembrá-la do dia anterior.

Houve silêncio durante todo o percurso, quando chegamos à margem esquerda do Rio, Charlotte quebrou o silêncio, parada de frente para mim, mas encarando o horizonte que estava atrás.

— Você não é francês. Se for, não se parece com um.

— Sou de Toronto. — respondi.
— E você é uma francesa nata, amante da culinária!

Ela focou o olhar em mim com curiosidade, mas não disse nada.

— Você entende de molhos,

temperos e vinhos, além disso, entende Etiqueta melhor do que eu!

— Você é *chef*, então?

— Sim. Minha mãe adora as gororobas que faço! — comentei e ela riu. — Agora vivo em Edmonton e tenho um restaurante que fica na rota York Factory, o estabelecimento leva o mesmo nome da rota. — completei.

— Está nesse ramo há muito tempo? — indagou ela, se encolhendo por conta do frio.

— Quase cinco anos. — retirei meu sobretudo e coloquei sob seus

ombros enquanto ela me encarava incrédula.

— Então presumo... — ela fez uma pausa ao receber meu casaco e depois continuou. —... Presumo que esteja aqui para as conferências e concursos anuais de culinária...*Obrigada*... — ela sussurrou por fim.

— A primeiro plano sim, mas também sempre tive desejo de conhecer a famosa Cidade Luz. — respondi sorridente, após manear a cabeça positivamente.

Novamente o silêncio se instaurou e o frio parecia que não nos daria qualquer folga. Mais uma vez, me vi distraído e ao mesmo tempo atento só para com o jeito dela. Tinha uma postura delicada e sutil, sempre fazendo aquele movimento clichê de colocar a franja atrás da orelha, mas o vento insistia em tapar-lhe os olhos com seu cabelo. As mãos ficavam entre os cabelos e a gola do meu casaco. *O quê você está fazendo, Ben? Leve ela para algum lugar mais aconchegante!* De repente acordei do

transe e tentei pensar em algo. Convidei-a para voltar à caminhada enquanto perguntava se em Paris era sempre frio desse jeito. Então sem perceber chegamos ao *Pont Neuf*, me lembrei do Café Laurent e convidei Charlotte para continuarmos nossa conversa por lá. Percebi que aos poucos ela estava se sentindo à vontade comigo e por isso, aceitou ir até o Café. Durante o percurso, que por ser a pé era um pouco longo, Charlotte me contou sobre sua vida em Lyon, cidade onde nasceu. Pude

notar que pela forma como falava, era apaixonada pelo pai, que era oficial da Marinha Francesa. As caretas eram expressas sempre que falava da mãe ou da irmã mais nova. Havia sido uma caminhada até confortável, apesar de o silêncio ter tomado o momento por um bom tempo. Tivemos sorte ao chegarmos ao Café, pois no horário ele não estava tão cheio e Charlotte preferiu sentar-se próximo ao palco, onde uma banda tocava blues. Apesar de fazer pouco mais de uma hora e meia que

havíamos almoçado, não resisti aos doces que ofereciam e pedi duas porções pequenas de Fondue.



Havíamos aproveitado boa parte da tarde como eu nunca tinha feito antes, não na companhia de uma mulher tão paciente, educada e brilhante como Charlotte. Ela continuou falando de sua família, das dificuldades em lidar com a irmã mais nova por causa da morte da mãe e pelo fato da caçula pensar que o pai

sempre preferiu a mais velha. Eu infelizmente não poderia tentar aconselhá-la sobre isso, pois nunca tive irmãos. Mas pelo menos, pelo que ela tinha me dito, as coisas já estavam melhores, apesar do pai ainda continuar ausente. Falei um pouco de mim também, o fato de não ter irmãos e viver quase a minha vida toda sozinho e quase sempre isolado, apesar de ter o Will como amigo e quase um irmão mais velho. Ela voltou a tocar no assunto sobre mulheres e falei que nunca fui bem

sucedido nos encontros.

— Duvido! — ela respondeu ainda incrédula, sobre tudo o que eu lhes dizia sobre o fracasso com as mulheres. — Mas de qualquer forma, você está se saindo muito bem comigo... — ela arquejou.

— Deve ser sorte. — fiz uma pausa, pensativo. — Ou destino... — falei, batendo a ponta da colher levemente sob a mesa.

— Destino? Nunca ouvi falar dessa palavra... — ela brincou num tom irônico.

Eu conseguia ver perfeitamente que ela não acreditava mais no amor, através do sorriso e no olhar fraco que se mantinha firme em seu rosto desde o dia em que passei a observá-la. Não sei se eu deveria perguntá-la a respeito, se tem uma coisa que eu não gosto de fazer é *colocar o dedo na ferida* de uma mulher. Charlotte me parecia uma mulher bastante sensível, ainda mais pelo fato da mãe ter falecido tão cedo e não existe ninguém melhor do que a nossa mãe para nos aconselhar sobre o amor.

Me pergunto se o pai já aconselhou-a alguma vez, pois ele também seria de grande ajuda. No entanto, eu não sabia mais como levar a conversa adiante. Falar sobre as frustrações amorosas no primeiro encontro talvez nunca fosse aconselhado fazer. Até mesmo para a segurança de ambos os pretendentes. Se um rapaz está num encontro com uma moça e então decidem conversar sobre o último relacionamento que ela teve, o rapaz corre o risco de ser magoado com o simples fato de a moça

começar a falar mais do que deveria sobre o ex, provando que de certa forma, ainda sente falta dele. Isso vale para os rapazes também e sequer um conselho: se você quiser tentar se relacionar de novo com outra pessoa, dê um tempo para si mesmo, antes de começar os flertes!

Capítulo 10

Charlotte

*Não me abandone, é preciso esquecer,
Tudo pode ser esquecido, o que já ficou
pra trás.*

*Esquecer o tempo dos mal-entendidos
E o tempo perdido tentando saber
como.*

*Esquecer as horas que às vezes matam
a golpes de porquês
O coração feliz
Não me abandone*

(Ne Me Quitte Pas – por Maria Gadú)

Minha vida amorosa sempre foi

uma bagunça. Uma hora eu quero tal pessoa por perto, outra hora quero estar o mais afastado possível. Uma hora eu quero esquecer tudo isso e outra hora não quero que a pessoa vá embora. Eu não sei se isso é normal ou se eu deveria procurar um terapeuta. Talvez fosse por isso que os meus relacionamentos nunca duraram muito, eu diria que eu tenho um sentimento bipolar. Por mais que *o homem simpático do terno preto* fosse diferente dos outros com quem já convivi, eu ainda sentia essa

“coisa”. Eu queria que ele me deixasse em paz, para evitar que fôssemos iludidos e tivéssemos mais um relacionamento fracassado para a nossa lista, mas ao mesmo tempo, eu o queria ao meu lado o tempo todo. Apesar de tudo isso, eu me sentia à vontade de uma forma que eu nunca senti antes. Acho que essa coisa de “*Não vá, volte aqui*” é normal entre mulheres indecisas como eu. E embora *Jacques Brel* não tenha composto *Ne Me Quitte Pas* com relação ao amor, ela se encaixa

perfeitamente na minha situação amorosa.

Depois de ter parado pra pensar, eu tinha me lembrado de que eu havia almoçado, dado uma volta até chegarmos ao Laurent e que estava quase me apaixonando por um homem cujo qual eu não sabia o nome. Como isso era possível e como ele conseguia fazer isso? Como conseguiu fazer com que eu simplesmente me esquecesse de perguntar o seu nome? Nem mesmo nos momentos de silêncio, sequer

havia pensando em perguntar seu nome. Tanto naquele congelante silêncio, quanto nos momentos em que ele falava, eu ficava divagando, com o olhar distante, mas sempre atenta ao que ele dizia. Sentado de frente para mim, ele me analisava com os olhos, o meu comportamento e os meus desvios de olhar. Parecia querer encontrar uma forma de me ajudar em alguma coisa. Eu estava confusa. Não sabia exatamente o que pensar a respeito. Não havia se passado nem dois dias inteiros e de

repente, um homem misterioso aparece na minha vida completamente disposto a conquistar uma mulher totalmente insegura como eu.

— *Oh! Mon Dieu!* São quase três horas. Preciso ir, Alice deve estar preocupada! — falei com espanto ao olhar para o relógio do celular.

— Oh, tudo bem! Acabei me esquecendo da hora também! — rapidamente o homem se remexeu na mesa e levantou-se, para se despedir.

— Bem... Não sei o que dizer sobre tudo isso... — falei. Acho que eu deveria estar parecendo uma menina de 5 anos.

— Foi um prazer ter a sua companhia hoje, obrigado! — ele disse. — Quer que eu a acompanhe?

— Ah, não precisa. Não quero incomodá-lo, *merci*. — respondi timidamente.

— Tudo bem, não irei insistir! — ele riu, colocando as mãos no bolso e depois a retirou novamente.

— *Plaisir!* — agi feito uma

princesa levantando a borda do casaco escuro.

— *Plaisir, mon Chéri!* — ele se inclinou e continuou com o mesmo sorriso. — Até a próxima!

Fui andando até a saída do Laurent olhando para trás várias vezes, o que resultou em um tropeço e depois em um esbarrão. A forma como ele estava mexendo comigo era de certo, completamente inexplicável e desastrosa. No caminho de volta pra casa, fiquei pensando até onde isso chegaria. Eu ainda não havia

descoberto quanto tempo ao certo ele ficaria em Paris. Mas um lado meu torcia para que ele tivesse motivos a mais para ficar mais tempo. Além disso, eu também precisava descobrir aonde é que ele estava hospedado. Cheguei em casa e Alice estava fazendo arte na cozinha tentando preparar a famosa panqueca dos Dupont, mas ela nunca negou que realmente não levava jeito pra isso. Ela me olhou, deu um sorriso torto dizendo “você sabe que não tenho jeito pra isso”, olhou para a

massa e tornou a olhar para mim agora com estranheza. Seus olhos estavam parados nos meus ombros, acho que no que eu estava vestindo por cima. “*Meu Deus! O casaco!*” entrei em desespero. Só que o pior estava por vir. Quando Alice viu meu espanto, simplesmente encheu a mão com farinha e jogou em mim, resultando em... Você sabe, um desastre no belo casaco do *homem do terno preto* e do *sorriso encantador*.

— Que ótimo! Como vou explicar isso?!

Resmunguei furiosamente e no mesmo instante, entrei em pânico.

Capítulo 11

Benjamin

*Eram melhores os dias
de desfazer a vigília*

Todo sinal ao meu redor dizia: cautela.

*Quanta estratégia incumprida
aquela noite sem lua
você, por exemplo,
tão bem vinda e tão inoportuna*

(Inoportuna – Jorge Drexler)

-

Sim, é claro que eu notei que ela estava indo embora com o meu casaco, isso significava que nos veríamos em breve novamente, por isso continuei sorrindo mesmo após os tropeços dela sem dar qualquer

pista. Quando ela passou pela porta para ir embora, me peguei imaginando a reação dela ao perceber que estaria usando o meu casaco. Seria um tanto engraçado vê-la entrar em desespero por isso. Aliás, eu precisava sair logo do Café, antes que ela voltasse para me devolvê-lo. Tratei de pagar os pedidos o mais rápido possível e fui para o Hotel, que ficava acima do estabelecimento. Acabei encontrando Will no saguão prestes a subir com suas malas. Quando ele disser que vai

mudar certos planos por causa de você, nunca duvide dele! Logo que a recepcionista me viu, ela já pegou a chave do meu quarto e estendeu a mão por cima do balcão para me entregar. Agradei com um aceno de cabeça e corri para ajudar Will com sua bagagem.

— Precisa de uma mãozinha aí?!

— perguntei ao me aproximar, dando leves tapas nas costas dele.

— Não quero *mãozinha* em lugar nenhum não, rapaz! — ele respondeu.

— Sempre bem humorado né,

Will! — retruquei a piada rindo, enquanto pegava uma das malas dele.

— Seremos vizinhos. — ele comentou ao entrar no elevador.

— Qual quarto?

— Nove.

— Vai me dizer quanto tempo vai ficar?

— Não sei ao certo, você sabe...

—... Você é um cara de negócios, eu sei. — completei. — Mas e as mulheres? Como arranja tempo para elas?!

— Por isso gosto daquelas que

adoram tecnologias. Posso mantê-las comigo até no trabalho! — ele respondeu com satisfação.

— Me sinto um extraterrestre no meio de tanta tecnologia... — confessei para mim mesmo.

— Você é um, Ben. — ele apertou meu ombro esquerdo e saiu puxando sua mala de rodinhas pelo corredor e parou frente à porta do quarto nove. Esse era o Will, sempre sincero.



Eram onze e meia da noite

quando eu ouvi os berros do Will que vinha do saguão. Eu conhecia muito bem aqueles berros: ele estava bêbado. Eu supunha que ele estivesse mexendo com a mulher de algum cara “bombado”, porque geralmente ele só se mete nesse tipo de confusão. Desci pelas escadas juntamente com outros hóspedes curiosos que ficaram em alguns degraus para enxergarem melhor o que estava acontecendo. Dei uma rápida olhada para a entrada do Hotel e depois para o balcão, onde a recepcionista

parecia chamar a polícia. Então, entrei na roda e a briga parecia não ter começado *ainda*, pois Will estava sendo agarrado por um homem alto e forte, de um modo estratégico, tentando impedir que acontecesse um desastre. O outro era como eu esperava, da mesma estatura do Will, só que bem mais forte e ele parecia determinado a dar uma lição nele.

— Cuidado, Tony! Não se meta nisso! — dizia uma mulher. Ela era jovem, alta, tinha cabelos acastanhados e era branca. Creio que

seja esposa do cara que está segurando Will.

— A polícia deve estar chegando, vamos embora daqui, Jeff. — sussurrou um rapaz baixo e magrelo para o grandão.

— Foi salvo por uma sirene, babaca! — o grandão apontou o indicador bem próximo de Will que apenas sorriu sarcasticamente.

— Manda beijinho pra sua morena... — a voz de Will soou provocadora e bem rouca.

— Não provoca, Will! —

exclamei, me aproximando e bloqueando a passagem para o grandão que voltou para bater nele.

— Você o conhece? — perguntou o cara que segurava Will.

— É meu amigo... Desculpe por isso...

— Irmão. Sou... teu irmão... que falta de... Consideração, *Benji*. — ele disse.

— Ok, Will. Levanta. O que foi que você aprontou dessa vez? — perguntei, agora segurando-o com dificuldade.

— Só lembro do tapa da morena... — ele disse sorrindo e escorregando.

— Senta aqui. Vou buscar alguns comprimidos, não levante a bunda daí!

— Fique tranquilo, estaremos de olho nele. — disse o homem.

— Tenho dipirona na bolsa, se servir... — ofereceu a jovem de cabelos castanhos, entregando a cartela de comprimidos em seguida.

— Ah, obrigado. — agradeceu pegando dois comprimidos e devolvi

a cartela. — Vou buscar água...

— Não precisa... Ainda tem algo aqui... — Will ergueu a garrafa de vodca.

— Me dê isso aqui. — tomei a garrafa das mãos dele — Tome, engula isso!

— Desculpe o inconveniente. Meu amigo bebeu demais. E obrigado pela ajuda... — falei atropelando as palavras — Eu me chamo Benjamin.

Logo após eu tentar me apresentar formalmente, Will começou a dar vômitos, corri com ele

para o banheiro mais próximo e tivemos de deixar a cordialidade para outra oportunidade.



Pode-se dizer que Will sempre teve caráter, mas o vício por bebidas parecia estar destruindo-o cada vez mais. Antes, mesmo bêbado ele costumava se controlar e não se metia em encrencas, tinha respeito e se dava bem até com as mulheres dos “parceiros”. Mas isso mudou de repente e eu nunca entendi o porquê.

Talvez as bebidas estejam mais fortes, ou talvez ele não seja mais forte o bastante para beber como antes. Ele estava perdendo o respeito por si mesmo e estava se tornando irresponsável novamente, como nos tempos do colegial. Se isso foi causado por uma mulher, eu saberia e de qualquer forma, não vem ao caso. Acontece que depois dessa crise, sou eu quem está cuidando dele agora, mas nem sempre estarei ao lado dele para ajudá-lo. E o fato de ele ser um pouco folgado nunca foi

novidade.

Capítulo 12

Charlotte

Me pare na esquina

*É onde você me atingiu como uma
visão*

Eu, eu, eu não estava esperando

*Mas quem sou eu para dizer pro
destino onde ele deve ir?*

*Não pisque, você pode perder o
momento*

Veja, nós temos só o direito de amar ou

deixar

*Você encontra e guarda pra você
Porque não é todo dia você tem a
chance de dizer*

(Brighter Than The Sun – Colbie
Caillat)

*“Oh, this is how it starts, lighting
strikes the heart, it goes off like a gun,
brighter than the sun, Oh, we could be
the stars, falling from the sky, Shining
how we want, brighter than the sun”.*

Era isso que eu costumava fazer

quando eu estava encrencada: cantar músicas alegres e ritmadas para não chorar ou entrar em desespero. Comer sempre me ajudava também. Aproveitei que Alice não estava em casa para fazer panquecas e enquanto isso, eu tinha de pensar em como limparia *aquela* sujeira. Deixei a televisão ligada num dos meus canais Discovery preferidos, o Home & Health que exibia "*Say Yes to the Dress*". Eu sempre me divertia assistindo-o, achava engraçado a forma como as noivas enlouqueciam

só por causa de um vestido, pelo valor, pelo tamanho, pelo tecido dentre outros detalhes. Era inevitável não me imaginar no lugar delas: escolhendo um vestido de alto valor, no modelo tomara-que-caia todo trabalhado em renda e sem véu. Nunca fui assim, de sonhar com casamentos. Eu só passei a pensar nessas coisas depois que... Ah, não acredito! Isso começou depois que eu conheci *o homem do terno preto!* Droga, juro que tentei não me apaixonar de novo, mas como é que

ele consegue?

Meia hora depois, as panquecas já estavam prontas e eu deveria ter comido umas dez, acompanhada de uma variedade de coberturas e geleias de frutas. Eu diria que estava de ressaca tanto de panquecas quanto da meia garrafa de vinho que eu havia consumido e a essa altura, eu já estava criando fantasias. A primeira foi eu me casando com o cara misterioso. Imaginei tudo desde o dia do pedido oficial, no topo da Torre Eiffel, até o grande dia, quando

ele vestia um terno cinza e uma gravata vermelha escura. Ele estava com aquele mesmo sorriso simpático e encantador no altar. E por ser naturalmente desastrada, eu tinha de tropeçar até na minha imaginação.



Eu não fazia ideia de como limpar aquela sujeira, então pensei em ir até a lavanderia e descobrir alguma senhora que fosse mestre em tirar manchas em casacos como aquele. Eu não conheço muito bem os

tipos de tecidos, mas, se for camurça eu acho que estava muito mais encrencada. Quando virei a esquina à minha esquerda vi a lavanderia lotada. *“Ótimo, não vou limpar isso nunca!”*, resmunguei sozinha.

— Limpar o quê?! — uma voz grave perguntou por trás de mim.

Meu coração acelerou e eu não entendia o por que.

— Ah... Você! — exclamei surpresa e logo escondi o casaco com as mãos para trás feito uma criança.

Ele deu uma risadinha pela

atitude e me encarou com as sobrancelhas arqueadas, como se quisesse que eu lhe dissesse o que estava acontecendo. Eu amava aquela pose dele: os olhos fixos no nada, o sorriso simpático nos lábios e as mãos nos bolso da calça. Continuei parada de frente para ele, com as mãos para trás ainda segurando o casaco, divagando e esperando que ele dissesse algo. Eu também adorava a voz dele. Era grave e suave ao mesmo tempo, tranquila e forte, que se eu o deixasse sussurrar qualquer

coisa, onde quer que eu estivesse, eu poderia fechar os olhos e desejar estar numa cama ao lado dele, numa manhã fria de domingo. Ótimo, esse é o sinal de que eu realmente estou apaixonada pelo cara que eu ainda nem descobri o nome!

— Você está bem?

— Ah... Sim, claro!

— Bem, preciso do meu casaco de volta. — ele sorriu de uma forma que eu não saberia descrever muito bem e então estendeu a mão.

— Ah, claro... — soltei os braços,

estendi a mão para entregá-lo, mas não consegui soltar o casaco.

Ele puxou uma vez, puxou duas e não soltei de jeito nenhum. Então ele riu timidamente.

— Qual o problema? Já está com saudades?! — brincou.

— Claro ora... Não! Espere... — ele pegou o casaco educadamente e o abriu para vesti-lo.

Mas o que foi que eu disse?

— Você dormiu e acordou com meu casaco?! — ele perguntou risonho.

— Não... Ah... Eu, eu cheguei em casa e... Minha irmã jogou... Jogou massa de panqueca em mim! Desculpe-me, por favor, não foi de propósito! Prometo que darei um jeito de limpar, não ligo se ficar caro...

Aí ele soltou uma risada e cruzou os braços. Parecia estar se divertindo com o meu surto.

— Charlotte... — ele disse.

—... Ou se você conhecer alguém, eu posso te pagar pelo conserto...

—Charlotte!

Ele me pegou levemente nos

braços e me encarou de perto, me deixando completamente muda, podendo sentir perfeitamente sua respiração.

Encarou-me profundamente nos olhos e senti como se um cupido estivesse lançado uma daquelas setas do amor através dos olhos do... Ah, esqueci que ainda não encontrei tempo para descobrir o nome dele. E acho que pelo fato de não saber seu nome, esses encontros estavam ficando cada vez mais interessantes ou talvez não fizesse diferença alguma. Ele mexia comigo

de uma forma tão incrível, que eu conseguia me esquecer de qualquer coisa, mas ao mesmo tempo, me lembrava dos defeitos, me preocupava com o batom – principalmente depois daquela brincadeira dele no restaurante –, ficava sempre com a mão no cabelo, ajeitava a roupa e essas coisas que mulheres como eu sempre fazem na frente de um homem como ele. E ele parecia ser despreocupado com esse tipo de atitude. Eu sempre o via rir do meu jeito estabonado e isso fazia

com que eu me sentisse mais à vontade perto dele. Acho que havíamos ficado quase vinte minutos conversando naquela esquina, ou melhor, encarando um ao outro e dando risadinhas sem graça.

Duas horas depois, estávamos nos despedindo na porta do Café Laurent.

Capítulo 13

Benjamin

*Em outras palavras, por favor, seja
sincera*

*Em outras palavras, estou apaixonado
por você*

Encha meu coração com música e

Deixe-me cantar sempre mais

*Você é tudo que por muito tempo
procurei*

Tudo que eu idolatro e adoro

(Fly Me to the Moon – Frank Sinatra)

Almoçar no Le Procope estava se tornando um hábito e sim, confesso que era *também* por causa de Charlotte. Sempre que Megan me via, logo abria um sorriso em direção a ela, que se prontificava rapidamente para me atender. Não sei se era porque eu estava apaixonado, mas eu sempre achava engraçada a forma como ela ajeitava a roupa e o avental, retirava do bolso o bloco juntamente com a caneta e sorria para mim de

forma doce e tímida. Eu poderia ficar admirando ela ali por horas, ela segurando o bloco feito uma estátua esperando eu dizer alguma coisa. Acabei fazendo isso contra a minha própria vontade, fazendo com que ela ficasse mais tímida do que o normal.

— Bem, enquanto você decide, vou atendendo outros clientes, tudo bem? — ela disse, saindo em direção a uma mesa atrás de mim.

— Seu prato preferido. — respondi, pegando em seu braço levemente não deixando ela ir.

— *Pardon*. O quê?

— Quero experimentar o seu prato preferido. — falei. Ela abriu um sorriso tímido e saiu sem dizer nada.

Se bem me lembro, já fazia quase uma semana que eu estava em Paris e ainda não havia feito minha inscrição para o workshop que haveria de acontecer no *Ferrandi*, a melhor escola de gastronomia de Paris. O *Le Cordon Bleu* já havia começado as aulas para os novatos e as inscrições já haviam se encerrado. De qualquer forma, o curso é voltado para turistas

não profissionais na área, mas eu faria com o maior prazer, afinal, estou em Paris! Falando nisso, não vou sair daqui enquanto não visitar a Torre Eiffel, o Louvre, o Bateau Lavoir, o Marché d'Aligre, o Jardim Catherine-Labourré, a Catedral de Notre Dame, o Ópera Garnier, a igreja Madeleine, o Place des Voges, o Conciergerie, o Ópera Bastille, perambular pelas pontes mais famosas...

Dá pra fazer isso em duas semanas?



O Le Procope estava cheio. Parecia impossível caminhar sem se esbarrar em alguém – e quase provocar um desastre com os garçons que carregavam as garrafas de vinho com uma só mão. Vários casais corriam os olhos pelas mesas aleatoriamente desocupadas, torcendo para que conseguissem alguma a tempo, mas em questão de segundos estavam sendo ocupadas por grupos de amigos. Apenas a mesa

onde eu estava sentado havia assentos de sobra e pareciam estar reservados para alguém que eu convidaria para se sentarem. Esse pensamento foi tão repentino quanto à rápida olhada que dei no rumo de Charlotte, que estava acompanhada de um casal. Se bem me lembro, era o mesmo casal que eu havia conhecido há uns dois dias atrás, naquela confusão com o Will. Me levantei depressa, com a intenção de chamar a atenção deles, que logo me reconheceram e acenaram.

— Como vai... ? — o rapaz estendeu a mão e hesitou antes de tentar acertar meu nome.

— *Benjamin*, meu amor. — respondeu a esposa.

— Isso, Benjamin. Sou péssimo com nomes! — se desculpou.

— Acho que agora dá para nos apresentarmos formalmente! — brinquei. — Sentem-se. — indiquei os assentos vazios.

— Não, não queremos incomodá-lo!

— Aonde vão se sentar, então?

— Bem... — eles se entreolharam e deram um risinho. — Tudo bem, então!

— Fiquem à vontade!

— Obrigado. *Anthony!* —
apertamos as mãos.

— Eu sou *Louise*, obrigada por deixar nos juntarmos a você!

— Não precisa agradecer! —
contorci o nariz. — Bem, como já sabem sou Benjamin e esta é Charlotte. — ela sorriu timidamente.

— Vocês são... — ambos apontavam aleatoriamente para nós

dois.

— O quê? — Charlotte se encolheu.

— Ah, não, não! Não somos um...

— Oh, desculpe. Não fazíamos ideia... — Louise ficou vermelha.

— Foi só... Não sei, bem... Aliás, por que te apresentei?

— Eu não... — Charlotte se recompôs. — Vocês têm algum pedido? — dirigiu-se ao casal.

— Ah, por enquanto só um vinho, né amor?

— Eu sei que estamos em Paris,

mas... — Anthony foi cortado.

— Amor, aqui não. — Louise cochichou.

— Que foi?

— Estamos em Paris!

— Não custa nada perguntar...

Por um acaso, vosso restaurante serve o bom e velho *Montalcino*?

— *Brunello de Montalcino*?!

— Exato! O melhor da Toscana!

— afirmou, empolgado.

— Sim, sim! Veio de lá?

— Não, sou de Milão. Morei um tempo em Veneza e desde então,

estou em Palermo.

— Veneza deve ser um sonho!
Você também é de lá?! — perguntou à
Louise.

— Não, sou de Boston. — ela
sorriu.

— Uau!

— É. É uma longa e complicada
história de amor! — ela respondeu
por fim.

— Sou uma ótima ouvinte, caso
queira me contar! — Char brincou.

— Charlotte! — sussurrei,
erguendo as sobrancelhas em sinal

de que a gerente estaria se aproximando para dar mais uma daquelas broncas.

— Ah, droga. Preciso ir, já trago o seu *Brunello*!

Liza se esbarrou em Charlotte de propósito, como se quisesse dar uma lição nela e quando passou por mim, me fuzilou com os olhos, se fosse possível, eu já teria virado churrasco só com aquela fuzilada dela. A manhã toda foi quase assim, cheia de olhares ameaçadores vindos da gerente, de incidentes provocados

propositalmente tentando forçar Charlotte a cometer erros inadmissíveis. Mas não deixei que isso estragasse meu dia. E não era só eu que estava incomodado com a atitude daquela mulher. Pude ouvir muito bem os resmungos dos outros clientes a respeito do modo como ela tratava alguns clientes e os funcionários.

Enquanto Charlotte preparava os pedidos, Anthony quis abrir o jogo como se fosse um melhor amigo de tempos.

— Você gosta dela. Ela gosta de você. Porque complica tudo?

— O quê?! Como... — fiquei em silêncio.

— O modo como você a encara.
— Louise riu.

— Não tem outra palavra para descrever isso, a não ser...

—... "*Apaixonado*". — completou Louise.

— Ela ainda parece ter medo de mim, mas ao mesmo tempo parece ficar a vontade comigo. Não entendo o porquê. — respondi.

— Talvez ainda esteja passando por uma decepção amorosa... — respondeu Louise.

— Toda mulher procura num homem, o que o pai é para a filha, você sabe disso.

— Pelo que sei, Charlotte não conviveu muito com o pai. Ele era oficial da Marinha. — respondi.

— Então, você precisa ser para a Charlotte, o que você gostaria de ser para sua filha. Não exatamente um herói, mas um cara em quem ela possa confiar. Alguém que possa

fazer do amor algo recíproco entre ambos. Você não tem de só conquistá-la, precisa merecê-la.

Você não tem de só conquistá-la, precisa merecê-la.

Isso ficaria ecoando em minha cabeça o dia inteiro. O quê eu poderia fazer para merecê-la? Como eu faria com que ela confiasse em mim? Seria possível fazer isso em duas semanas? Talvez valesse a pena ficar um pouco mais que duas semanas. Talvez um mês. O fato é que eu parecia estar perdendo toda aquela “manha” de

saber conversar com as mulheres a respeito. Estava voltando a ser aquele garoto tímido, sem jeito nenhum para lidar com garotas. Mas eu precisava ir por partes. O próximo passo seria deixar as coisas acontecerem naturalmente. Preciso conhecê-la melhor. Não dá pra forçar isso, não dá pra ter uma previsão. É preciso paciência e compreensão.

Você não tem de só conquistá-la, precisa merecê-la.

Capítulo 14

Charlotte

Acho que não me lembro muito bem de quando foi a última vez que visitei o jardim *Catherine-Labouré*. Na verdade, fazia muitos anos que eu

não conhecia mais Paris e muito menos me lembraria de como era Lyon. O falecimento da minha mãe nos deixou totalmente de ponta a cabeça, confusos e sem qualquer vontade de sair de casa por longos meses. Sem contar com o fato de o *Dupont* ter sido fechado sem qualquer aviso prévio. Eu e Alice estávamos sobrevivendo à custa do meu pai, mas chegou um tempo em que eu não conseguia ficar parada e presa dentro de casa. Mas ainda assim, a ideia de que minha mãe não

queria que eu seguisse o ramo culinário continuava me incomodando. Demorou muito tempo para que eu voltasse a colocar a mão na massa, reaprendesse as receitas básicas do meu avô e estivesse pronta para trabalhar em um restaurante qualquer. E no final das contas, acabei parando num grande restaurante, porém, fazendo o que eu menos queria: sendo garçonete.

Mas eu sentia que as coisas estavam começando a mudar e por

mais ridículo que seja, isso havia começado depois que eu conheci o *canadense*. Do mesmo modo que alguém vai embora e nos deixa desorientados, sempre vai aparecer *alguém* especial para organizar nossa vida outra vez. Mas eu não tinha certeza de que eu deveria me entregar totalmente àquele homem. Eu não poderia me apegar a alguém que em duas semanas voltaria para casa que ficava do outro lado do mundo.

Aproveitei minha folga na sexta

para redescobrir Paris. Eu começaria pelo Jardim, apesar de não estar nem um pouco a fim de pegar o metrô Sévres Babylone, principalmente a linha 10, que ficava sempre tão lotada quanto a 12. Que eu me lembre, existia um museu por perto, uma atração a mais para eu não ficar plantada sozinha num canto do jardim, a não ser que o canadense aparecesse por ali *também*. Adentrei ao jardim como uma criança que visita pela primeira vez, fiquei espantada com a beleza natural e as

tonalidades de verde que as árvores e plantações exibiam. Dei voltas e mais voltas na horta e acabei me lembrando de vinte anos atrás, quando estive cultivando algumas abóboras e couves com alguns colegas de escola. É incrível pensar em como éramos tão inocentes quando crianças, a ponto de ter prazer em plantar verduras e legumes ao invés de sair para brincar com os amigos. No meu caso, esse amor por comida sempre esteve no meu DNA. Eu não pretendia sair

muito tarde dali, mas o *Epicerie* sempre foi uma tentação para os meus sentidos. Não dá pra você passar por ele sem olhar para a vitrine cheia de uma variedade de chocolates. Modéstia a parte, os franceses sempre foram excelentes em chocolates. Mas os caras do Epicerie têm a receita e o design perfeitos para atrair até o mais pão duro dos turistas! Acabei gastando mais do que devia, mas sempre vale à pena. As trufas são relativamente medianas, mas absurdamente

recheadas, o que faz valer a pena pagar pouco mais de 20 euros por um estojinho cheio delas. Acho que eu deveria ter gasto 100 euros só com chocolate. *Minha mãe me mataria!* Pensei, enquanto saboreava prazerosamente uma trufa em câmera lenta.

— Querida, não sei como é que você não engorda comendo desse jeito! — ouvi alguém dizer.

— Ah, oi Meg. Fique à vontade. — falei erguendo o estojo em direção à Megan.

— Misericórdia! Só esse mês engordei dois quilos. — recusou.

— Não tenho medo de engordar. Vou ficar pra titia mesmo. — retruquei de boca cheia.

— Você está parecendo àquelas meninas de 16 anos que teve milhões de decepções amorosas se afundando num lenço e em chocolates.

— Só falta o lenço. — arquejei.

— E o bonitão, Char? Não vai dar uma chance pra ele?!

— Ele vai ficar só duas semanas,

no máximo três. Não quero me apegar... — respondi, após dar uma mordida na terceira trufa.

— Poxa... Pelo menos tente passar mais tempo com ele. Vai deixá-lo escapar? — ela fez uma longa pausa — Vai que...

— *Que...?*

— Vai que os planos dele mudem, ele fique mais tempo... Sei lá. Invista.

— Não sei. Esquece isso, Meg. Deixa acontecer naturalmente. Toda vez que apresso as coisas, sai tudo

errado. Estou tranquila quanto a isso.

— Tudo bem. Eu preciso ir, vim só ver como você está. Te vejo à noite. — ela se despediu com um beijo nas bochechas.

A questão que Megan havia levantado havia mexido comigo e de certa forma estava criando um peso em minha consciência. Eu não era o tipo de mulher que deixava uma oportunidade escapar, por que seria diferente com ele?

Acabei deixando a visita ao museu para outro dia, já que eu havia

gasto quase todo meu dinheiro com chocolate. Aliás, eu precisaria encontrar um lugar para escondê-los de Alice. Antes de voltar pra casa, dei uma passada no *d'Aligre* para comprar algumas frutas e peixe para o jantar, Megan havia se comprometido em levar o vinho e alguma sobremesa mais líquida. Essa seria a primeira vez que uma pessoa próxima conheceria o meu lado *chef* e como eu sei que ela adora peixe, decidi fazê-lo empanado, com alguns temperos exclusivos, algumas fatias

de limão e vinho branco. Um prato simples e delicioso a *La Dupont*, como meu avô gostava de dizer. Eu chamo de gororoba.



Duas coisas: eu e Megan estávamos bêbadas e a cozinha estava uma baderna. Ela provavelmente passaria a noite em casa, não estava em condição nenhuma de se levantar do sofá. Mesmo cansadas e bêbadas, fomos dormir só às três horas da manhã,

depois de uma seção de filmes românticos melosos. O momento havia sido tão divertido que acabamos nos esquecendo que teríamos de trabalhar no dia seguinte. O resultado foi Megan e eu entrando no restaurante fazendo o maior escândalo, já que no meio da noite, ao invés de água, bebíamos o resto do vinho que estava à beira da cama. Estávamos insuportáveis e Liza acabou nos dispensando naquele dia. Nós éramos boas demais para sermos despedidas daquele lugar. As

peessoas sempre preferiam que nós as atendêssemos.

Voltamos pra minha casa e nos jogamos no sofá, completamente perdidas e tomadas pela ressaca tanto do vinho quanto dos chocolates que, aliás, Megan havia comido mais do que eu. Nosso almoço foi o peixe do dia anterior e mais vinho... Brincadeira. Nos entupimos de chás e alguns solúveis para o mal estar. E depois? Bem, caímos no sono outra vez. Nem havíamos percebido a chegada de Alice – e seu mais novo

pretendente. Aliás, o que ela tem que eu não tenho?!

Capítulo 15

Benjamin

Quatro semanas em Paris.

Wow, como passa depressa!

Acho que preciso fazer uma ligação.

“Alô, mãe? Acho que vou ficar mais um pouco. Já avisei ao Gerard para que cuide do restaurante... Sim mãe, ainda tenho dinheiro... Dá pra sobreviver. Mãe, eu não sou mais criança... Ok mãe, passe para o meu pai. Mãe! Mãe, o telefone pro... Oi pai. Sim, sim, eu vou ficar mais um tempo.

Não sei... O Will está aqui, qualquer coisa ele me empresta o que for necessário. “As cuecas também”, muito engraçado, pai. Preciso ir, volto a ligar ainda essa semana. Sim, senhor. Eu sei, eu sei... Mande um beijo pra mãe. Au revoir!”

Acabo de cometer uma loucura e não faço ideia de como eu vou sobreviver. Grande decisão, Benjamin!

≈

— Como é que é?! — começou

Will, ao me ouvir contar que ficaria mais tempo em Paris.

— Estou me perguntando a mesma coisa. — confessei.

— Essa mulher está mexendo mesmo com você, hein? — disse ele atropelando as palavras.

— Não tem nada a ver com ela...

— Você mente muito mal! — ele zombou. — Se não é por ela, por qual motivo estenderia seu tempo aqui?! Aliás, devo lembrá-lo de que você em um restaurante para...

— Gerard já está cuidando disso.

— interrompi. Ele riu incrédulo.

— Você, Benjamin, largando tudo pra ficar em Paris?! Sem dúvidas, é por causa *dela*! — ele apontou o indicador próximo ao meu nariz, como meu pai fazia. Revirei os olhos e continuei caminhando.

— Preciso de um lugar para ficar.
— fui direto.

— E?

— Você tem os “*contatos*”. Agradeceria se me ajudasse a encontrar um emprego temporário também. — fiz uma pausa e encarei-

o. — *Per favore!* — pedi.

— Isso é italiano. — ele riu.

— Que seja! — retribuí emburrado.

— O.K., *Hastings*. Eu vou ver o que posso fazer.

≈

Eu não sou o tipo de homem que joga tudo para o alto e tenta arriscar em coisas completamente novas de um modo radical. Eu normalmente dizia que nunca faria isso, mas eu queria ficar. Pensar em ir embora era

como se eu estivesse jogando fora a chance de ser feliz de verdade com alguém. Eu não conseguia simplesmente olhar para o meu reflexo no espelho e dizer: preciso arrumar as malas e voltar, tenho um restaurante pra tocar. O pouco que eu estava construindo em Paris estava pesando em minha consciência, estava fazendo daqueles pequenos planos uma responsabilidade muito maior do que a que eu tenho com meu restaurante. E isso não era apenas sobre minha vida

profissional, mas amorosa e até mesmo uma questão de bem estar.

Querer se mudar para Paris não tem nada a ver com aquela ideia enganosa de que o país natal é chato e por esse motivo você quer se mudar. Não é porque é a cidade mais romântica do mundo. Não é porque é a cidade mais desejada do mundo. Não é por ser a capital da gastronomia, da moda, da Torre Eiffel. O segredo está em enxergar Paris com outros olhos. É como se os lugares simplesmente te

escolhessem. É como diz um autor desconhecido: *“O que eu preciso não está em Paris, Nova Iorque ou Londres(fato). Não está nas vitrines das lojas, nem no comercial da televisão. Não se compra com papel, não vem embalado, não mata a fome. Não é de vidro, nem de plástico, nem de ouro. O que eu preciso já esteve muito junto de mim. Tem nome, endereço e telefone e, diga-se de passagem, um sorriso lindo.*”*.

Era incrível como essa cidade estava me transformando de forma

drástica, a ponto de me fazer tomar decisões sem pensar duas vezes. Estava me tornando um homem mais sensível e romântico do que o de costume, já que por mais de vinte anos, vivi desacreditado no amor e então, numa simples viagem, tudo vira de ponta a cabeça. Não dá pra negar que Paris é magnificamente encantadora e sedutora, impossível de não se apaixonar. Também não dá para negar que fui bastante mimado por minha mãe e por esse motivo, não faço o tipo garanhão e rico como

o Will, o que indigna meu pai até hoje. Na verdade, tudo isso é conversa fiada. Charlotte é o principal motivo que me faz querer ficar e não compreendo por que isso é tão difícil de admitir. Não sou um cara de quem você deve esperar muita coisa. Eu sou o cara que se senta ao lado de um casal que se beija loucamente em uma praça pública. O estranho que abre passagem para toda e qualquer mulher que passe por perto. O homem que alimenta cães e gatos de rua e que ajuda um cego a atravessar

a rua. Sou o figurante, o cara que não é notado, que não é visto, sentido e que talvez nem esteja nas lembranças de alguém. É mais fácil não ser notado, do que ser visto como um estranho. Como diz Emma Darcy: *“Uns seguem em frente com certeza daquilo que estão fazendo. Outros deixam essa decisão ao acaso”*. Faço parte dos “outros” que não levam a vida tão a sério.

Will tinha ficado de ligar logo após o almoço e nada dele aparecer, ele não costumava ser esquecido.

Provavelmente estaria paquerando alguma mulher num desses bistrôs que existem a cada esquina. Sempre tive curiosidade a respeito de como ele consegue manter amizade com essas mulheres. As duas malas que eu havia trazido já estavam prontas e eu já havia acertado as contas com a recepcionista do hotel. Restava torcer para que o garanhão tivesse conseguido um pequeno apartamento no centro e eu não esperaria sentado. Eu pretendia visitar o Louvre e bem, acho que mais

nada, já que a Rue Saint-Honoré é repleta de lojas de grifes famosas. “Estou bem com meu terno básico, obrigado”. Aliás, segundo o mapa... O Ópera Gallery fica bem próximo do museu. Se eu não me esquecer da hora, talvez eu dê uma passada por lá. Almocei primeiro e saí por volta das duas da tarde, rumo ao Museu do Louvre e a pé.

Segundo a recepcionista, eu levaria em média quinze minutos para chegar ao museu. A sorte era que eu não estava com pressa, seria

ótimo conhecer melhor a região e eu ainda precisava aprender a andar por ali. Fui andando e perguntando, uma coisa que meu pai odiava fazer. Mas quando se está sozinho e nunca soube ler um mapa muito bem, essa é a única opção. Eu deveria seguir a nordeste da Dauphine até avistar uma placa que me indicasse a Rue de Nesle e tornei a perguntar se eu deveria seguir pela direita ou pela esquerda. A moça deveria ter aproximadamente 17 anos e não entendia nada de inglês. “Diga

Louvre, seu idiota. Ela vai saber!”. Gaguejei até a palavra sair inteira, ela não conteve um risinho e eu só conseguia dizer “pardon”. Por fim, ela pegou o mapa das minhas mãos e a caneta que eu sempre carregava no bolso do paletó. Fez alguns rabiscos que indicava por qual caminho eu deveria seguir, colocou a caneta de volta no bolso e sorriu simpaticamente, sem conter o riso. Falei “merci” dezenas de vezes até ela virar uma esquina.

Segui por fim o mapa, virando à

esquerda empolgado, na *Quai de Conti* e novamente à esquerda, para a Rue Bonaparte, onde a moça indicara no mapa com um círculo. Olhei ao meu redor procurando o topo do museu e só consegui ver edifícios e obviamente mais bistrôs. Logo mais a frente, a moça que havia me ajudado ria de forma prazerosa da brincadeira que havia feito comigo. Ela havia indicado outro endereço. O da casa dela, provavelmente. Fiquei pasmo, perdido e totalmente sem graça. Havia gasto quase dez minutos

só até o endereço dela. “Idiota. O museu fica depois da Pont Neuf!”.

— Você parece perdido.

— É, acho que sim... — respondi olhando para os lados. — Pode me dizer pra que lado fica a... — parei surpreso. — Tá me vigiando? — cerrei os olhos.

Capítulo 16

Por Megan

Olha, eu não sou o tipo de amiga que vigia cada passo do cara que minhas amigas conhecem e se envolvem, aliás, o “cara do terno preto” parecia completamente perdido. Eu não poderia deixá-lo sozinho ali, feito uma barata tonta. Ele parecia ter seguido o caminho errado para algum lugar, talvez Louvre ou Ópera Gallery. Eu estava voltando para o restaurante quando o

vi todo desorientado e resolvi ajudá-lo sem qualquer malícia, mas confesso que até eu suspiro quando o vejo. Fiquei um tanto quanto curiosa a respeito de seu pensamento de achar que eu estava o vigiando. Talvez ele estivesse percebido o quão frágil a Charlotte é e pensou que talvez eu não quisesse deixá-lo que a magoasse. Obviamente não quero que ela seja magoada, mas a insegurança também estava atrapalhando a sua interação com pessoas novas. Dificilmente ela se

abre com alguém, quanto mais com um homem. Isso precisava de mudanças e eu estava disposta a dar uma mãozinha pro rapaz.

— É claro que não! — respondi subitamente. — Estava voltando para o restaurante quando o vi perdido feito uma barata. — ele sorriu timidamente. — Então, pra onde fica o quê?!

— O Louvre... — respondeu ele ainda envergonhado.

— O Louvre?! Você tá maluco? — exclamei. — Cara, você não vai

querer ficar duas horas numa fila para entrar naquele museu! — falei convicta. Ele arregalou os olhos desacreditado.

— Você está brincando!

— Não, não estou.

— Vai me dizer que o Ópera Gallery também é assim? — ele questionou.

— Não, mas sugiro que vá acompanhado. — dei uma pausa. — E acho que você precisa de um catálogo com um mapa e os horários dos lugares que pretende ir! — brinquei.

— Isso seria meio ridículo... —
ele disse, cerrando os olhos.

— Absolutamente ridículo! —
nós dois rimos. — Bom, eu aconselho
você andar sem compromisso por
essas bandas. Suponho que esteja no
D'Aubusson, certo?

— Correto.

— Dê uma volta. Conheça os
bistrôs, dê uma olhada nas lojas de
alta costura, tem ternos muito bons
por aí. Se preferir algo mais
relacionado à gastronomia, o Marché
d'Aligre não fica muito longe.

— Obrigado... Megan, estou certo?

— Certíssimo! — nos cumprimentamos com beijos nas bochechas e esperei que ele me dissesse seu nome.

— Ah, claro. *Pardon*. Benjamin, *mademoiselle*! — ele respondeu sorridente.

Capítulo 17

Charlotte

Eu estava atendendo um casal de idosos quando vi Meg voltar. Ela parecia estar ligada na tomada e eu conhecia muito bem aquela expressão. Mas não sei por que eu achava que tinha alguma relação com o canadense. Deixei os pensamentos de lado e tornei a dar atenção ao

senhor que pedia um almoço leve, acompanhando de um *Saint-Amour*. Um sorriso bobo surgiu em meus lábios. Eu estava me lembrando do primeiro dia em que conheci aquele homem. Do seu jeito encantador e tranquilo. Do seu olhar. De como seu timbre de voz havia me marcado e principalmente aquele sorriso. Pisquei os olhos voltando para a realidade e sorri para o casal, logo saindo para buscar o pedido. Megan me esperava na porta da cozinha.

— Depois você me conta! — falei

atropelando as palavras.

— Ah, Char! Você vai querer saber! — ela tentou chantagear. Por um segundo eu parei querendo ouvir.

— Agora não! E você tem pessoas para atender. Vai logo! — arquejei.

Ela saiu bufando e com um beijo enorme nos lábios feito uma criança.

Voltei para a mesa do casal de idosos com uma porção de *Tête de Veau**, deixei a garrafa de vinho com cuidado sob o centro da mesa e em seguida, a bandeja com o *Tête*

rodeado de rodela de batata e algumas folhas de alface, que fez o senhor de idade suspirar e sorrir de satisfação. Parecia uma criança que desfruta daquela comida caseira da mãe que não comia há anos. Ele juntou as mãos e olhou para o alto, agradecendo baixinho ao restaurante por ainda servirem o seu prato preferido. A esposa sorriu para mim, apreciando a atitude do marido e agradeceu pela rapidez em que foram atendidos. Um pouco adiante do casal, um grupo de rapazes ria à beça

ao redor da mesa. Megan estava atendendo um grupo de amigos, quando foi abordada por um dos rapazes.

— Ei docinho! — um deles chamou, após passar uma das mãos onde não deveria.

— *Pardon?!*

— Queremos o melhor vinho que vocês têm.

— Um momento, falo com vocês em um minuto. — ela disse, enquanto anotava o pedido do grupo de amigos.

— Eu estou falando com você,
lorinha!

*Cabeça de bezerro.

— Ainda não terminei aqui. —
ela disse. Estava enrolando
propositalmente.

— Olha aqui, *docinho*. Quando eu
fizer um pedido, você o anota. Você
está aqui para me servir, entendeu
docinho?

Isso vai dar um problemão!

Pensei.

— Docinho é a sua... — Megan ia descer nos tapas com ele mas interrompi.

— Deixe que eu cuido disso. — sussurrei para ela. — Olá rapazes, em quê posso ajudá-los?! — tentei ser cordial. O rapaz que ainda estava de pé estava pronto para estrangular Meg.

— Eu não chamei você! — ele disse cuspiendo. Nesse momento, torci para que Liza aparecesse.

— Ela está ocupada. Posso

atendê-los ou vou ter de pedir educadamente para que se retire? — O que eu disse? “*Cale a boca, Charlotte!*”

— Quem é você pra... — ele começou a contestar, mas uma voz masculina surgiu por trás de mim.

— O que está havendo aqui?

— Ah, olha só quem é! — O rapaz debochou.

— Bom revê-lo... Jeff. É Jeff né? — ele disse. Acho que todo mundo sentiu perfeitamente o tom de ironia. O rapaz rangeu os dentes.

— Babaca! — O que parecia se chamar “Jeff” correu para encher a cara do outro homem de socos, mas dois rapazes o seguraram e Liza apareceu logo em seguida.

— O que está acontecendo aqui?!
— ela exclamou com sua voz rouca.

O outro homem não havia perdido a postura desde o momento que havia chegado, enquanto “Jeff”, se contorcia para se soltar. Estava parecendo um daqueles momentos de brigas de ensino médio. E pela forma como receberam um ao outro,

supus que já tinham brigado antes. Liza ficou entre os dois.

— Se querem brigar, vão lá pra fora! Isso aqui não é uma arena de UFC! — ela disse fuzilando Jeff, que estava disposto a arrebentar o outro cara.

— As damas primeiro! — Disse o outro indicando a saída. E todo mundo percebeu o quão esquentadinho era o Jeff. — Wow! — O homem se desviou de uma tentativa falha de um chute. — Tá precisando de um balde gelado nessa

cabecinha, meu amigo!

Vamos combinar, o outro cara também gostava de provocar!

— Amarelou? — disse um dos rapazes, quando começaram a descer as escadas.

— Não me lembro de ter vindo aqui para brigar. — respondeu o outro cara olhando para os lados, fingindo estar pensativo.

E num piscar de olhos, Jeff estava em cima do cara pronto pra lhe dar uma bela surra. E noutro piscar de olhos, o outro estava por cima de Jeff,

que estava de barriga para baixo e com os braços cruzados e presos para trás. Depois o jogo começou a ficar injusto. Os três amigos de Jeff pegaram o cara pelos braços e o levaram à força para o lado de fora do restaurante. Toda a clientela jovem se levantou de suas mesas com intenção de acompanhar, mas alguns preferiram as janelas. Uma roda havia se formado do lado de fora, como nos velhos tempos. Eu não entendo nada de brigas, mas sei que quanto mais confiante você é e mais

você estufa o peito, mais chances você tem de apanhar. Regra básica que meu pai ensinou, quando me contava suas histórias sobre os treinos que recebia na marinha e as brigas em que se metia.

— Então é assim que você se acha o machão? Quatro contra um? Cara, você é cagão! — disse o homem sem relutar. Jeff ia dar um soco nele, quando pediu para esperar. — Só um aviso. Depois da diversão, vocês todos estarão bastante encrencados, *oui?*

Tudo o que eu entendi se resume num filete de sangue no nariz. Outro no canto da boca. Outro filete de sangue no nariz, um olho roxo e um nariz quebrado. Houve rodopios, socos no estômago, chutes no joelho, golpes na garganta, acho que o pulso de alguém foi quebrado e o polegar de outro também. Foi tudo o que consegui captar, já que acontecia tudo rápido demais. Fico abismada com essas pessoas que sabem lutar. Como conseguem pensar e agir ao mesmo tempo e ainda pensar em

onde será o próximo golpe? Por mais que eu não aprove essas coisas, acho impressionante como elas “acontecem”. A roda começou a aumentar e qualquer pessoa que tentava fazer com que aquilo parasse, tinha 100% de chances que também levaria uma surra. Quando a polícia chegou, os quatro rapazes fugiram. O outro, apesar de ter apanhado também, parecia impecável, pois seu terno não havia sequer um rasgado.

Como diabos, ele conseguiu fazer aquilo?

Parte II

Por Will

É fácil notar quando um homem grandalhão é medroso e covarde. Mexa com a mulher dele, apanhe um pouco e depois dê as caras de novo, você vai encontrá-lo acompanhado dos coleguinhas do ensino médio como nos velhos tempos. Os vistos como “armários” são apenas enfeites para “tocar o terror” no oponente e

fazer a plateia pensar que você vai sair da briga todo arrebitado – mas a realidade não é sempre essa -. Mas, ser confiante demais nunca é a ferramenta principal. Você sempre pensa que é o melhor e se lembra de quantas caras você já quebrou e então, alimenta seu ego cada vez mais. Acha que tem vantagem por não estar sozinho e se orgulha da “gangue” que o acompanha. Depois, começa a ficar apelativo. Você está portando uma faca, enquanto seu oponente usará apenas os punhos e

talvez os pés. Mais apelativo ainda fica quando os coleguinhas inventam de querer te segurar pro chefinho arregaçar a sua cara. E é aí que está o erro. Nunca se sabe o que pode acontecer.

O primeiro soco foi dolorido, confesso, fiquei até tonto. Franzi o nariz para ter certeza de que não estava quebrado, pelo menos não ainda. Jeff era o tipo de cara brigão de bairros pequenos. Dava pra notar no seu jeito de se manter de pé, no modo como os capangas me seguravam, em

como o punho se mantinha fechado. Era um adolescente preso num corpo de 30. Dois dos armários me seguravam no início, enquanto o outro ficava só olhando, como se quisesse garantir que eu não escapasse. Jeff tentou desferir um gancho no meu queixo, mas joguei a cabeça para trás, aproveitei para tentar acertar um chute no rosto ou na mão, mas não tive sucesso. Meus braços estavam muito bem segurados, eles tentavam torcer meus pulsos o máximo que podiam

para me imobilizarem, mas não o suficiente para me manter assim por muito tempo. Não sou o tipo de cara que se rebaixa ao nível de um babaca, mas também não sou o tipo que leva desaforo para casa. E o desaforo injusto de apanhar enquanto os capangas me seguravam eu não levaria de volta para o Canadá. Talvez não adiantasse muito, mas usei um golpe baixo. Um chute naquele lugarzinho que todo homem teme e então ele cai no chão em posição fetal.

Um a menos.

Depois de alguns minutos encabulados com a situação do Jeff, o *reserva* pareceu ser possuído por uma força maligna. Mas não se engane, às vezes, são só expressões e no final das contas o cara pode não saber de nada. Agora eu estava livre, pois os outros dois pretendiam acudir o grandão. Então veio o lorinho, todo raivoso, com punhos e maxilar tão forçados que dava pra ver as veias. Era malhado, mas só. Fiquei curioso a respeito da forma como ele

tentava correr com o peito estufado. Ele desacelerou e começou a andar lentamente, tentando me intimidar com aqueles olhos azuis e fazendo questão de mostrar o peito se enchendo de ar e depois esvaziando como um touro. Se bem me lembro, eu não estava vestindo nada vermelho. Então ele parou, como se fingisse estar com medo. Ele era péssimo nisso.

— Já parou pra perceber como seus olhos ficam mais azuis quando está nervoso? Sua namorada deve

adorar, huh? — arquejei.

O mauricinho ficou enfurecido, precisavam ver!

É, eu não deveria ter metido a namorada dele no meio disso, se é que ele tem uma, mas me divirto com os novatos. Se os pais não os ensinarem que o mundo não gira ao redor deles, o mundo ensinará. E nesse momento, *eu* sou o mundo.

Bem, eu estava errado.

E eu odeio admitir isso.

O mauricinho conseguiu dar um golpe cruzado na minha lateral

direita, enquanto eu esperava que ele acertasse a minha esquerda. *Canhoto*, pensei. Eu não tinha lutado com muitos canhotos, então o branquelo estava em vantagem por enquanto. Eu tinha de esperar ele tentar dar mais um golpe para conhecê-lo um pouco melhor. Foi quando ele tentou dar outro golpe cruzado à minha direita.

— Tá na hora de aposentar, hein tio? — ele disse. Eu havia sido pego de surpresa de novo. O desgraçado era bom.

— Só quando eu morrer. —
retruquei, me levantando.

— Então vai ser agora!

— Ah, confiante demais. Eu
estava botando fé em você, garoto.

Num piscar de olhos, dei um
golpe na garganta do branquelo que
quase tossiu o estômago inteiro.

E então, o tão aguardado
canivete. Um Victor Inox Sentinel5, se
bem me lembro. Eu havia usado um
desses alguns meses atrás, ensinando
meu sobrinho a usá-lo. Marta não
havia gostado nada da ideia. Mães

super-protetoras deixa os filhos mimados, e não é boa coisa. Eu amava minha mãe, mas vivi boa parte da minha vida com meu pai, que me ensinou tudo o que sei hoje sobre defesa pessoal. Se eu não tivesse aprendido isso com meu pai, eu seria um delinquente.

— Você sabe usar isso, rapaz? — perguntei para o moreno. Ele era magro, mas tinha um corpo atlético. A julgar pelo físico e pelo modo que segurava o canivete, eu acho que ele não fazia ideia do que fazer.

Pelo que ele estava tentando fazer, o rapaz provavelmente praticava esgrima, ele estava estocando o ar, o que era engraçado. Estava perto para tomar o canivete da mão dele quando a gerente do restaurante apareceu dizendo que a polícia estava chegando. Foi o suficiente para que o moleque me pegar desprevenido. Ele segurava o canivete com a mão direita. Sua intenção deveria ser meu ombro ou meu braço esquerdo, mas com o meu reflexo, acabei prendendo a mão que

estava com o canivete, com meu braço esquerdo e o cotovelo apontado para o rosto dele. Mantive minha mão esquerda na mão dele e meu braço dobrado segurando o dele, mantendo-o imobilizado, pressionando a mão até que ele soltasse o canivete. Mas eu não poderia forçá-lo mais do que isso. A lâmina fria já estava fazendo um pequeno estrago no meu pescoço e qualquer movimento errado, eu acho que minha clavícula seria no máximo, serrada. Mas eu não tinha escolha. Se

eu movimentasse os pés, minha cabeça rolaria fora. Na verdade, qualquer movimento faria minha cabeça sair rolando. Tive de balancear a força entre as duas mãos e braços. Minha mão direita começou a apertar sua garganta, enquanto ele apertava a minha. Agora sim a coisa estava começando a parecer eterna. Eu teria de obrigar ele a me ferir de tal forma que eu pudesse tomar-lhe o canivete depois.

— A polícia está vindo. Já se imaginou usando um daqueles

uniformes alaranjados?! — sussurrei com dificuldade, deixando um riso escapar. — Ah é, estamos na França. Me conta, como são os uniformes daqui?!

Ele virou para conferir a viatura da polícia francesa se aproximando e então torci o braço e a mão dele para trás, fazendo com que soltasse o canivete e acabei quebrando o pulso dele, levei um soco no nariz em seguida e então, a *eternidade* parecia ter se esvaído dali. Antes dos policiais estacionarem as viaturas, os

quatro já tinham dado no pé, cada um seguiu um caminho diferente. Então, sobramos eu e o canivete meio ensanguentado.

— *Rester là. Stopped!* — disse um policial num francês rígido com a mão sob a pistola. — *Tu viens avec nous!* — cuspiu o policial ao me vendo.

Vinte minutos depois, eu estava sendo interrogado numa sala minúscula fedendo a suor e cigarros.

Capítulo 18

Benjamin

Pierre Hermé.

Uma das *pâtisseries* mais famosas de Paris e a 8ª maravilha do mundo!

Foi quase impossível sair de lá sem gastar muito, não só pelos doces, mas pelo excelente atendimento. Por um minuto me esqueci daquela velha história sobre a cara fechada que os franceses normalmente têm. Não

resisti aos *macarons*. Especialmente o “Nordeste”, perfumado com café lapar vermelho do Brasil e gengibre caramelizado. Levei duas caixas com 7 unidades cada por 36 euros, um pouco mais caro do que eu esperava, mas valeu a pena. Também não resisti às trufas de avelã e cacau, a caixa me custou mais 16 euros. O aroma da *pâtisserie* era uma mistura tão maluca e ao mesmo tempo harmoniosa. Sempre tinha um sabor que se sobressaía e por mais que o café fosse um deles, era sempre

suave e não era enjoativo. Eu mal havia saído do corredor de *macarons* e eu já estava de olho na sessão de bolos.

— Posso experimentar um desses? — perguntei num francês tão ruim que me arrependi amargamente de não ter tentado em inglês.

A moça que me atendia parecia ter uns 20 anos de idade. Ela deu uma risadinha e após se conter, retirou a bandeja com um bolo aromatizado com laranja que era retangular e bem alto e ofereceu uma fatia fina. Não sei

bem explicar o gosto que senti. Ele começa com o toque doce como o do suco natural de laranja e depois amarga no final, combinando perfeitamente com a cobertura de chocolate. Ainda tinha algo a mais e resolvi pagar pelo restante do bolo – mais 20 euros! – para descobrir. Mastiguei com cuidado e constatei que tinha uma pitada de cravo, canela e baunilha...*Meu Deus!* Isso é, literalmente, um pedaço de mau caminho. Vai para a lista de sobremesas que eu posso oferecer no

meu restaurante.

“Você parece uma mulherzinha no período menstrual se afundando em chocolates!” ouvi alguém dizer. Eu conhecia muito bem aquela voz. Era o tipo de piada típica do Will.

— Sabe Will, às vezes eu acho que é por causa desse machismo todo que você não arranja uma mulher pra casar. — retruquei lambendo os dedos feito criança.

— Pode ser. — ele respondeu pensativo.

Ele deu uma bisbilhotada nas

caixas dos doces que eu havia comprado e roubou um dos macarons.

— Como vai a garçonete? — ele perguntou de boca cheia.

— Acho que bem. Não vim pra ficar na cola dela! — resmunguei enquanto saía da *pâtisserie*.

— Você sabia que mau humor é falta de...

— Não começa com essa história, McKenna! — interrompi. — O quê foi que você aprontou?

— Nada demais. — ele fez uma

pausa, engolindo o restante do pedaço de bolo que também havia roubado. — Só dei uma lição em alguns rapazes que estavam dando trabalho num restaurante. Aliás... A sua garota é uma mulher branca e de cabelos castanhos e olhos castanhos claros?!

Fiz que sim com a cabeça.

— Boa garota. Ela me defendeu antes da polícia me levar, mas não adiantou muita coisa.

Fiquei calado.

— Viu uma moça loira do corte

channel? — perguntei.

— *Megan*? Sim, foi por causa dela que tudo começou, mas de fato, não foi exatamente culpa dela. Por quê?

— Nada demais. Encontrei com ela hoje mais cedo. Se bem me lembro, é amiga da Charlotte.

— No que está pensando?!

— Não sei bem... Queria conhecer a Charlotte melhor, por um momento pensei que Megan poderia me ajudar.

— Péssima ideia.

— Simplifique, *Sr. Cupido*. —

impliquei.

— Não tem coisa melhor do que conhecer uma mulher e se surpreender com ela. Se quiser saber através da amiga, corre o risco dela dizer mentiras ou verdades desnecessárias. Além disso, não vai ficar tão surpreso toda vez que for se encontrar com a garçonete. Estudar as mulheres é o segredo e sei que você sabe fazer isso!

— Não é pra tanto. — dei de ombros.

— Vamos fazer o seguinte,

marque um jantar e diga que vai levar um amigo. Em outro restaurante e peça para que ela leve a amiga. — ele fez uma pausa e antes que eu o interrompesse, continuou: — Não vou dar em cima da loirinha, mas você sabe que tem momentos em que as mulheres se sentem mais à vontade quando tem outra mulher do lado dela, principalmente se for a melhor amiga.

— Hoje?!

— É.

— Hoje não dá. Fim de semana é

melhor pra ela.

— Perfeito. Sábado à noite, então! — ele disse empolgado.

— Verei com ela mais tarde. Agora preciso de um banho e da minha cama porque essa noite eu não dormi direito.

— Escreve o que estou te falando, essa mulher tá mexendo contigo, cara! — Will deu aquele tapinha clichê nas minhas costas e tomamos rumos diferentes. — Sábado, hein! — berrou ele.



Sabe o que é perigoso em Paris?

Andar a pé.

As lojas e os bistrôs parecem um ímã gigante que te arrastam quase que obrigatoriamente para esses lugares. As vitrines são de quebrar o pescoço e os bistrôs quase confundem o olfato com a mistura de tantos aromas novos e deliciosos. Até as pessoas são capazes de nos fazer parar para observá-las. Os táxis cheios de luxo e o som das lambretas.

A música que vinha de dentro dos bares e bistrôs. O som de crianças correndo e brincando ao redor de postes antigos. Os diálogos rápidos e confusos dos franceses. O som de um violino ao longe tocado por algum músico de rua. Até os hotéis são parecidos com vitrines de lojas de grifes, com pé direito do chão ao teto, adesivos com a logomarca do hotel, algumas plantas e as luzes amareladas que decoram o interior. Mas a *Rue de Vieux Colombier* é particularmente, uma rua composta

de hotéis, exceto pelo térreo, que é obviamente ocupado por bares e cafés. Não é uma das ruas mais bonitas que já vi, mas não deixa de chamar a minha atenção. Minha intenção ao passar por ela era chegar até o metrô ou até um ponto de ônibus popular para voltar para o D'Aubusson. Acabei me enganando achando que não demoraria. Mesmo que eu não tivesse intenção de entrar nos estabelecimentos, eu tinha gasto um tempo até interessante só observando de longe, o interior e o

comportamento dos franceses que sempre carregam um cigarro entre os dedos ou seguram uma taça de vinho nas mesas de esquina.

Então, finalmente, após quase meia hora só perambulando eu cheguei ao *Saint-Sulpice* para pegar o ônibus. Quando entrei, acabei me surpreendendo quanto ao boato de que o transporte coletivo é bem sujo. Talvez dependesse da cidade ou da região. Foi uma descoberta um tanto quanto curiosa, já que os franceses em sua maioria não têm um hábito

higiênico muito saudável. Tanto nas minhas pesquisas na internet quanto às opiniões de pessoas próximas, diziam que eles não têm o hábito de lavar as mãos depois de usar o *toilet* – como gostam de dizer – e nem antes de fazer as refeições. Logo, eu não ficaria surpreso em ver uma mulher portando uma caixa de lenços umedecidos para limpar os assentos e as barras de apoio. Mas no geral, se comparado a certos transportes públicos, pelo menos o ônibus em que eu estava, estava

impecavelmente limpo. E
infelizmente – ou felizmente?! – não
deu tempo de observar os usuários já
que a “viagem” havia durado apenas
dois minutos e meio. Em quatro
minutos de caminhada eu estava de
volta ao D’Aubusson.

— Lar, doce e temporário lar! —
sussurrei para mim mesmo, sorrindo
para a estrutura do hotel.

Capítulo 19

Charlotte

— Que cara é essa?! — veio perguntando Megan.

— O canadense. — falei sorrindo.

— Veio me chamar para jantar!

— Quando? Onde? Que horas?!

— Amanhã. No *Jules Verne*. Às oito. E você vai comigo! — respondi empolgada enquanto tirava o avental do pescoço. — Ele vai levar um amigo. Para equilibrar as forças.

— *Equilibrar as forças*, hein?! —
ela implicou. — O que vai fazer agora
à noite?

— Eu não tinha nenhum plano,
mas com esse convite, acho que
preciso de um vestido novo!

— Compras. — Megan se
segurou.

— Compras! Mas — dei uma
pausa fazendo com que ela prestasse
atenção em mim — Nada glamoroso
demais, nada *red carpet* e nada
vulgar!

— Ok, ok. Acho que consigo te

ajudar. — Megan revirou os olhos.

— Sugestões de lojas? —
perguntei.

— A *Tiquetonne* é a melhor rua
pra encontrar vestidos lindos,
chiques e com preços acessíveis. —
ela dizia enquanto caminhávamos de
braços dados. — Podemos começar
por lá e talvez nem precisemos ir a
outro lugar.

— Tudo bem. Vamos estourar
esse cartão! — falei empolgada.
Megan me olhou séria. —
Brincadeira! Você me conhece, Meg!

— nós rimos em seguida.

Nossa primeira parada foi no *Kiliwatch*, o brechó dos brechós de luxo de Paris. Em todos esses anos que vivo em Paris, eu nunca havia entrado nessa loja e cá entre nós, ela é linda e muito organizada para um brechó. Logo de cara, me apaixonei por uma jaqueta de couro preta. No mesmo instante, senti que aquela jaqueta deveria ser uma espécie de *sobretudo* para o futuro vestido que eu iria comprar. Em meio a poucos vestidos de grandes marcas, por

sorte, acabei encontrando um Chanel maravilhoso. Eu não entendo nada de tecidos, mas acho que ele era de seda, era vermelho escarlata e não tinha mangas, mas uma gola alta e frouxa, imitando uma echarpe, era justo e batia nos joelhos. Depois que experimentei e me vi no espelho, quase não me reconheci. Francamente, eu não sabia que eu podia ficar tão bonita quanto estava naquele momento.

— Uau! Onde é que você escondia essa sensualidade toda?! —

exclamou Megan, me rodeando. Me encolhi de vergonha.

— Sinceramente? Nem eu sei! — respondi ainda surpresa. — E a jaqueta eu quero levar, mas não vou usá-la no sábado à noite, *não se preocupe!* — enfatizei a última frase.

— Espera só quando eu dar uma ajeitada nessa cabeleira e realçar esses olhos! — ela fez uma pausa, me analisando de frente — Vai ficar mara-vi-lho-sa!

— Acho que vai ser esse!

— Querida, você está com sorte!

— Megan bateu seu quadril com o meu e piscou.

— Sapatos eu não preciso, tenho de sobra! — admiti, levantando as sobrancelhas. Caminhei até o caixa enquanto Megan me encarava.

— Só isso?! — ela colocou as mãos na cintura.

— Sim. Eu disse que não quero nada enfeitado demais. O restante, eu tenho em casa.

— Ok então! Antes de irmos pra sua casa, vamos comprar algumas baboseiras e passar lá em casa

buscar a roupa que eu vou usar.

— Sim senhora!

— Precisamos nos preparar psicológica e emocionalmente para esse mega jantar! — ela disse, me ajudando com as sacolas. — Aliás, qual Jules Verne?

Dei um sorriso enigmático, segurando um grito agudo.

— O da Torre?! — ela arregalou os olhos, surpresa.

— Sim! — gritei.

— *Mon Dieu!* Vamos jantar no Jules Verne da Torre Eiffel?! Eu nunca

pisei naquele lugar! — ela segurou minhas mãos, ficando uma de frente pra outra. — Respira. — ela ficou séria. — Precisamos estar mais lindas do que nunca!

— Eu sei, Meg. E isso vai ser *inesquecível!*

≈

O dia seguinte estava ensolarado, perfeito para andar de bike e fazer uma parada obrigatória no meu Jardim preferido para um piquenique. Megan não estava nem

um pouco a fim de levantar da cama. Logo, almoçamos um pouco mais tarde do horário de costume. Infelizmente não estávamos na época do *Velib' I can fly*, que é um tipo de evento, uma exposição de bikes onde a população parisiense deixa os carros nas garagens e passam o dia usando a bicicleta como meio de transporte. Eu diria que é um festival maravilhoso em favor ao meio ambiente. Estou ansiosa para que Setembro chegue logo, quando a prefeitura vai organizar um dia

completamente sem carros. Se isso fosse adotado pro resto de nossas vidas, Paris ficaria muito mais charmosa. Já imaginou as ruas cheias de bicicletas de várias formas, tamanhos e cores? Paris seria mais única e inesquecível do que ela já é. Teríamos uma vida bem mais saudável, cheia de amor e respeito. E principalmente mais bela, afinal, é Paris, a Cidade Luz.

— No quê está pensando?! —
perguntou Meg, enquanto
pedalávamos.

— Ah... No que o *canadense* deve estar fazendo nesse momento. — falei.

— Benjamin. — ela disse.

— O quê?!

— O nome dele. — ela me olhou

— É Benjamin.

— Ah... O quê, como você sabe?!

— me desequilibrei.

— Eu ia te contar no dia daquela briga, você não deixou! — ela fez bico e continuou pedalando.

— Então pode começar a me contar agora! — falei, esbarrando

nela.

— Bom, eu estava voltando para o restaurante quando o vi perdido feito uma barata tonta.

— E aí?

— Ele queria ir ao Louvre e disse que ele provavelmente não entraria lá tão fácil se não quisesse pagar. Então sugeri que conhece melhor os bairros próximos ao D'Aubusson.

— Ele está hospedado lá?! — perguntei sorridente, Megan fez que sim com a cabeça. — Acho que vou fazer uma visitinha. — sorri e morri o

lábio inferior.

— Depois me conta! — ela disse, se distanciando. — E não vá desmarcar o jantar de amanhã, hein! — ela gritou.

“*Vou tentar*”, sussurrei pra mim mesma, com um sorriso torto nos lábios.

Finalmente, pude parar para observar o quanto Paris ficava linda em sua lenta passagem para o outono. As folhas em tons amarelados e alaranjados, em contraste com os galhos secos eram

maravilhosas. Essas cores predominantes fazem com que eu me sinta dentro de uma fotografia em constante movimento, feita em sépia. Quando o sol se põe e contrasta com aquele raro céu azul, parece que Paris acaba de entrar em sua época de ouro, literalmente. Por mais que sejam cores em tons pastéis, a cidade fica deslumbrante! As pessoas sorriem mais, brincam mais, são mais educadas, bem humoradas e generosas. Quando vejo o pôr do sol, meus olhos refletem o mesmo brilho

e admiração pelo trabalho maravilhoso que ele faz. É como se não fosse Paris, mas ao mesmo tempo uma Paris em um futuro distante. E essa época de ouro me lembra o filme *Meia-Noite em Paris*, que me lembra dos artistas que viveram aqui. E ao som da trilha de *O Fabuloso Destino de Amelie Poulain*, Paris torna-se infinita, cheia de segredos, de amores ainda não descobertos, de novidades, de pessoas interessantes, de crianças observadoras, de homens

misteriosos, de escritores solitários, de homens que tocam especialmente acordeons a cada esquina, de decepções amorosas curadas e outras enterradas, de chocolates, *croissants* e *macarons*. As praças ficam cheias de idosos, casais em sua maioria. Isso tudo me faz sonhar de novo tudo o que parece ter se perdido no ar, depois que minha mãe se foi. A vontade de casar, de ter filhos, de envelhecer e morrer fazendo o que eu mais amo: *cozinhar*.

Capítulo 20

Benjamin

Nesse mesmo dia, acabei encontrando Charlotte de novo, na porta do hotel. Ela estava parecendo uma garota no auge dos seus vinte anos, montada numa bicicleta, usando um jeans apertado, botas e uma blusa de manga comprida fina,

seus cabelos formavam uma trança que nunca me recordo o nome. Estava curioso quanto ao fato dela parecer saber que eu estava hospedado no D'Aubusson. Quando eu a vi, eu ainda estava no balcão, deixando a recepcionista falando sozinha e fazendo-a repetir tudo de novo quase que umas duas vezes. Charlotte parecia entender o que estava acontecendo, já que vi ela dando risadinhas. Depois de esgotar a paciência da moça, caminhei preguiçosamente com as mãos nos

bolsos da calça até Charlotte. A princípio eu não sei o que havia acontecido comigo porque eu não conseguir dizer nada no primeiro minuto que se passou e ela parecia ter sentido o mesmo.

— Então... — eu disse. — A mocinha do corte Chanel te contou né?!

Ela deu um sorriso de canto, abaixando a cabeça e depois confirmou.

— Você é bom nisso! — ela disse.

— Estava óbvio. A não ser que...

— dei uma pausa, segurando um riso.
— A não ser que tenha colocado um detetive francês e carrancudo atrás de mim! — brinquei, erguendo as sobrancelhas enquanto ela ria.

Sua risada era muito gostosa de ouvir.

— Quer dar uma volta? — ela chamou.

— Está me chamando pra sair?!
— eu disse propositalmente.

— Por que, algum problema? É só um passeio!

— Não, não! — dei uma risada

leve. — É que as mulheres não costumam me chamar para sair... Até porque *essas* mulheres nem existem! — fiz uma careta.

— Sabe, é difícil falar de você para os outros. — ela disse, descendo da bicicleta. — Minha irmã uma vez me perguntou como você era. Eu não sabia se eu dizia que era sério e sofisticado ou se era tímido e muito bem humorado. — ela ficou pensativa. — Conclusão: falei que você era bipolar.

Dessa vez consegui rir um pouco

mais alto, tirei as mãos dos bolsos e levei até o rosto para esconder um pouco a vermelhidão. Segundos depois, Charlotte pareceu um pouco chocada pelo que havia dito.

— Você deve estar pensando que eu sou uma louca, não é?! — ela perguntou subindo na bicicleta novamente. Cruzei os braços e fiz que sim com a cabeça, mantendo um sorriso nos lábios. — E aí, vai vir ou não?!

— Eu não tenho uma bike. — respondi

— Vem correndo mesmo! — ela gritou, já pedalando.

— Ahhh, muito engraçada você! — comecei a correr atrás dela. — Muito engraçada mesmo. Eu tô velho pra isso, mulher! — falei enquanto tentava acompanhá-la com dificuldade.

— Velho? Você não tem nem cinquenta ainda! — ela zombou. — E está em ótima forma!

— Que forma?! Mal consigo te acompanhar! — eu dizia enquanto procurava banhas imaginárias em

minha barriga. Char quase se desequilibrou de tanto rir.

— Vou te ajudar a mantê-la, então! — ela pedalou mais forte, ficando a metros de distância. — Vamos! Será que vou ter que arranjar um megafone?! — ela gritou em meio às doces risadas.

Não aguentei e parei me apoiando nos joelhos para recuperar o fôlego.

— Dá uma carona aí, vai!

— Não dá, olha o seu tamanho!

— Então desce daí e seja uma

boa menina...

— Você pedala e eu vou na garupa. — ela me entregou a bicicleta. Encarei-a com uma cara de descrença.

— Ah, larga de ser preguiçoso! Vamos. Vou te mostrar um lugar legal!

Admito que eu sorri feito um bobo apaixonado.

— Certo. Vamos ver se isso nos aguenta!

Ela riu, abraçou minha cintura e encostou a cabeça em meus ombros.

Definitivamente, estávamos parecendo dois adolescentes apaixonados.



A noite havia chegado timidamente e o céu continuava claro, passando de um azul levemente escuro para várias tonalidades alaranjadas e acinzentadas, enquanto os postes antigos de luzes amareladas da cidade se acendiam aos poucos. Seguimos por toda a rua do hotel e chegamos à *Rue Christine*,

não tendo tempo de observar melhor por onde passávamos e viramos novamente à esquerda, passando pela *Rue Des Grands Augustins*, *Rue de Savoie*, *Rue Séguier* e muitas outras ruas que não consegui me lembrar dos nomes de jeito nenhum. Só me lembro da primeira e da última rua. Quando chegamos à ponte *Petit Cardinal* *Lustiger* nos desequilibramos e segui novamente a pé, atrás de Charlotte, que parou em um ponto em que eu não havia entendido muito bem o que tinha de

tão importante por aquelas bandas. Eu sabia que aquela Catedral enorme era a de Notre-Dame, mas percebi que não era bem isso o que ela queria me mostrar. Olhei ao redor, olhei para a Catedral, olhei para ela e tornei a olhar as pessoas e até para cima, ela riu.

— Aqui. — ela colocou o pé direito em cima de um octógono que parecia ser de bronze.

— *Poin ero des routes de France.*
— eu li com dificuldade. Ela deu uma risadinha.

— É *point zero*. É a partir daqui que se marcam todas as distâncias de toda a França. — ela disse orgulhosa. — O *T* e o *Z* estão acabadinhos porque os turistas adoram tirar fotos com um dos pés aqui!

— Não entendo nada dessa coisa de distância, mas acho que entendo o quão interessante e importante é este ponto.

— A Catedral indica o centro geográfico da cidade.

— Entendi. Aliás, é aqui que dizem que os pedidos se realizam?!

— perguntei, lembrando-me de uma pesquisa antiga.

— Sim, sim! Faça um pedido.

— Não, isso é coisa pra adolescentes...

— Para com isso! Qualquer um pode fazer um pedido.

— Tudo bem. — fechei os olhos, mas não completamente, observando Charlotte me encarar enquanto fazia o pedido.

— O quê pediu?! — ela quis saber, mesmo sabendo que eu provavelmente não diria. — Que você

viva aqui pra sempre?! — Ela sorriu amigavelmente. Abri um sorriso de canto ao ouvir sua suposição.

— Não posso contar. Pelo menos não *ainda*. — fez-se um curto silêncio, quando encarei um dos postes que se pareciam com lustres. — Por que *Cidade Luz*? — indaguei de repente. Charlotte encarou um deles com carinho.

— Bem colocada a sua pergunta. — ela disse. — Geralmente as pessoas perguntam já afirmando que é porque a cidade é

maravilhosamente bem iluminada...

— Mas não é só por isso. —
completei.

— Não é exatamente por isso, embora o motivo pudesse ser considerado. Dizem que chamaram *Cidade Luz* por atrair vários artistas famosos que passaram a viver aqui, ou seja, um derivado de “brilhantes” ou “mentes brilhantes” que se destacaram – pintores, músicos, dançarinos, fotógrafos, escritores etc. –, transformando a cidade no maior centro de artes do mundo.

— Faz sentido. Sou muito fã de Hemingway. — dei uma pausa, agora encarando a Torre Eiffel ao longe. — Mas ainda assim, não há nenhuma relação com as *luzes*, de fato?!

— Sim. — ela concordou rapidamente. — Minha professora de História sempre preferiu acreditar que, em 1667, quando a cidade ganhou o nome de “cidade das luzes”, Paris estava passando por uma série de violência urbana. Então o rei Louis XIV nomeou um general para acabar com a criminalidade. — ela fez uma

pausa para umedecer os lábios. — Uma das soluções para acabar com esse problema foi substituir as luminárias por tochas gigantes e mais potentes. Até as ruas estreitas e os becos deixaram de ser um “beco escuro e perigoso” para se atravessar a pé durante a noite.

— Uau! Tenho certeza de que você sempre tirava 10 nas provas de história! — comentei surpreso. Ela fez de sinal de mais ou menos com as mãos e pegamos o caminho de volta para o hotel.

Capítulo 21

Alice

Preciso conhecer esse *canadense*.

Conforme os dias, as semanas e os meses vão se passando, Charlotte parece ter voltado aos vinte anos de idade. E bem, isso é bom pra ela, fazia

muito tempo que eu não a via chegar do trabalho sorrindo. Parece que esse cara amenizava toda a raiva, a frustração, o ódio que ela sente quando Liza fica no pé dela. Ele está virando ela de ponta a cabeça. Pelo que ela fala, ele deve ser bem bonito, educado, gentil e encantador. Mas o meu medo é que ele seja só mais um para a lista de homens que a magoaram. Que ele esteja a enganando ou querendo brincar com o coração dela, tão frágil quanto os ossos de uma pessoa vítima de

osteoporose. Percebo que ela tem se entregado cada vez mais. Isso pode ser um problema. Ela tem coração mole e quando se apaixona, dificilmente desapega. Talvez o fato de estar solteira até hoje deva fazer com que ela sinta-se velha demais para deixar escapar certas oportunidades. Ela está certa, precisa aproveitar as oportunidades que aparecem em sua vida, mas ela erra em mergulhar de cabeça na maioria das vezes.

Felizmente, por um lado, eu

posso contar nos dedos às vezes em que eu tive de ampará-la por noites após uma desilusão amorosa. Tentou se relacionar com homens da mesma idade, um pouco mais velhos e até rapazes um pouco mais novos. Infelizmente, a maioria deles só queria ganhar uma cortesia para almoçar e jantar todos os dias no Le Procope. E falando em restaurante, ela nunca conseguiu recuperar o restaurante do vovô. Tenho certeza de que se ela o conseguisse de volta ou pudesse reformá-lo a seu modo,

ela seria muito mais feliz. Ela não é feliz, sabe? Ela apenas se acomodou, apenas está grata por não estarmos nas ruas, por podermos sobreviver mesmo com o pouco. Mas ela não está feliz e essa é minha preocupação quanto o tal canadense. O que ela está sentindo agora não é bem felicidade. É a tal das “borboletas no estômago”, a ansiedade em querer desencalhar logo, mas é momentâneo. Para piorar, Liza sempre inferniza a vida da minha irmã. Quando se faz algo que ama, você passa a refletir essa

satisfação para as pessoas próximas. Mas Charlotte só está naquele restaurante porque ainda não sabe o que quer fazer da sua vida. As pessoas a observam e vê um sorriso no rosto, um olhar até amigável, mas não fazem ideia da confusão que é a mente e o coração dela. Posso perguntar a ela o quê ela sente quando está com o canadense, e provavelmente ela vai ficar em silêncio e depois dizer que não sabe muito bem o que ela sente. Depois ela vai falar que é amor porque

geralmente não sabemos explicar o tal sentimento, mas...

Nem sempre isso é amor.

Capítulo 22

Megan

Era sábado e estávamos prontíssimas, apesar da Charlotte demorar pra sair do banheiro. *Eu espero que ela não esteja tirando selfies na frente do espelho!* Batuquei na porta várias vezes e ela sempre

respondia “já vai”. Ela gastou pouco mais de vinte minutos só no banheiro pra fazer a maquiagem – que estava muito fraca –, porque ela não quis me deixar ajeitá-la. Prometi que seria boazinha e que não exageraria, então, ela acabou se rendendo quando viu minha cara de descrença. Comecei com uma base líquida e depois passei o pó. Convenci ela a usar sombra e ela implorou para que fosse só preta, lápis para realçar os olhos castanhos claros e um batom vermelho escarlate. Também não me deixou

tocar nos cabelos, embora realmente não fosse necessário. Estava chiquérrima da cabeça aos pés, que por sorte, calçava um antigo, porém maravilhoso Christian Louboutin prateado. Ela inventou milhares de mentiras para comprá-lo por uma pechincha e não me pergunte como ela conseguiu.

Já eu, usava um velho companheiro. O básico *Lanvin* azul – o básico que as garotas se matariam para conseguir – e nos pés um *Jimmy Choo* que também consegui com uma

pechincha. Você pode olhar para nós duas e pensar que somos ricas, que moramos em coberturas na capital francesa, cheias de homens aos nossos pés, mas na verdade, tudo o que temos foi conquistado com muito choro e “pagação” de mico. Além disso, são produtos antigos, que as modelos mais bonitas e ricas do planeta enjoaram e quiseram doar. Nos dias de semana ou em todos os finais de semana, dificilmente você nos verá assim, parecendo duas amigas ricas esbanjando beleza e

riqueza. Quem trabalha conosco, jamais imagina que poderíamos ficar tão sexys como estamos agora. E eu pagaria pra ver a cara da Liza se ela nos visse assim.

Ficamos de encontrar os rapazes no saguão do D'Aubusson. Disse à recepcionista que estávamos esperando por Benjamin e ela nos disse que ele já estava descendo. Eu esperava que o amigo dele fosse bonito e bastante divertido, caso houvesse alguma dança depois do jantar. Então, finalmente as portas do

elevador se abriram e lá estavam dois cavalheiros lindíssimos, de tirar o fôlego. *MonDieu!* Eles estavam realmente impecáveis e nem precisaram se aproximar para perceber que estavam muito bem perfumados. Benjamin ficou vidrado em Charlotte. Em todos esses anos de amizade com ela, eu nunca vi sequer um homem olhá-la daquela forma. Era um olhar de análise, que diziam... Na verdade, não tem explicação. Pela primeira vez na vida, eu senti que Charlotte finalmente podia ser feliz

com alguém. Havia certo tipo de malícia nesse jeito dele encará-la, mas era algo natural dos homens. Aquele olhar que diz “*Uau, nunca pensei que poderia ser tão sexy!*” e depois solta um profundo e longo suspiro, deixando um sorriso *muito* apaixonado escapar.

E sobre o amigo dele. Céus! Ele estava tão bem perfumado que acabei fazendo um comentário inusitado.

— *Hugo Boss. Element.* — deixei escapular. O amigo de Ben me

encarou surpreso e sorridente. *Que sorriso é esse?!*

— É especialista em perfumes?

— ele me perguntou. *E que voz é essa?!*

— Não exatamente. — fiz uma pausa, recuperando os sentidos. — Só uma fã dos grandes.

— Modesta! — Charlotte me cutucou.

— E você parece estar usando um *Carolina Herrera*. — Benjamin se dirigiu à Char. Ela ergueu as sobrancelhas e deu um risinho

tímido, surpresa. — Eu pesquisei. — ele confessou com um sorriso torto, enquanto o amigo ria.

— Na verdade, eu falei pra ele. — comentou o amigo.

— Ah. Essa é Charlotte. Charlotte esse é meu braço direito, William. Ou Will, como preferir. — ambos se cumprimentaram com dois beijos nas bochechas. Depois Benjamin se virou para mim. — E esta é Megan, creio que o braço direito da Char!

“*Da Char*”. Quanta intimidade. E esse Will. *Hmmm*. Tem cara de rico,

mas parece gente boa.

— Devemos ir. Acho que vai chover! — Benjamin envolveu Charlotte pela cintura naturalmente.

— Concordo. Se não estamos ferradas! — brinquei.

— Verdade. A parada do cabelo né? — ironizou Will.

— O cabelo é o de menos! — retruquei.

— Jura? Primeira mulher que conheço que pensa assim. Posso pegar seu número?! — ele disse empolgado.

— Will.

— Qual é! Eu estou brincando! —

ele disse, enquanto Ben o encarava.

— Eu tô brincando, cara!

Gostei desse Will.

Finalmente, a *Torre Eiffel*. O *Jules Verne*. E a noite que vai ficar marcada pro resto de nossas vidas. Posso parecer um pouco pessimista pensando assim, mas nunca se sabe o que pode acontecer amanhã, certo?

A noite ainda estava bastante clara. O céu estava em sobre tons de azul já que ainda eram oito da noite.

Fomos mais cedo para não perdermos nossa reserva e não decepcionar os rapazes. Demos algumas voltas para que os rapazes admirassem um pouco mais a torre e chegamos ao pilar sul, onde ficava a entrada para o restaurante. Nos deparamos com uma curta escadaria e ao fundo as luzes alaranjadas iluminando o interior. *Céus, como isso é lindo!* Será que só eu sou fascinada por luzes amareladas?! O elevador privativo começou a subir. O engraçado era que eu e Charlotte

parecíamos duas turistas que nunca tinham visto a torre nem de longe, apesar de sermos francesas. Já os rapazes, não sei se é porque são homens e mais discretos mas, eles pareciam tão calmos. Mas percebi que os olhos do Benjamin brilhavam.

— Sabe quem é a estrela daqui?!

— Ben se dirigiu ao Will, que balançou a cabeça não fazendo a menor ideia. — *Alain Ducasse*! — ele disse, parecendo um especialista.

— Eu não entendo nada disso, Hastings! — ele resmungou. — Não

me queime na frente das moças.

Confesso que fiquei surpresa quando ele disse sobre o Ducasse.

Havia alguma coisa que a Charlotte não havia me contado.

— Ah é, esqueci de contar. Benjamin também é chef. Ele tem um restaurante em Toronto. — Charlotte sorriu. *Bingo!*

— *Tinha.* Eu acho! — ele riu, debochando de si mesmo. — Cadê o Will? — ele olhou ao redor, procurando-o.

Então chegamos ao segundo

andar.

— Vamos! — Will se aproximou.
— A nossa mesa está bem ali. — ele apontou para um cantinho bastante aconchegante, para as mesas coladas nas janelas de vidro.

Uau! Eu e Charlotte vislumbramos juntas.

A paisagem era incrível. O pôr do sol ao longe, o céu azul escurecendo, os pontinhos amarelos se acendendo aos poucos, os faróis, a vista para a *Esplanade du Trocadéro*. O interior era sem dúvidas, muito

aconchegante, tinha um ambiente e um clima agradável que dava vontade de ficar ali por horas. Esse é um daqueles raros momentos em que você não deve reclamar dos preços, dos fumantes, dos bêbados, das crianças sapecas que correm ao redor das mesas. Não é todo dia que você conseguirá ir ao Jules Verne. Muito menos tão bem acompanhada como agora! Gastar as economias de meses num só restaurante pode parecer uma loucura para a maioria das pessoas, mas é uma loucura

necessária da qual jamais se arrependerá.

Não havíamos optado por conversar um pouco antes de fazer os pedidos, isso havia acontecido naturalmente. A conversa estava tão boa que não vimos o tempo passar. Charlotte falou de seu avô e tudo o que aprendeu com o senhor Louis. Eu falei um pouco sobre o meu fanatismo por perfumes, roupas de grife e claro, meu amor pela gastronomia. Will contou sobre sua infância, como ele livrava Ben das

encrenchas no colegial. Ele também falou sobre sua vida amorosa, assim como eu, Charlotte e Ben. Também nos contou o que havia acontecido na delegacia depois daquela briga na porta do *Le Procope*. “Eu tenho meus contatos.” Ele dizia, com um ar bastante metido, mas sem perder o bom humor. Mas quem mais falou, foi Ben. Ele parecia estar duplamente encantado. Primeiro por Charlotte e depois, por Paris. Ele não parava de mencionar frases de um famoso escritor americano Ernest

Hemingway.

— Li “*Paris é uma Festa*” em uma semana, enquanto trabalhava, cozinhou e até enquanto almoçava ou jantava. — dizia ele. — Lembro de muitas passagens, mas sabe de uma coisa? Ler esse livro em Paris, não é a mesma coisa de lê-lo quando eu estava em Toronto. O livro ganhou muito mais vida depois que comecei a relê-lo aqui! — ele encolheu os braços para que o garçom pusesse o vinho e as taças na mesa. — Embora não estejamos mais no século 20, é

possível olhar em volta e notar que muita coisa permanece intacta.

Charlotte estava caidinha. E cá entre nós, ele não era só um chef bonito, ele havia se mostrado um homem bastante culto, inteligente e muito gentil.

— Ben é escritor. — revelou Will. Benjamin abaixou a cabeça, suspirou e encarou o amigo de soslaio.

— Jura?! Então é por isso que é tão fã de Hemingway! — exclamei.

— Eu já imaginava. — Charlotte finalmente abriu o bico. — O modo

como fala das coisas. Em prosa. Poesia.Com paixão. Lembra meu pai, que também foi escritor. — ela sorriu.

— Mesmo?! Qual vinho você me indicaria como companhia e fonte de inspiração?! — ele perguntou.

Essa havia sido uma pergunta bem interessante.

— *Saint-Amour*, se você for um Hemingway da vida. — ela apoiou o cotovelo na mesa e o queixo na mão, observando-o descaradamente. — O *Château Lafite Rothschild* também é

uma boa pedida. Foi classificado como o primeiro das *Premières Grand Crus* em 1855. “*Premières Grand Crus*” é quase o mesmo que *premiação em graduação de qualidade*. A vinícola que fica em *Medóc* – na região de Bordeaux, é sinônimo de riqueza, prestígio, respeito e história. É conhecida por produzir vinhos de notável longevidade.

Aí finalmente ela parou de falar. Will e Ben estavam boquiabertos.

— Uau. Tá aí uma pessoa que te

ultrapassou, Will! — implicou Ben.

— Deixa eu ver suas mãos! — brincou ele.

— Ah, tenha dó, Will. Ela não precisa de cola! — Benjamin fez com que Charlotte recolhesse as mãos.

— Eu ainda não sei nem da metade! — ela disse. — Mas se quiserem saber mais sobre os vinhos... — ela abanou a cabeça positivamente e apontou os dedos para si mesma.

Estava sendo uma noite incrível e divertidíssima.

Depois do jantar, às dez da noite, o céu já estava escuro e pouco estrelado. Os rapazes adoraram a sobremesa, que foi o famoso *creme brulée*. Will lambeu os dedos, o que deixou outros clientes desconfortáveis. Já percebi que ele fazia isso de propósito, só para deixar o Ben envergonhado. Apreciamos a vista e depois pegamos o elevador de volta ao térreo. Will disse que havia uma banda tocando à beira do Rio Sena e seguimos caminhando até a margem direita do

rio. Havia uma pequena banda formada por um violinista, um violoncelo, um acordeom e uma gaita. Quando nos viram aproximando, começaram a tocar *La Vie En Rose* de um jeito que eu nunca havia escutado antes. Num piscar de olhos, eu estava dançando com Will e Charlotte com Ben. O mais incrível era que eu estava sendo beneficiada também. Pude desfrutar tanto quanto minha melhor amiga e jamais imaginava que isso seria possível. Parecia coisa de filme hollywoodiano. Duas amigas

realizando o sonho de terem uma noite “chique”, inesquecível e romântica, na companhia de homens incríveis, completamente extintos do nosso mundo atual. Se aconteceu algum beijo... Eu não lembro.

Quer saber? Se eu morrer amanhã, morrerei satisfeita apenas por causa desta noite.

E não tente entender o porquê, porque isso está além da compreensão humana.

Não force o pensamento. Não imagine. Não invente respostas.

Apenas *viva*.

Capítulo 23

Charlotte

No domingo.

Eu ainda estava vivendo a noite anterior. Estava dançando levemente a mesma dança de ontem, cantarolando *La Vie En Rose* baixinho enquanto passava café e arrumava o apartamento. Alice roncava desde a hora que eu havia saído para o jantar de ontem. Acho que ela nem se mexeu quando cheguei e muito menos quando quebrei um copo acidentalmente. Organizei todo

apartamento, as bagunças de Alice, as roupas que ela sempre deixa jogada por todo o quarto e até a sala. Sua caixa de maquiagens virou outra coisa. O sapateiro nunca estava em ordem. E quando abri o guarda-roupa... Um monte de roupas caiu aos meus pés. Pareciam implorar que eu as organizasse. Sempre foi difícil colocar as coisas da minha irmã em ordem, já que ela diz que tem o jeito dela de organizar – que, aliás, ela *nunca* organiza. Nem quis mexer nas gavetas e em outras tralhas dela.

Ajeitei o que eu podia e voltei para a sala, para buscar uma caneca de café e sentar à beira da janela, que tinha a invejada vista para a torre Eiffel.

A torre que traria à tona uma nova e inesquecível lembrança pro resto da minha vida.

Lembro-me de cada passo, de cada toque suave e delicado das mãos macias dele em minha cintura, outrora nos meus ombros e braços. Lembro-me da sua respiração quente e acelerada, do seu nervosismo, os dedos trêmulos percorrendo meus

braços até minhas mãos. Lembro do seu olhar distante, não distante em outro pensamento, mas bem no fundo dos meus olhos. Por um momento, me senti desconfortável, como se ele pudesse enxergar cada medo, cada ferida, cada trauma conquistado no passado. Ainda que eu estivesse adorando tudo isso, tinha algo que não me deixava totalmente confortável. Era como se eu soubesse que depois de certo tempo, ele iria embora e eu nunca mais o veria. Coisas que são como o

vento. Vem e vão, mas quando volta, retorna de outra maneira. Eu não estava completamente confiante e tenho certeza de que Benjamin havia percebido isso. Ele é bom nisso. Ele é observador. Ele te olha como se fosse um psicanalista prestes a desvendar tudo o que nem você sabe que está inibido pelo superego.

Ele havia trazido de volta toda aquela melancolia, um sentimento de solidão estranhamente agradável, aquela vontade de ficar horas imersa numa banheira segurando uma taça

de vinho e lendo os romances de Jane Austen. Havia chegado juntamente com os tempos chuvosos que meu pai adorava quando ia escrever. Ele tinha a mesma empolgação do meu pai quando falava de seus livros preferidos. O modo de falar, a paixão pelas palavras e pelas histórias que eles mesmos inventavam. Carregava consigo a mesma *pose blasé* que meu pai tinha. Aquele andar despreocupado, e ao mesmo tempo charmoso, que por um momento uma voz dizia que esse tipo de homem

não valia à pena, mas queremos assim mesmo justamente por causa dessa proibição.

De volta ao jantar, havíamos conversado sobre tantas coisas que não consigo me lembrar de algum assunto muito interessante ou de pequena importância para mencionar. Lembro por tópicos. Literatura, vinhos, jazz, perfumes, as encrencas de Will, sobre as dezenas salas de cinemas que existem a cada quarteirão de Paris, sobre o Panteão, sobre visitar o *Champs Élysées*, sobre

fazer compras no *Marché d'Aligre* para almoçarmos em casa um dia, sobre as gostosuras do *Pierre Hermé*, a paixão de Ben por quadrinhos da DC e sobre como o destino estava mudando o rumo de nossas vidas. “*O destino é cego; e seus decretos, incontroláveis*”¹ ele citou. Eu poderia concordar em partes. Mas quando as coisas começam a dar certo, acho que começo a acreditar nessa frase. O tal do destino poderia ter apontado o estilingue segurando Benjamin para qualquer outro rumo, para uma

mulher mais interessante e esbelta do que eu, mais esperta, confiante e menos medrosa. Poderia ter mandado ele para qualquer outro lugar que tivesse um festival de uma gastronomia exótica, como em Tóquio, por exemplo. E ele acabou parando aqui no lugar mais clichê do planeta. Em Paris. Debaixo do meu nariz.

Eu deveria me considerar uma sortuda ou só mais uma vítima desse destino cego cheio de surpresas?!

Como Woody Allen pode mudar sua Vida, *Éric Vartzbed*, Nova Fronteira (2012). Pg. 47.

Capítulo 24

Benjamin

Levantava-me, punha-me a contemplar os telhados de Paris e pensava: “Não se aborreça. Você sempre escreveu antes e há de escrever agora. Tudo o que tem a fazer é

escrever uma frase verdadeira.

*Escreva a frase mais verdadeira que
você souber.”*

(Paris é uma Festa, Ernest
Hemingway)

Acho que eu poderia trocar a
última frase para “*seja o mais sincero
e verdadeiro como puder com ela*”,
tratando-se de Charlotte. É
engraçado e ao mesmo tempo
assustador o fato de não conseguir

dizer a ela o quanto estou apaixonado e gostaria de viver o resto da minha vida com ela. Eu sou escritor. Sou bom com as palavras. E parece que há uma lei natural dos escritores de que nenhum de nós conseguimos falar sequer uma frase inteligente a alguém que gostamos. As centenas de folhas gastas tentando descrever o que sentimos nunca é o suficiente. Sempre trocamos as palavras e o momento que deveria ser romântico, passa a ser cômico. É como aquele vídeo

famoso no You Tube em que o casal realiza os votos cerimoniais, quando o noivo troca a palavra “legítima” por *leitíssima*. A noiva não aguenta e cai na gargalhada. Não que seja ruim. Tem que rir pra não chorar, não é mesmo? Só que isso nos faz bobos. E num sentido ruim, pra não dizer péssimo. Faz-nos sentirmos idiotas. Mas na verdade, esse *mimimi*, esse “reconhecimento” que sentimos falta, só prova que nós homens só ficamos realmente *adultos* depois dos 50. E quer saber? É difícil admitir isso.

Quase impossível. Mas é algo tão óbvio que não adianta querer esconder. Você simplesmente aceita e tenta viver a seu modo e sem presa.
A pressa é inimiga da perfeição.

Voltemos à Paris.

A magnífica Cidade Luz.

O palco dos artistas.

A cidade das ruelas escuras.

Dos bueiros entupidos e dos roedores.

O paraíso dos recém-casados.

A capital da melhor coisa que existe no mundo: a gastronomia.

E o pior lugar para sair em busca
de perfeição.

A Paris que abriga a mente e o
coração mais valioso que eu já tive a
oportunidade de conhecer.

O *coração* de olhos castanhos e a
mente cheia de segredos.

Olhar que me queima e segredos
que me atijam.

Segredos que atijam Paris.

A Paris que não te conhece.

Que não te viu.

Não te vê.

E nem verá.

Não sou homem de expor meus bens.

Sim, estou sendo machista.

E sim, *estou completamente bêbado.*



Uma vez li num site um texto de um autor brasileiro, em que ele dizia que o sotaque de certa região do Brasil deveria vir com tarja preta. No começo do texto ele diz: “*O sotaque das mineiras deveria ser ilegal, imoral ou engordar, já que tudo que é bom*

tem um desses horríveis efeitos colaterais, como é que o falar lindo e charmoso ficou de fora? Por que Deus, que sotaque! Mineira devia nascer com uma tarja preta avisando: Ouvi-la faz mal a saúde. Confesso: esse sotaque me desarma. "Preciso dizer o mesmo a respeito da própria Paris. Deveria ter placas por toda a cidade nos avisando do perigo que existe em cada canto. Paris te leva para vários séculos em um só quarteirão, faz com que você se perca naturalmente em meio a tanta novidade que seus olhos não

conseguem acompanhar. Ela tem ímã a 360°, o que pode te deixar até um pouco zozzo porque você não sabe para onde olhar exatamente. As francesas, embora muitas delas andem de nariz empinado, são encantadoras, sedutoras e um tanto arrogantes.

Mas se tem uma palavra que descreve tanto as mulheres quanto Paris, é que ambas são *intimidadoras*.

Já se sentiu intimidado por um homem cujo comportamento atrai qualquer tipo de mulher? Não é

preciso dizer nada, você apenas observa e pensa que nunca será tão bom com as mulheres quanto aquele cara é. O mesmo acontece quando se está em Paris. Ela te intimida naturalmente. Você se sente incapaz de viver num lugar que parece transpirar perfeição e luxo. Não é só porque sou um pobre canadense, se eu perguntar a um escritor francês como ele se sente em relação a isso, eu duvido que ele consiga uma resposta capaz de preencher todas as nossas dúvidas. É um lugar onde a

elegância reina até nos monumentos. Tudo aqui tem história. Quando Charlotte me mostrou o point zero eu sinceramente não consegui entender a importância daquilo. Nesse ponto, talvez seja realmente necessário ser um parisiense para compreender aquele octógono de bronze desgastado. Não estou desmerecendo a simbologia dele, mas até isso faz eu me sentir inútil, incapaz e desmerecedor de viver num lugar magnífico como Paris.

Não se pode alcançar a perfeição

porque ela é incompreensível.

Agora sobre o *Quartier Latin*. Tem dezenas de cinemas só nessa região. *Ah, Paris, como és egoísta!*

Algo me diz que eu deveria convidar Charlotte para assistir um clássico, embora eu ache que ela já tenha visitado todas as salas e assistido todos os filmes. Mas não custa nada tentar. Comprei uma *Pariscope* – uma revista sobre os filmes exibidos nos cinemas – dias atrás, mas não me lembro aonde é que eu a enfiei. Se bem me lembro,

iriam exhibir *Casablanca* legendado em inglês na quarta-feira, às 20h. Logo, preciso arranjar outra coisa pra fazer hoje. Aí está mais um “problema”, mesmo que haja milhares de lugares para visitar, estes são muito longe, não que eu seja preguiçoso, mas gosto de economizar tempo e dinheiro. Depois do cinema, poderíamos ir à *Pont des Arts* e pendurar um cadeado. Voltar a fazer companhia àquela banda que fica à beira do Sena.

E talvez sentarmos nas

escadarias do Panteão à meia-noite e
esperar que um *Peugeot*
184Landaulet nos busque para
conhecermos a Paris dos anos 20.

Capítulo 25

Charlotte

Na segunda, Benjamin mandou uma caixa com quatro macarons Pierre Hermé juntamente com um bilhete que dizia:

“Bonjour, mademoiselle! O que acha de ir ao cinema comigo quarta-feira? Estarão exibindo Casablanca. Você disse que nunca assistiu, certo? Passarei o dia no Café Laurent, caso queira me responder pessoalmente. Sinto falta da sua voz.

“Amour, Benjamin.”

Liza me espiava de longe enquanto eu deixava um sorriso escapar. Não podia ver alguém feliz que já queria estragar tudo. Voltei correndo para a cozinha antes que ela me humilhasse publicamente, escondi a caixinha junto com um moletom dentro do meu armário e voltei para o salão principal para entregar alguns pedidos. Se eu ganhasse dinheiro a cada fuzilada dela, eu provavelmente estaria rica. Megan comentou algo sobre ser

despedida e por um momento não dei importância para o fato. Eu ainda sonhava em reerguer o restaurante do meu avô e tenho certeza de que Ben me ajudaria a realizá-lo. Ele havia se tornado uma daquelas pessoas que eu poderia confiar cegamente em seus instintos ou em suas ideias. Aquele tipo de pessoa que se eu soubesse quanto tempo de vida me restava, eu deixaria tudo o que é meu aos cuidados dele. Até o restaurante do meu avô.

Havia sido um dia de trabalho

até tranquilo. Muitos clientes estavam bastante satisfeitos tanto com a comida quanto com o atendimento. Perguntei onde a Liza havia se metido e me disseram que o filho menor tinha sofrido um incidente na escola. *Graças a Deus!* Não pelo garoto, mas por esse tempo glorioso que tivemos sem ela nos perturbando. Às vezes me pergunto se ela é uma boa esposa e boa mãe. E se ela for, porque ela tem de ser tão cruel com os funcionários do restaurante. Eu dificilmente

conseguiria imaginar uma Liza tentando acalmar seus filhos com uma voz doce e tranquilizante, fazendo carinho e brincando com eles. Desde que a conheci, sempre achei ela uma mulher amarga. Mesmo que o amor suporte tudo, como o marido dela consegue conviver com uma mulher tão ríspida e seca como ela?

Sabe, às vezes tenho medo de casar e ter filhos justamente por isso. Me irrita facilmente com muitas coisas, não gosto de desordem, não

gosto de gritaria e acho que não sei lidar com crianças.

Depois do expediente, saí rumo ao Laurent. Uma chuva fina caía, o céu estava ficando acinzentado, escondendo o sol. Os ciclistas pedalavam depressa, os empresários e as mulheres com o sagrado *Louboutin* nos pés andavam às pressas até seus veículos, um táxi ou até um estabelecimento para se protegerem. Os ratos corriam de um lado para o outro procurando abrigo, assim como cães e gatos de rua. Os

donos de barraquinhas de rosas se
aprontavam rapidamente para irem
embora. Tudo parecia estar
acelerado ao meu redor, enquanto eu
caminhava tranquila, sem me
preocupar com a chuva, sem me
preocupar com o fato de que poderia
adoecer depois, sem dar atenção aos
murmúrios dos ciclistas que
insistiam em passar correndo do
meu lado. Sem ligar para os esbarros
e das poças de lama. Eu não era
assim. Mas parece que alguém estava
me influenciando indiretamente.

Quando finalmente cheguei à Rua do D'Aubusson, antes mesmo de atravessar a rua, vi Benjamin sentado numa das mesas coladas à janela. Ele estava parecendo àquela escultura *O Pensador*, de Rodin.

— Por um acaso você foi a inspiração de Rodin?! — apareci de frente para ele, toda ensopada. Ele levantou a cabeça rapidamente, sorriu quando me viu, mas não entendeu o que eu queria dizer. — *Rodin*. O escultor de...

— O Pensador! — ele completou.

— Teria sido uma honra se fosse verdade! — ele brincou enquanto apontava para uma das cadeiras.

— O que está escrevendo?! — perguntei, pegando um dos papéis espalhados pela mesa. — (...) *“O coração de olhos castanhos e a mente cheia de segredos.”*

— Não é... Nada...

Ele tentou tomar o papel, mas li outro trecho antes que ele o fizesse.

— *Olhar que me queima e segredos que me ataçam.* — abri um sorriso sapeca. — Então você é poeta

também?!

— Uma vez na vida e outra na morte. — ele comprimiu os lábios.

— Se inspirou em alguma musa do Panteão?!

— Do panteão eu não sei. Mas sim, me inspirei pobremente numa musa. — ele respondeu num sussurro. Parecia estar nervoso.

— Vai me dizer que musa é essa ou é segredo de estado?! — brinquei.

— A musa mais bela e inteligente que eu já conheci. Esculpida por um mestre que infelizmente não pude

conhecer. Mas que tem me inspirado desde quando eu cheguei aqui. — ele pausou para respirar e fez a mesma pose de antes fazendo com que eu desse uma risadinha. — Ela tem exatamente esse sorriso. Esse risinho gostoso de ouvir. E ela fala, caminha, cozinha, vive e olha como *você* me olha.

Senti um frio na espinha.

A ficha caiu.

E aceitei o convite do cinema através de um guardanapo por motivos óbvios.



Passei o dia seguinte pensando na quarta-feira.

Eu tentava atender aos pedidos no restaurante às pressas, com toda a perfeição possível como se isso fizesse o tempo passar mais depressa. Eu disse à Megan que só a veria de novo na quinta feira, pois na quarta eu teria folga e aproveitaria para ir às compras para reabastecer a geladeira e os armários. Pensei que talvez Alice quisesse ir comigo. Seria

uma boa oportunidade para nos aproximarmos de novo, e quem sabe confiar a ela tudo o que eu sentia desde que havia conhecido Benjamin. Dizer o quanto ele estava interessado na história do restaurante do vovô e como ele gostaria tanto de ajudar a reerguê-lo. Precisávamos passar mais tempo juntas, afinal, sem minha mãe, Alice deve guardar muitas coisas que não deveria. Eu deveria dar mais atenção a ela. Mas não tenho sido atenciosa e cuidadosa nem comigo mesma. Já fui bem mais

vaidosa. Sempre vamos sentir falta de alguém para nos dar um *up* e nem sempre sua melhor amiga pode fazer isso. Porém, isso estava mudando e por mais ridículo que possa parecer, tudo isso é graças ao *Ben*.

Finalmente, era quarta-feira e eu ainda estava diante do espelho tentando me decidir por qual dos vestidos usaria, segurando-os cada um em uma mão. Não era nada como aquele jantar no Jules Verne, mas eu sempre gostei de vestidos, apesar de usar pouco. Infelizmente, o frio não

estava ao meu favor nessa ocasião, embora eu sempre preferisse o inverno. Optei pelo que a maioria das mulheres usa: o jeans – não surrado –, uma regata por baixo de uma blusa fina de manga comprida, uma echarpe, uma jaqueta para emergências e sapatilhas. Por mais que saltos sejam elegantes, eles não são pra mim! Gosto de decidir o que vou usar o quanto antes para depois não me enlouquecer de última hora. Eu e Alice já tínhamos almoçado, mas infelizmente ela já tinha marcado de

passar o dia com alguns amigos. Então, mais uma vez, saí sozinha pelas ruas de Paris rumo ao *Marché d'Aligre*. Faço questão de mencionar esse mercado sempre, porque ele é um dos melhores de Paris e quero que todo mundo sempre se lembre desse nome quando vierem visitá-la um dia. Sempre acabo comprando mais do que deveria, mas é melhor sobrar do que faltar!

Ficamos de nos encontrarmos na porta do Le Procope e de lá irmos caminhando até o *Cinéma Accattone*,

que ficava na *20 Rue Cujas*, uma rua muito conhecida e movimentada principalmente por causa dos universitários da *Université Paris-Sorbonne*. Aliás, eu espero que a sala não esteja lotada só de universitários, já que todas as quartas têm promoções. Assistir filmes com um bando de universitários conversadores não é impossível, é inaceitável. *Eu espero que haja lanterninhas em cada fileira para garantir que haja silêncio absoluto*. Me admiraria muito que a

sala estivesse tomada de universitários para assistir *Casablanca*. Só por que é Paris, não pense que todo mundo aqui é culto e adora filmes antigos. Por que você acha que tenho vergonha de falar sobre o que eu gosto na roda de amigos de Alice ou da Megan? Acho que até a própria Megan me estranharia. Logo, não ligo quando minha irmã diz que só fico com a cara enfiada nos livros do meu pai quando estou em casa. É fácil pra ela falar isso. Está na flor da idade, tem vários

rapazes aos seus pés, amigos que falam a mesma “língua” que ela e diferente de mim, ela não tem vergonha na cara.

— *Bonsoir mademoiselle! Est prêt?* — ouvi Ben dizer. Ele havia perguntado se eu estava pronta. Quase não reconheci sua voz pelo sotaque.

— *Oui!* — respondi sorridente. Ele deu uma risadinha e comentou algo sobre a forma de nós franceses dizermos “sim”. Ele deu o braço esquerdo para que eu me apoiasse e

caminhamos por dez minutos até o cinema.

— Como você nunca assistiu *Casablanca*?! — ele questionou no meio do caminho.

— Sim. Nunca assisti. Sou daquelas que assiste os filmes repetidos que tem em casa, sabe? Igual aquele tipo de solteironas depressivas. — falei num tom engraçado. Ele riu enquanto me encarava. *Aquele sorriso de novo...*

— Não é possível! Vamos mudar isso a partir de hoje então. Vamos

fazer uma maratona de clássicos toda quarta, topa? — ele sugeriu animado. Dei um sorriso torto. — De qualquer forma, não vai se livrar tão fácil de mim! — ele sorriu de forma simpática.

— Eu topo. Vai ser ótimo sair da gaiola. — eu disse. — Mas aviso que estou desacostumada. Se eu dormir...

— Se você dormir eu te acordo com um beijo. — ele retrucou.

Enfim havíamos encontrado a fachada avermelhada do *Accattone*. Aparentemente, não estava tão cheio

quanto eu esperava, e torcia para que o interior continuasse do mesmo jeito. Pedi dois ingressos para o Casablanca em francês e seguimos para a sala indicada no ticket. Entramos na sala escura enquanto o telão exibia propagandas dos próximos filmes. Tive que segurar a mão de Ben para guiá-lo até as últimas fileiras, no alto da sala e nos sentamos no meio. Correspondi ao toque da mão dele naturalmente, como se sentisse falta daquilo, apesar de ser apenas a segunda vez que

havia pegado em uma de suas mãos firmemente. Depois de um tempo percebemos que ainda estávamos de mãos dadas mesmo assentados. Nos encaramos, olhamos para nossas mãos, mas por incrível que pareça, não nos soltamos. Não tivemos aquela súbita reação clichê de recolhermos as mãos. O choque e a timidez parecia ter nos grudado de forma surpreendente. Não tivemos nenhuma mudança de expressão, mas no fundo, estávamos gostando.

Então, o filme começou.

O título foi aparecendo lentamente no meio do telão, enquanto ao fundo ouvíamos alguns cochichos ao nosso redor. Não prestamos atenção no filme na maior parte dele. Digo, eu não prestei, pois o Ben já deveria tê-lo visto centenas de vezes. Apenas continuamos lá, com as mãos dadas, os dedos entrelaçados, os olhos e os ouvidos vidrados no telão, porém, com os pensamentos completamente voltados para outra dimensão.

Capítulo 26

B

(Me dê um minuto).

(Impossível!).

Essa é a palavra que define a tentativa de explicar o que aconteceu naquele dia.

Não sei o que aconteceu comigo,

com ela ou conosco. Não sei se estávamos apreensivos, com medo de nos entregarmos um pouco mais. Talvez o tempo em que fiquei afastado desse tipo de relacionamento interpessoal tivesse me deixado meio deslocado. Eu finalmente descobri onde Charlotte morava e a deixei em casa. Caminhamos em total silêncio, um pouco tímidos, demorando um pouco a nos soltarmos. De vez em quando eu a via sorrindo de canto, tentava esconder olhando para o lado, mas eu

conseguia ver suas expressões perfeitamente. Acabei descobrindo que eu estava fazendo o mesmo, porque quando Charlotte me encarava, eu achava que deveria mudar de expressão rapidamente. Era aquela sensação de estar sendo observado fazendo algo que geralmente temos vergonha de demonstrar.

Havíamos saído do cinema atordoados e dormimos do mesmo jeito.

Engraçado. Depois que conheci

Charlotte, eu estava me sentindo mais vivo do que antes. Não se trata só de um sentimento do que chamam de “amor” ou paixão, mas também de alguém que te deixa completamente à vontade. Finalmente conheci uma mulher que amava a gastronomia tanto quanto eu, que apreciava a literatura, que me correspondia naturalmente e que conseguia compreender meus devaneios de um escritor amador. Por vários momentos, já me peguei planejando uma fuga para outro lugar. Havia sido

um pensamento tolo. Eu estava num lugar onde eu sempre quis estar há anos atrás e agora que consegui chegar até aqui, eu simplesmente penso em fugir com uma francesa para outro lugar?! A que ponto eu havia chegado?

E não era uma má ideia.

Mas acontece que eu estava ficando egoísta. Paris estava me transformando. Eu queria estar em cada canto ao mesmo tempo, acompanhado de Charlotte o tempo todo, queria estar em Paris e ao

mesmo tempo Santorini, apreciando Charlotte num biquíni branco saindo da piscina ao longe, vê-la caminhando até mim e me dar um beijo molhado. Poder esparramar protetor solar por suas curvas e apreciá-la como se fosse uma obra de arte. Mas ao mesmo tempo, eu queria continuar em Paris e fazer bom uso do inverno. Adormecer nos braços dela, próximos a uma lareira, acompanhados de um bom vinho, ao som da chuva e do crepitar do fogo, e ouvindo Cole Porter, um bom

edredom – ainda que estivéssemos nus e o calor dos corpos juntamente com o calor das chamas fosse o suficiente para nos aquecer – e como sempre, ter mais uma ideia para um romance que eu provavelmente não terminaria, enquanto encarava o teto.

Paris era um alucinógeno. Estava me deixando insano. Completamente perdido.



A rua em que Charlotte morava havia se tornado duplamente

inesquecível. Primeiro por ela, e depois, pelo fato de ser uma rua bastante conhecida. A *Rue de Fleurus* era famosa por abrigar uma das escritoras mais procuradas pelos amadores do século 20. *Gertrude Stein* era conhecida por suas críticas sinceras, opiniões contrárias um tanto peculiares e muito provocativas. Porém naquela época, os escritores mais novos a procuravam a cada crítica construtiva – e às vezes até grotesca – que ela apontava. Hemingway era

um deles. Ainda que ela discordasse dele, ou criticasse seus contos de forma bastante pessoal, Ernest sempre passava no seu estúdio depois do trabalho. E quando chegava em casa, podia ter o prazer de continuar conversando sobre o que havia escrito naquele dia com sua esposa. Ele era um homem de sorte.

Nos dias de hoje, nós tendemos a querer fugir cada vez mais das críticas de quem entende do assunto até certo ponto, afinal, não se pode

concordar com tudo que o outro diz. Queremos ser elogiados e bem falados em todo o bairro e ganhar uma matéria exclusiva num jornal falando sobre nossas obras sem ter de passar pelos críticos. Na maioria das vezes, não conseguimos aceitar uma opinião negativa por inteiro. E compreendê-la pela metade é pior do que não compreendê-la de fato. As informações ficam tão incompletas quanto a sua imaginação limitada. Por mais que Hemingway fosse uma “criança desmamada” perto de Stein,

ele sabia enfrentar as críticas negativas dela. Tentava compreender suas opiniões contrárias, mas não gostaria de ser como ela. Se Stein ainda vivesse nos dias de hoje, provavelmente nós escritores seríamos motivos de lástima, boas risadas e talvez até de desprezo para ela. Qualquer escritor que lê a crítica dela a respeito de *Lá no Michigan*, de Hemingway, sente-se um escritor completamente perdido, envergonhado de si mesmo, pensam que nem mais a simplicidade é o

suficiente para fazer um conto verdadeiro e realista.

Porém, quando está realista demais, como já dizia Stein, o conto acaba se tornando *inaccrochable*, que nas palavras dela seria: “*É como um quadro que um pintor pinta e depois não tem coragem de pendurar quando faz sua exposição. E ninguém o comprará porque não poderá pendurá-lo também*”¹.

1. Paris é uma Festa, Hemingway. Pg. 29, Nova Fronteira.

Hemingway não disse em seu livro como era seu conto e quando descobri que era erótico, passei a concordar com Gertrude. Mas felizmente, por um lado, não estamos mais no século 20 e muito menos na presença de Stein. Logo, a literatura erótica não é mais vista como algo *inaccrochable*, embora muitos ainda não saibam a diferença entre erótico e pornográfico.

Afinal, grandes escultores

conseguiram criar estatuetas
magníficas de mulheres nuas, por que
não transformá-las em poesia
também?

Capítulo 27

Segundo o meu calendário, aquele canadense ia completar três meses aqui em Paris. Acho que ele havia sido o primeiro homem que eu conheço a fazer uma loucura dessas. Se bem me lembro, ele era filho único e tinha um restaurante pra tocar.

Exatamente, *tinha*. Uns dias atrás, eu tinha ouvido minha irmã comentar que ele o havia vendido, dividido o dinheiro com os pais e o restante pretendia usar para continuar vivendo aqui. Aliás, ele pretendia alugar um apartamento pelas bandas do *Saint-Germain* e se mudar pra lá. Charlotte havia avisado que chegaria um pouco mais tarde em casa, para ajudá-lo com a pequena mudança e com a compra de alguns utensílios. Então eu finalmente o conheci. Ele e Charlotte estavam fazendo compras

no mercado preferido dela. Confesso que o achei bem bonito, bastante simpático e aparentemente divertido. Ele era alto, um pouco cheinho e tinha os cabelos um pouco grandes, que escondiam as orelhas, nariz reto e empinado. É um daqueles caras que você elogia até o nariz e as sobrancelhas, que eram lindas também. Estava com a barba por fazer e tinha um sorriso encantador. Não nego que minha irmã sempre teve bom gosto pra homem. Mas nesse, ela havia acertado a mão em

cheio. Acompanhei-os por todo o passeio de uma curta distância. Eles pararam em vários lugares começando pela *Pierre Hermé*, depois o *Catherine-Labouré*, seguido do *Épicerie do Bon Marché*. Depois entraram no jardim do *Musée Rodin* e admiraram *O Pensador* de forma engraçada e estranha. *Deve ser coisa deles*, pensei. Depois pegaram o metrô de volta para o *Saint-Germain* com as mãos cheias de sacolas.

Confesso que já fazia uma semana que eu tava acompanhando

esses dois. Às vezes eu os via sem querer, pelas bandas de onde eu trabalhava, caminhando juntos e rindo à beça. Pareciam bem felizes. Estavam quase sempre comendo. Era incrível! Acho que isso é mal de *chef*. O canadense era bem carinhoso e cuidadoso com ela. Procurava sempre ajudá-la a pular uma poça d'água, ela ficava sempre de braço dado com ele, parecendo uma dama, ele sempre limpava uma cadeira ou enxugava um banco num parque qualquer pra ela se sentar. A última

pessoa que conheci que era tão gentil como esse cara foi meu pai. Ele era atencioso. Não tinha preferência por mim ou por Charlotte, nos amava de igual pra igual, mas de forma diferente. Era muito amoroso, sempre nos abraçando e nos enchendo de beijos, carinho e brincadeiras. Gostava muito de fazer planos, nos deixar com vergonha a respeito do futuro, sobre darmos netos e tudo mais.

Infelizmente, alguns planos foram interrompidos quando ele

disse adeus, enquanto outros serão descartados ao longo dos anos por sua própria natureza.

Capítulo 28

I

Preciso de um pouco de ar fresco!

O restaurante estava mais lotado do que nunca. Talvez fosse por causa do mês de férias para algumas pessoas, principalmente brasileiros. Por um lado era até gostoso ter o

restaurante cheio de pessoas por seu carisma e por manterem o ambiente bem aquecido. Mas por outro lado, era ruim porque éramos poucos funcionários para atender a demanda que não parava de entrar e sair. Eu e Charlotte estávamos quando perdendo a cabeça com tanta gente nos chamando até na porta da cozinha. Pra piorar, Liza nos cobrava em dobro. Comentei com o chef a respeito de a gerente contratar mais funcionários e quando ela nos ouviu, ela gritou “de jeito nenhum, não

temos como pagar mais funcionários”. Grande mentira! Dinheiro tem de sobra. Aliás, queria saber por que ela tanto teme a contratação de novos garçons.

Charlotte estava por conta de três mesas, eu por conta de duas e outra colega nossa por conta de também três mesas. Por sorte, eles estavam sendo pacientes. Talvez tivessem notado a “pão duragem” e a rispidez da vossa gerente. Apesar dos pesares, os clientes iam embora satisfeitos. As coisas corriam como

deveriam e Liza nos deixou em paz por um tempo. Até os clientes notavam que quando ela saía do nosso pé, conseguíamos atender todo mundo sem pressa ou medo de errar. Estava tudo acontecendo nos conformes, quando ouvi um barulho vindo do salão principal no segundo andar. Me apressei para saber o que havia acontecido o quanto antes de Liza, quando dei de cara com a própria com os olhos arregalados, em posição de susto, sem saber o que fazer e Charlotte sentada no chão,

visivelmente zonha.

— Charlotte! — exclamei, enquanto deixei os pedidos na mesa de uma família com cinco pessoas. — O que aconteceu?! — ela demorou a processar o que havia acontecido.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— Eu é que te pergunto! — falei, levantando-a. — Do quê você lembra?

— Lembro de... Lembro que senti uma forte dor de cabeça, fiquei zonha e depois não lembro de mais nada.

— É a segunda vez que isso

acontece. Precisa ir ao médico!

— Não... Eu *tô* bem. Só preciso sentar um pouco. E de um copo d'água.

Dei o braço para que ela me acompanhasse até a cozinha, puxei uma cadeira para ela se sentar e entreguei um copo d'água. Char estava ofegante, com uma aparência cansada, os olhos vermelhos e com dificuldade para respirar. Tinha algo errado. Alguma coisa que ela nunca me contou. Liza apareceu na cozinha, milagrosamente preocupada

perguntando o que ela tinha.

— É algo antigo. Nada demais. —
ela disse. — Algum tipo de
hipertensão no cérebro. — ela
gaguejou. Meu coração gelou.

— Nada demais? Como assim,
Charlotte?! — gritei não tão alto, mas
o suficiente para me mostrar
completamente preocupada.

— Não grita... — ela sussurrou ao
fazer uma careta de dor.

— Você quer ir pra casa? —
Perguntou Liza.

— Não, ela não pode ficar em

casa sozinha. Não nesse estado! —
retruquei.

— Eu estou bem, Meg. Já está
passando.

— Não senhora. Vou ligar pro *teu*
médico agora! — tirei o celular do
bolso.

— Megan...

— Eu vou contar pro *canadense*!
— ameacei. Ela ficou paralisada,
parecia ter recebido um balde de
água fria.

— Tá bom. Eu vou! Não precisa
contar pra ele. — ela revirou os olhos.

— Promete que não vai contar pra ele.

— Prometo. Agora vamos. — peguei minha bolsa no armário, a bolsa dela e saí rumo à porta do hospital. — Liza, eu vou com ela pra auxiliar no que for preciso. Você desconta as faltas no meu salário depois. Mando notícias quando der.

≈

Não é muito grave. Pelo menos por enquanto, começou o médico.

— Mas já solicitei um exame pra

você. É só aguardar. — dizia ele, enquanto preenchia um formulário. — A fundoscopia ocular pode nos ajudar a encontrar a origem dessa dor de cabeça.

— O que eu preciso fazer? — perguntou ela, angustiada.

— Nada demais. O exame é praticamente o mesmo da oftalmologia, só que com outras finalidades. Vamos examinar suas artérias, veias e nervos da retina. Pra maioria, esse pode ser um exame bobo, mas ele pode revelar muitos

problemas que nenhum outro exame consegue. A fundoscopia é a melhor forma de avaliar os vasos sanguíneos sem utilizar um método invasivo, por exemplo.

— A sala está pronta. — disse uma mulher.

— Obrigado. Vamos? Vai ser rápido e não vai doer. Me acompanhem. — ele abriu a porta e nós duas o acompanhamos por um corredor até outra sala. — Pode se sentar. Vou usar um pouco de colírio para facilitar, tudo bem? — ele

esperou que ela respondesse para prosseguir. Charlotte apenas balançou a cabeça positivamente. — Pronto. Abra bem os olhos. Certo... — ele fez uma pausa e recolheu o aparelho que estava usando. — Muito bem. Agora é esperar o diagnóstico.

— Não gostei dessa cara... — resmungou Charlotte. Ele olhou para mim e depois pra ela.

— Bom, tenho quase certeza do que é. Mas não podemos nos precipitar. — ele disse com as mãos nos bolsos do jaleco.

— E o que o senhor *supõe* que seja?! — perguntei, agoniada.

— De acordo com os sintomas...

Hipertensão intracraniana. — ele disse. — Ela explica as dores de cabeça e os desmaios. Pra descobrir a causa do aumento da pressão, vou solicitar uma ressonância magnética também. Pra essa semana. Sem falta. — ele disse, dando ênfase na última frase, encarando Charlotte fixamente. — Amanhã de preferência.

— Tudo bem. Amanhã pela manhã? — sugeriu Charlotte.

— Sim. O quanto antes, melhor.

— ele respondeu.

— Tudo bem então. Mais alguma coisa?

— Por hoje está liberada.

Descanse o máximo que puder. E jejum a partir da meia-noite se tiver estômago fraco.

Ao sair da sala Charlotte fez uma careta não muito satisfeita, mas prometeu se esforçar.

Capítulo 29

C

Acordar no hospital depois de um desmaio em que você não se lembra de nada é angustiante. Parece que eu morri e voltei, porque eu realmente não me lembro de nada além de uma sensação ruim tomando todo o meu corpo e minha cabeça quase explodindo.

Eu havia me esquecido da

ressonância magnética.

Esqueci no dia seguinte e no seguinte e cá estou eu, internada num quarto de hospital até bem cuidado e limpo. O cheiro de hospital obviamente prevalece e me enjoa, mas tem outra coisa que não consigo definir muito bem que também faz meu estômago se revirar. A enfermeira disse que poderiam ser os remédios que estão me dando. *Ótimo*. Um enjoo quase psicológico! Como se já não bastasse eu sentir o soro passeando nas minhas veias,

estou enjoada e com fome. Bem que minha irmã dizia que eu era uma doente. Um saco sem fundo. Ah, e me esqueci das broncas que vou ouvir da Megan.

Falando nela, olha ela aí!

— Você enlouqueceu?! — ela grunhiu, se esforçando para não gritar.

— Meg, eu tô bem. — ergui as sobrancelhas e dei um sorriso falso.

— Claro! Está ótima com esse soro na sua veia! Com esses olhos inchados e vermelhos! Está ótima! —

esbravejou ela.

Suspirei.

— Você não liga pra sua saúde não é? Não está nem aí para as pessoas que estão ao seu redor, não liga para as pessoas que se importam com você, não é Charlotte? Não faz diferença *né?*

Fiquei dura enquanto vi Megan segurar o choro. Ela havia colocado a mão inteira na ferida.

— O quê eu vou dizer pro canadense se algo acontecer com você? Ou se ele me perguntar de você,

o que vou dizer a ele? Como vou dizer? Vou falar que você não quis que eu contasse? Vai ter de me dar um bom motivo!

Engoli seco.

— Sabe o que seu pai diria? Que você é igualzinha a sua mãe! Teimosa. Medrosa. Insensível. Uma pessoa que vive de qualquer jeito e que acredita estar preparada pra morrer. Mas vai por mim, *Dupont*, você não está. Não agora com um homem na sua vida. Você está sendo egoísta! Quem vive a sua vida é você,

mas não pode simplesmente se desfazer dos laços que construiu aqui. E quando esses laços forem dificilmente cortados, somos nós quem vai implorar por perdão. Porque o que está parecendo é que não somos bons o bastante pra você. Bons o bastante pra fazer você continuar a viver o monte de coisas que ainda tem pra viver. Mesmo que você tenha medo de morrer, a morte nunca vai ser pior do que a dor da saudade que as pessoas que ficam, vão sentir pro resto da vida. Pense

nisso, Char.

E então ela saiu do quarto.

≈

Mais tarde, Megan estava de volta ao meu quarto, acompanhada de Alice, o médico responsável e uma enfermeira com cara de adolescente. Tinha acabado de acordar de um longo cochilo e a cara das duas não eram nada boas. Quando abri bem os olhos, Alice se aproximou, tocando minha mão, enquanto Megan continuava de cara emburrada pra

mim. Minha irmã disse algumas coisas, mas não consegui ouvir nada, não sei por quê. Talvez os remédios ainda estivessem no auge dos efeitos. Soube que Liza havia aparecido mais cedo. Mas não me surpreendia. Liza só era uma péssima gerente. No fundo talvez ela tivesse algo bom a ser cultivado no coração dela. Ou talvez eu já não estivesse pensando direito agora.

— Então, o que o exame diz?! —
perguntou minha irmã, aflita.

— Ela realmente tem

hipertensão intracraniana. A ressonância nos mostrou uma lesão grave nos dois hemisférios cerebrais com áreas de edema, hemorragia, captação do contraste e necrose. Há um tratamento, porém, é cirúrgico e um pouco perigoso, onde retiramos o máximo que pudermos do tumor. Depois de um mês, a radioterapia e a quimioterapia podem ajudar a estender o seu tempo de vida, que infelizmente, não é muito.

— Espera. Um tumor?! —
gaguejou Alice.

— Sim. Um tumor raro nessa idade. — o médico engoliu seco sem saber o que dizer. — Deixaremos vocês a sós para pensarem a respeito. Voltaremos mais tarde... *Lamento.* — ele disse, olhando aleatoriamente para mim e as meninas.

— Me desculpe pelo que disse mais ce...

— Tudo bem. — respondi secamente, mas não de forma proposital. — Sempre fui tão difícil quanto minha mãe. Está no gene.

— Char... — Alice se aproximou,

querendo sentar ao meu lado.

— Preciso ficar um pouco sozinha. *Por favor...* — sussurrei.

— Tudo bem, estaremos aqui fora. — Alice apertou minha mão.

Megan abriu a boca para dizer algo, mas acabou desistindo e então as duas saíram do quarto.

O silêncio, o cheiro de hospital, o enjoo, tudo parecia ter piorado.

E de repente, senti uma saudade inexplicável de Benjamin.

Capítulo 30

B

Me lembro perfeitamente de como tudo aconteceu.

Eu estava caminhando pelas ruas de Paris, com os olhos fixados nas vitrines, atento às mulheres sempre muito bem vestidas, atraído pelos bistrôs, tentado pela boa música dos bares e restaurantes. Nunca me canso de repetir que Paris é tentadora,

intimidadora, alucinante. Para viver na Cidade Luz não é necessário muito, mas ao mesmo tempo, você precisa de mais do que talvez consiga obter. Ainda que eu realmente fosse um turista, eu jamais teria coragem de andar pela cidade com um mapa enorme em mãos. Se for para fazer uma loucura, que seja completa. A graça de viajar na doida para outros lugares é poder ter certa liberdade para andar pelas ruas sem compromisso como Gil Pender fez em Meia-Noite em Paris. Foi assim que

ele descobriu uma das épocas mais belas que Paris já viveu.

E foi quando eu descobri o *Shakespeare and Company* que tudo começou a girar.

Em seguida veio o baque, leves tapas no meu rosto e meu estômago cuspiendo sangue.

Nesse mesmo instante, eu tive uma série de Déjà vu como se eu já tivesse passado por isso na infância. E realmente tinha. Na medida em que alguém me erguia do chão, eu me lembrava do rosto preocupado da

minha mãe, do meu pai me encarando com uma expressão estranha, apavorada. Lembrei do chão sujo de vômito e sangue, de uma tontura insuportável e de um aperto indescritível no peito. A falta de ar parecia ter sido dobrada. Eu ainda sentia o gosto do sangue. Depois vi um rosto conhecido se aproximar, colocando um dos meus braços ao redor do pescoço dele e me levando até a mesa de um bistrô.

— Parece que alguém andou matando algumas consultas... —

disse-me Will. Parece que ele sempre sabe quando estou encrencado, assim como eu sempre estou perto para socorrê-lo. — Há quanto tempo você não vai ao médico, hein Hastings?!

— Você sabe que nunca gostei de hospital. — resmunguei.

— Não é questão de gostar, meu caro. É questão de cuidar da sua saúde, viver bem. Acha legal andar por Paris e ficar despencando no chão todo dia?

Fiquei em silêncio.

— É algo de nascença. Não tem cura.

— Como tem tanta certeza?! — ele abaixou a cabeça e me encarou de perto, como meu pai fazia quando eu apanhava.

— Eu sinto isso, Will. E sabe, quero aproveitar os poucos meses que ainda tenho com a Charlotte, por isso vendi o restaurante. Abri mão das minhas coisas para viver feliz com ela e realizar o sonho dela de ter de volta o restaurante do avô.

— Mas você pode estender o seu

tempo de vida se você se cuidar mais, Ben.

— É, é... — respondi impaciente. Quando estou longe de casa, Will sempre faz o papel da minha mãe. — Me ajude aqui. Vamos ao Le Procope, preciso falar com a Char.

— Senta aí. — ele me empurrou de volta. — Faz um mês que eu não vejo ela lá. Você não percebeu isso?

— O quê?! Não... Como assim, ela foi demitida?

— Não. Segundo a gerente, o estado de saúde dela *também* não

anda muito bem. — ele me observou.
— O quê você anda fazendo,
Hastings?! Está muito distraído,
parece perdido. Precisa de um
médico. Conheço um hospital muito
bom por essas bandas, e você,
querendo ou não, vai comigo e vai ser
agora. Levanta essa bunda daí!



Hospital Pitié-Salpêtrière.

Mais um motivo para amar Paris.

Eu sei que é irônico eu dizer isso,
mas, até os hospitais tem uma

fachada escultural deslumbrante, graciosa, delicada, refinada... Eu poderia ficar meia hora olhando para a entrada do hospital e procurando palavras para descrevê-la. Infelizmente, Will não é um artista louco como eu, logo, ele nunca vai entender os meus devaneios. Enfim, entramos e fizemos aquela chatice toda, foi marcada uma consulta e fiquei sentado e completamente entediado. Havia uma criança teimosa gritando do meu lado, esperneando no colo da mãe que

nada fazia além de ameaçá-la tirar seu doce ou deixá-la de castigo. Se fosse na minha época, bastava uma fuzilada do meu pai pra eu ficar quieto que nem uma estátua. Mais à frente uma gestante caminhava com dificuldade e gemendo de dor, acompanhada do marido, suponho eu, e de mais uma mulher que poderia ser a mãe ou a sogra. E Megan acompanhada de uma garota loira.

— Charlotte está aqui.

— Hã? O quê?!

— Char está aqui nesse hospital.

— Como você sabe?!

— Acabei de ver Megan

acompanhada de uma garota indo para os corredores. — falei enquanto continuava olhando as duas até virarem um corredor.

— Onde você pensa que vai?! —

Will me puxou de volta para a cadeira. — Não vai escapar dessa consulta, Benjamin. Prometi à sua mãe que ficaria de olho em você.

— Por que está me tratando que

nem criança?

— Porque você está agindo como uma! Olha só aquele moleque, apesar dele ser o mais encapetado das crianças aqui presente, ele é mais comportado que você!

— Não abusa.

— Então sossega se não vou passar cola na sua bunda. — disse Will, segurando o riso. — Oh, é a sua vez, garotão!

Dei um longo suspiro antes de me levantar e caminhei até o balcão, esperando que alguém me encaminhasse para algum lugar. Will

obviamente estava atrás de mim. Meu pensamento estava em outra coisa. Só conseguia pensar em como Charlotte estava e queria muito poder vê-la, poder cuidar dela da melhor forma possível. Mas diante disso tudo, eu acho que não seria uma boa ideia um doente cuidar de outro doente. Só nos deixaria piores, de fato. A sala do doutor X era bem elegante, bastante confortável e ainda assim tinha cheiro de hospital. Doutor X porque o sobrenome dele é impossível de se pronunciar. Quando

tentei dizê-lo, Will riu como se eu tivesse contado uma piada suja sem graça. Sabe aquela risada forçada? Então, é a risada do Will.

“Você tem síndrome de Eisenmenger...”

Essas palavras fizeram com que minhas pernas estremecessem. Agora tudo estava claro. As tonturas na infância, os vômitos de sangue na adolescência e o primeiro desmaio. A falta de ar que me impedia de fazer exercícios físicos. O inchaço nas pernas e os dedos das mãos e pés

roxos. Esse era o nome estranho do qual eu não me lembrava quando criança. Eu sabia desse problema, mas fazia muitos anos que isso não acontecia comigo. Quase vinte anos depois, tudo vem à tona, justo agora que conheci Charlotte, justo agora que ela precisa de alguém, justo agora que eu achava que poderia ser feliz de novo. E se bem me lembro, essa *coisa*, não tem cura e o tratamento só serve para estender o tempo de vida para no máximo dois anos.

Dois anos.

E no mínimo *seis meses*.

Acho que preciso escrever uma

carta.

Parece um padrão de destino

para escritores.

Incrível.

Capítulo 31

*Então a tempestade caiu sobre mim
E eu senti que meu espírito se quebrou
Como pode ver, eu perdi toda minha
crença*

*E me dei conta do meu erro
Mas o tempo esclareceu tudo para
mim*

E tudo ao meu redor ficou imóvel

(Love's Divine – Seal)

29 de Setembro de 2014

Finalmente o *Velib I Can Fly*!

Era uma manhã pouco ensolarada e eu havia acabado de sair de uma sessão de quimioterapia. Desde que descobri que tinha *glioblastoma multiforme*, meu horário de trabalho havia mudado e não era sempre que eu estava disposta a trabalhar, além do mais, um dos principais sintomas era o déficit de memória, logo, eu não conseguiria ficar muito tempo no *Le Procope*. Engraçado como o destino nos

engana quando nos manda algo “bom” para fazer com que continuemos nossa vida. Eu poderia dizer que ter conhecido Benjamin era essa coisa boa. E por ironia, quero dizer, insensibilidade do destino, as coisas começam a ir de mal a pior. Claro, a vida tem altos e baixos. Mas será que não dava pra parar no meio um pouquinho e me deixar ser feliz com tranquilidade? Por que, o destino precisa ter esse padrão? Ah sim, claro.

A culpa nunca é do outro certo,

papai?

Como eu ia dizendo, a manhã estava fresca e a cidade estava silenciosa. Enfim realizei o sonho esquisito de querer ver Paris deserta, de fato. Paris estava... Estava estupenda. Estonteante. Vistosa. Esplêndida. Cintilante. Ofuscante. Imponente... Não se ouvia sequer um carro ou uma lambreta escandalosa quebrar o silêncio da natureza parisiense. Não se ouvia nada além de correntes trocando de marcha rumo a um encontro épico que

começaria na *Place de La Concorde*. Aos poucos uma multidão montada em bicicletas tomava as ruas principais de Paris. As ruas eram enfeitadas desde as crianças até os mais idosos cheios de saúde para servir de exemplo. Bicicletas cheias de laços, balões, cestinhas cheias de doces, coisas para fazer um piquenique no final do festival. Sem dúvidas, Anne Hidalgo é a melhor prefeita do mundo!

Mas antes de me juntar àquela multidão maravilhosa, eu precisava

buscar Benjamin.

≈

— *Quem é? Hein?* — a voz de Benjamin estava sonolenta e preguiçosa.

— É o corcunda de Notre-Dame!
— brinquei. — Anda, vou te buscar.

— *Velib o quê?!*

— Andar de bike. Em Paris. Vamos! — falei pausadamente no telefone. — Se apronte, estou chegando aí.

— *Espera. Quem está falando?!*

Alô? — ele disse antes de eu desligar.

Dorminhoco, pensei.

Cheguei à recepção do prédio e adivinhem? Ben ainda estava na cama, tinha certeza.

Minha cara de pau em ir até o quarto dele e bater na porta foi maior do que eu imaginava. Quando ele finalmente abriu, estava num daqueles pijamas azul marinho em que a gente vê nos filmes norteamericanos, descabelado e escancarando na porta. Ele demorou um pouco a raciocinar de que era

comigo que ele estava falando no telefone alguns minutos antes. Questionei por que ele ainda estava de pijama e ele disse alguma coisa a respeito de remédios pra dormir e outras coisas. Acabei não dando muita importância aos detalhes e apressei-o. Sugeri uma bermuda clara acompanhada de uma camisa polo lisa ou listrada. Ele torceu o nariz, mas no fim das contas, acabou aceitando e ficou bem mais jovem do que era. Estava lindo! E como sempre, muito bem perfumado. O

cabelo já vivia bagunçado por natureza e felizmente, ficava bem bonito nele.

— Ainda não tomei café! — ele disse, me puxando para trás quando estávamos saindo do saguão.

— A gente toma no caminho. Preparei uma cesta para um piquenique também. — retruquei animada, enquanto o puxava para fora do prédio.

— Você está aprontando alguma coisa! — ele disse ainda sonolento e com um leve riso tímido nos lábios.

Finalmente, um sorrisinho.

— Não estou aprontando nada, é só que é um dia especial pra mim e quero que faça parte dele.

— Me sentindo importante!— ele estufou o peito e cerrou o olhar em minha direção.

— Você é.

— Então acho que foi por isso que eu fiquei. — ele respondeu, com aquele mesmo jeito que eu adorava, as mãos nos bolsos, o sorriso de canto e o olhar distante, perdido.

— Você acha?

— Tenho certeza. É difícil ficar longe de você...

— Eu ia dizer o mesmo.

— Você é atraente...

—... Contagiante. — falamos juntos.

Houve um silêncio torturador.

Não sabíamos o que fazer, o que falar, para onde olhar ou o quê pensar.

Apenas subimos nas bicicletas e seguimos a multidão até o Champs Élysées.



Sabe aquela música de abertura daquele seriado americano FRIENDS?

Qual é mesmo o nome?

Ah, você sabe qual é né?

Ela seria a trilha perfeita para esse momento. Seria um dia histórico e mágico tanto para os turistas quanto para os próprios parisienses. *Burning Love* de Elvis Presley também seria uma ótima pedida. É uma daquelas músicas que te dá vontade de colocar um daqueles

vestidos de bolinhas, um laço ridículo na cabeça, luvas e toda aquela coisa “brega” que usavam lá pelos anos 60. Poderia adicionar também *Stupid Cupid, Oh Pretty Woman, Somebody to Love, Roxanne, I Feel Good, Here Comes the Sun, Stayin’ Alive* e todas as músicas mais famosas do Abba. Engraçada a forma como eu me sinto como se voltasse num tempo em que eu nunca estive. Eu gostaria de viver a *Belle Époque*, por exemplo. Mas ao mesmo tempo, admiro os anos 20 com a mesma paixão do Benjamin. E

sabendo o destino que eu ficaria dividida e perdida entre essas duas épocas, parece que ele decidiu me trazer ao mundo uns anos mais tarde.

O Champs Élysées estava parecendo um formigueiro visto de cima.

Não tinha explicação para a vista maravilhosa que Paris estava exibindo em suas ruas sem carros ou motocicletas. As pessoas sorriam mais, brincavam mais, cumprimentavam mais umas as outras. Eu esperava que depois desse

dia, as pessoas ficassem um pouco mais amorosas e sensíveis, sabe? Algo que fizesse com que os turistas tivessem mais prazer ainda de passar um tempo em Paris. A maioria desses gringos só viaja pra cá por causa da moda, da gastronomia, dos monumentos de tirar o fôlego dentre outras coisas. Agora se você for para o Brasil, por exemplo, ele conquista as duas coisas: turistas para o turismo e turistas como “amigos”. Infelizmente, parece que não é todo mundo que pode ter as duas coisas!

Pedalamos por toda a avenida que tinha 1,9km de extensão sem pressa. A vista parecia ter matado a nossa fome porque Benjamin não reclamou pelo fato de não ter tomado café e meu estômago tinha parado de roncar. Só lembramo-nos da cesta quando chegamos ao Arco do Triunfo. Descemos na *Praça Charles de Gaulle* que estava lotada de gente e procuramos por um espacinho mais distante da maioria das pessoas. Tínhamos uma privacidade até parcial, mas estava confortável. Na

cesta, nada muito exagerado ou chique, se comparado às cestas alheias. Tinha preparado alguns sanduíches de atum, suco natural, uma garrafa de *Saint-Amour*, macarons, *tiramisu* e Petit Gateau em potinhos. Frutas, iogurte, torradas, geleias, pasta de amendoim e barras de cereais. Parecia muita coisa, mas no final das contas, era o suficiente para passar o dia todo fora, fazendo um tour pela Cidade Luz em cima de uma bicicleta.

Eu queria que esse dia ficasse

guardado pro resto de nossas vidas.

Queria conhecer Paris de forma livre, sentir a brisa quente e ao mesmo tempo um pouco úmida tocar minha pele, ouvir apenas os risos das pessoas ao redor, o som do meu pedalar, aproveitar os últimos dias da minha vida. Não que eu saiba exatamente que dia vai ser, mas eu queria me entregar para alguém pela última vez, sem medo algum e sem perceber, já estava fazendo isso quando conheci Benjamin. Ele não era só um homem bonito, que amava

gastronomia e que era muito inteligente e gentil. Era o homem responsável por me fazer feliz de novo. Parece coisa de filme, mas muitos filmes retratam a realidade em que vivemos e se for parar pra pensar, essa história, por mais curta que pudesse ficar, daria um bom filme. Eu seria o protagonista com o clichê coração despedaçado, enquanto Ben seria o homem que juntaria todos esses pedaços e reconstruísse esse coração com todo o carinho e cuidado.

— O que você achou da avenida?!

— perguntei, quebrando o silêncio.

— *Hmmmm.* Belíssima,

belíssima! — ele respondeu de boca cheia. — *Pardon!*

— Meu pai costumava me trazer aqui depois de uma longa pedalada. Deitávamos na grama, rolávamos e ficávamos com a roupa cheia de grama. Minha mãe não gostava muito, mas eu era criança, queria me divertir, ser feliz com as coisas pequenas que meu pai procurava ensinar.

— Paris é linda em dias ensolarados. — ele disse após tomar um gole de suco. — Mas confesso que eu sou bem mais apaixonado por dias chuvosos. A chuva é inspiradora. Não há nada melhor do que estar no conforto da sua casa, vestindo roupas confortáveis, com uma escrivanhinha perto da lareira, acompanhado de um bom vinho, boa música e deixar a Cidade Luz iluminar todo o interior.

— Você tem um ar tão... Poético. Parece que veio dos anos 20, sabe? Parece ter sido melhor amigo de

Hemingway, James Joyce, Ezra Pound...

— Quem me dera! Seria uma honra ter vivido nessa época. Sou apenas um admirador e um leitor não muito assíduo desses que citou. Engraçado. Já parou para pensar de que quase não falamos sobre comida?! — acrescentou ele.

— Acho que eu devo ter enjoado disso... — comentei, amassando um papel. — Falar de livros parece ser mais legal, talvez porque nunca consegui ser tão boa quanto você e

meu pai.

— Mesmo? — ele disse, outra vez com a boca cheia. — Mas esses sanduíches estão tão bons!

— Não são nada de mais!

— Claro que são Char. Não é todo mundo que sabe fazer isso bem feito!

— Quem, por exemplo?! — impliquei.

— Eu! — ele respondeu, apontando para si mesmo e engolindo mais um pedaço.

— Ah pára!

— Estou falando sério!

— Não acredito! — peguei um cacho de uvas e comecei a jogar algumas nele, que abriu a boca e pegou todas.

— Ótima pontaria! — ele respondeu com dificuldade e escondeu a boca por ter começado a babar.

— Que deselegante! — sussurrei de longe.

Aí sim, a coisa ficou mais cinematográfica.

Ele me encarou, limpou a boca com uma das mãos e se aproximou,

ficando por cima de mim, louco para me beijar. Vi em seus olhos o quanto estava louco e acho que o meu olhar acabou entregando o mesmo, fazendo tudo girar, perder todos os sentidos, menos o paladar.

O “beijo de uva” ficaria em minha memória pro resto da vida.

Capítulo 32

B

Vou te falar uma coisa.

Esse tal de *Velib* era uma das melhores coisas que Paris poderia ter oferecido.

Eu diria que é por dois motivos. Primeiro, sim, por ser em Paris. E em segundo, mesmo não sendo algo tão inovador, era algo ousado. Acho difícil uma capital, uma cidade

grande se mobilizar para fazer um evento desses. E Paris é o lugar certo para ser a pioneira dessa ideia incrível. Nunca imaginei que seria possível fazer um tour em Paris apenas em cima de uma bicicleta, sem ouvir-se qualquer barulho de carros funcionando. Isso é muito esquisito. Antes eu pensava que não existia um lugar perfeito, dizia que nunca encontraria um lugar assim e então, de repente, vossa prefeita resolve nos surpreender com o Velib. Essa coisa de “ser ou não ser” é uma

coisa muito maluca porque veja bem: quem faz a cidade são os cidadãos, certo? Mas sabe o que é engraçado? É que os cidadãos não são pessoas que pensam totalmente iguais, todos têm opiniões distintas e contrárias, porém, juntos, eles formam uma sociedade que vira uma cidade que é governada por alguém que todo o poder para destruir ou construir uma cidade melhor. Logo, Paris é, e ao mesmo tempo não é perfeita.

Isso faz algum sentido? Não? Ok.
Tá faltando alguma coisa né?

Acho que é a vodca.

Ficamos em silêncio por quase meia hora, quando voltamos a pedalar. Voltamos pela mesma avenida e paramos na *Boutique Nespresso*, que como sempre, tinha uma fachada renascentista maravilhosa. O interior era bastante aconchegante e elegante. Parecia a recepção de um hotel cinco estrelas, mas era só uma “cafeteria humilde” situada no Champs. Nos sentamos após fizermos os pedidos e esperamos. O aroma do ambiente era

muito forte e delicioso, tinha certeza de que sairia dali cheirando café. Mal deu tempo de dirigir uma palavra à Charlotte e uma moça já estava nos entregando duas bandejas com um expresso forte, acompanhado de *Foie Grass* e duas pequenas tortilhas de chocolate amargo. Não sei o que era mais gostoso. Mas quando Char me disse para experimentar um pouco de cada, junto, eu diria que minha alma foi ao céu e voltou. Aquilo era absurdamente gostoso. A tortilha deixava a boca um pouco gosmenta,

mas quando misturava o foie Grass junto com o café, a coisa se derretia tanto quanto eu mesmo.

Quando terminamos, Char pediu mais alguns macarons para levarmos para o tour, que segundo ela, duraria até a meia-noite.

— Meia-noite?! — falei. — Não sei se aguento!

— Aguenta sim. A gente faz umas pausas e se esfriar, buscamos alguns agasalhos de bike mesmo.

— Você sempre positiva. — falei sorrindo.

— Claro, afinal, não sabemos quando vamos bater as botas!

— Tem razão... — respondi, lembrando-me do último incidente.

— E agora? Para onde vamos? — ela perguntou, subindo na bicicleta toda animada.

— Não sei. Você quem manda! — dei de ombros e sorri em seguida.

E lá fomos nós tentar tirar uma foto no Arco do Triunfo.

Me admirava ver Charlotte animada em fazer esse tipo de coisa como se nunca tivesse visto esses

lugares. Como alguém que mora em Paris nunca tirou uma foto ou tem o costume de admirar o símbolo das vitórias do Primeiro Império Francês? De qualquer forma, eu estava adorando a forma como Charlotte estava me surpreendendo. Era gostoso vê-la me mostrar as coisas sem também conhecer muito bem o que mostrava. Era divertido. Apesar da idade, tinha um espírito tão jovem quanto o de uma adolescente na flor da idade. Tiramos várias fotos, de vários ângulos para

escolhermos depois quais guardar e seguimos pela *Avenue de La Grand Armée* até algum lugar que Char não quis me contar. Quando chegamos, me vi sendo arrastado para dentro de um atelier muito branco. *Centre Culturel Christiane Peugeot*, li numa placa. Logo no primeiro andar, dei de cara com um piano branco belíssimo. Nunca toquei, mas sempre quis aprender. Meu avô era um pianista excelente e me lembro muito bem de como ele gostava de tocar *Ballade pour Adeline*. A entrada principal era

composta de quadros pintados na vertical. Não sei bem explicar o seu estilo, poderia dizer que eram abstratas e ao mesmo não e tinham um ar muito sombrio, mas não deixavam de ser bonitas e atraentes. Mais à frente havia uma escada que nos levaria para uma galeria subterrânea também muito branca. Era tão angustiante tanto quanto estar num túnel escuro. Por um momento eu senti como se estivesse num daqueles túneis de um sanatório. E pensando bem, não

querendo desmerecer ou desrespeitar as belíssimas obras de Christiane, longe disso, mas, a maioria dos quadros pareciam terem sido pintada por pessoas com doenças mentais que transcreviam seus medos em forma de pinturas.

Charlotte me levou em várias pâtisseries, bistrôs e cafés para experimentar os melhores e mais caros produtos que ofereciam. Voltamos pela mesma extensa avenida, mas pelo lado contrário da pista, olhando as vitrines das lojas de

grifes, cafés e bistrôs – como sempre. Demos algumas voltas ao redor do Louvre, admiramos a fachada do Centro *Georges Pompidou*, avistamos de longe a Basílica de *Sacré Coeur*. Aproveitamos que estávamos perto do D'Aubusson e fizemos algumas compras no *Marché d'Aligre*. Principalmente vinho para fechar a noite com chave de ouro, dessa vez o famoso *Brunello de Montalcino* porque Charlotte era apaixonada pela Itália. Seguimos para o Jardim *Catherine-Labouré* com intenção de ir

ao *Epicerie* comprar mais doces. Era estranho como esse dia estava acontecendo. Estávamos fazendo as coisas de forma compulsiva, comprando doces loucamente, andando pelo centro de Paris numa bicicleta, experimentando coisas novas e caras como se esse fosse o nosso último dia de vida. Eu achava que poderíamos estar agindo do jeito certo, por aproveitarmos mais o tempo que tínhamos juntos, mas ao mesmo tempo, isso fazia parecer com que eu acreditasse que esse

problema poderia me matar a qualquer momento.

Finalmente o céu estava escurecendo.

Eu estava ansioso para que eu pudesse voltar logo para o meu apartamento por medo de ter mais um daqueles ataques na frente da Charlotte, em plena Torre Eiffel.

Largamos nossas bicicletas no gramado próximo à torre como todos os outros e nos jogamos, deitados, a admirar a torre iluminando-se aos poucos, contrastando com o céu

alaranjado que ia ficando azul escuro. Eu poderia ficar horas ali deitado, deixando a obra de *Gustave Eiffel* me hipnotizar.

— Fiquei sabendo que tem um apartamento escondido no topo da torre. — comentei.

— É verdade. — ela confirmou.

— Nós podíamos comprar ele. — brinquei um pouco sério.

— Impossível. — ela riu, me olhando de lado. — Nunca foi e nem irá à venda.

— Como tem tanta certeza?!

— Foi o próprio Gustave quem o construiu. Isso foi revelado um tempo depois de inaugurada a torre e foi motivo de muita inveja. O apartamento é bem pequeno, mas bastante confortável segundo alguns professores universitários que já o visitaram. Quando ele era vivo, recebeu centenas de ofertas para alugá-lo, mas Eiffel nunca cedeu. O lugar era seu xodó. Hoje ele é como um museu minúsculo. Só serve para turismo.

— Nunca passou pela sua cabeça

que pudesse ter um parentesco próximo a ele? Tipo, você conseguiria alugá-lo e talvez até comprá-lo. — falei num tom sério, porém segurando o riso.

— Por que quer tanto essa torre?! — ela se levantou, apoiando a cabeça no cotovelo.

— Porque eu imagino nós dois vivendo nesse apartamento. E porque ela tem uma vista única. — fiz uma pausa. — Fico pensando em como seria lindo acordar de manhã com a vista mais linda do mundo,

num apartamento exclusivo e ao lado de uma mulher maravilhosa...

Eu certamente seria o homem mais sortudo desse mundo.

Capítulo 33

26 de Dezembro de 2014

— Você andou sumido! — disse uma voz conhecida ao fundo. — O que houve? Entrou para aqueles grupos de reabilitação?! — ele riu.

— Agora não é uma boa hora, Jean. — Benjamin respondeu um pouco secamente.

— Que mau humor é esse, meu jovem?! — insistiu o velho. Benjamin o ignorou bebendo mais um gole do uísque. — Ah, o amor! — começou Jean, notando o olhar distante que Benjamin exibia. — “O amor é como o

oxigênio, nos eleva, nos deixa tolos”...

— *Moulin Rouge*. — completou Benjamin. — Eu diria que é uma péssima hora para dizer isso... — ele suspirou. — Mas essa frase é tão verdadeira, tão real. Tão palpável quanto à morte e ao mesmo tempo tão incompreensível quanto o destino.

— Não se entende o destino, rapaz, apenas se aceita. — Jean sentou-se do lado de Benjamin e apoiou os cotovelos no balcão.

— E se eu escolher por não

aceitá-lo?!

— Então você carregará um fardo a mais nas costas por escolha. Esse fardo consiste em uma culpa que não é sua, mas que decidiu assumi-la por algum motivo que talvez nem você compreenda.

— E se a culpa for realmente minha?!

— Então não deveria estar vivo.
— Jean foi direto, enquanto tomava o copo de uísque da mão de Benjamin.
— E essa... Essa não é a melhor maneira de lidar com isso.

— Já amou alguém, Seu Jean?! —

Benjamin finalmente ergueu a cabeça.

— Já.

— Já sentiu como se essa pessoa fosse o seu coração? E que esse coração partisse e te deixasse feito um moribundo?!

— Se for pensar assim, sou um moribundo até hoje. — ele riu de leve.

— E por que continua sozinho?!

— Porque nenhuma outra mulher vai me amar daquele jeito. Não posso magoar essas mulheres

pensando que é a minha esposa encarnada nelas. Eu nem acredito em reencarnação! Mas é isso que acontece toda vez que conheço e me relaciono amorosamente com uma mulher. Sempre espera que ela seja igual à minha esposa, mas não posso exigir isso.

— Por que continua vivo?! Como consegue?! — perguntou Benjamin, indignado.

— Porque prometi a ela que não faria nenhuma besteira. Prometi que contaria a nossa história até eu

partir.

— E você já contou para muitas pessoas?!

— O bastante para me sentir satisfeito.

— Como conseguiu lidar com isso no começo? Como consegue falar disso tão naturalmente?!

— Eu aprendi a aceitar Benjamin. Lembra do que eu te disse mais cedo? Não dá pra entender o destino, só cabe a nós aceitá-lo.

— Mas eu não consigo aceitar isso e muito menos quero um peso

nas minhas costas...

— Então meu rapaz, só lhe resta...

—... A morte. — completou Benjamin.

— (...) *O morrer é lucro.* — Jean refletiu.

— *Filipenses 1:21.* — Benjamin completou mais uma vez, pensativo. — Não me parece muito sensato usar esse verso como incentivo...

— E claro que não é! — retrucou Jean. — Você tem de ver o contexto e o contexto é...

— (...) *Porquanto, para mim, o viver é Cristo...*

— Correto. — Jean fez uma pausa para umedecer os lábios e pediu um copo d'água ao bartender. — Lembre-se de 1Coríntios 13. “Ainda que eu entregue o meu corpo para ser queimado, se não houver amor, nada disso me aproveitaria”, verso 3. Entende o que eu quero dizer?! O que está sentindo agora é apenas ódio e não adianta culpar Deus por isso. Cada um se mata á sua maneira e o Cara lá de cima nos deu o livre

arbítrio. Logo não é a natureza ou Deus quem nos mata e sim, as nossas escolhas. — Jean parou, tomou um gole d'água e terminou: — E você tem a escolha de não acreditar em tudo o que eu acabei de lhe dizer e seguir a sua vida do jeito que quiser. Mas pense bem, antes de fazer qualquer coisa. Não subestime o destino e nem a Deus. — Jean deu leves tapas no ombro de Ben e se despediu. — Se cuida, rapaz!

Capítulo 34

Haja o que houver

Haja o que houver

*Eu amarei você até o dia de minha
morte*

(Come What May – Moulin Rouge)

16 de Maio de 2015

— Deixe-me ver se eu entendi...

— disse a jornalista, pausando o gravador principal e deu play no gravador que tinha uma fita escrita “*making off*”. — Tudo o que você me contou na visão da Charlotte, está no diário dela?!

— Sim. O diário que infelizmente nunca mais encontrei. A única

lembrança que me restou foram as palavras cheias de vida, realidade e esperança.

— Permita-me fazer uma pergunta curiosa... — ela disse, aproximando o gravador. Benjamin acenou positivamente. — Por que não se casaram?!

— Esta é uma excelente pergunta! — ele riu. — Nunca paramos para conversar sobre isso, sobre um futuro próximo juntos apesar de pensarmos muito nisso. Estávamos apaixonados. Não

queríamos pensar em mais nada a não ser em nos entregarmos um ao outro da melhor forma possível. Queríamos aproveitar ao máximo o que havíamos construído sem preocupações. — ele deu uma risadinha, com um olhar distante e pensativo. — Não foi falta de interesse ou vontade, sabe?! Vivemos um para o outro de uma forma tão natural e intensa que era como se já fôssemos casados há anos. Valeu a pena cada escolha, cada decisão, cada mês, semana, dias e horas. Sabe o quê

mais? Valeu a pena largar tudo e arriscar tentar uma vida nova. Olhe para mim! Pareço ótimo, mas tenho pouco tempo de vida.

— Como tem tanta certeza de que as pessoas serão mais felizes se largarem seus empregos para correr atrás de uma vida nova ou de algo que nunca alcançaram? Quero dizer, o senhor fala como se tivesse certeza disso.

— E tenho! — ele riu à beça. — Minha jovem, se você não se arriscar, você nunca vai saber. Acha que tive

uma vida perfeita só porque vivi em Paris e tive uma mulher incrível como Charlotte ao meu lado? Não! É errando que se aprende. Não se pode esperar que seu chefe lhe dê três meses de férias para você realizar o tão sonhado mochilão por todo um continente. A vida é sua, é você quem faz as regras. Mas realize seus sonhos sabendo das consequências. O destino sempre nos pega desprevenidos e precisamos estar preparados. Por que se acabar como eu, ao menos vai morrer feliz, talvez

até fazendo algo que gostava ou que sempre sonhou. A ousadia é para quem não tem medo da morte!

— Tem razão! Falando em sonhos, tem algum que ainda sonha em realizar?! — a moça se levantou, recolheu seu material e permaneceu com o gravador ligado.

— Acho que não. Estou satisfeito com o que vivi até agora. E por mais que seja chocante para a maioria, estou pronto para partir. — ele parou, encarou um de seus quadros, uma relíquia não muito famosa de

Monet e virou-se para a jornalista. —
"Se você quando jovem teve a sorte de
viver em Paris, então a lembrança o
acompanhará pelo resto da vida, onde
quer que você esteja, porque Paris é
uma festa ambulante". Ernest
Hemingway. — ele citou. — Mas se
quiser saber, terei prazer em lhe
contar mais uma história da próxima
vez que vier. — ele sorriu, enquanto
se dirigia até a porta do apartamento.

— Seria incrível! Aguardarei
ansiosa! Obrigada mais uma vez, Sr.
Hastings. É uma história

maravilhosa. — ela agradeceu e
então, sumiu de vista.

Capítulo 35

B

É isso o que o passado é.
É um pouco insatisfatório,
Porque a vida é insatisfatória.

(Meia-Noite em Paris – Woody
Allen)

*E mais: O passado sempre teve
um charme especial para mim. Aliás, o
passado nunca morre. Ele sequer é
passado.*

E mesmo que eu vá partir um
dia, meu passado ficará sempre

guardado na memória de alguém, que contará minha história para mais alguém e assim por diante. É por isso que existem as lembranças. As fotografias, os filmes em família, as lendas urbanas. Falando em lendas urbanas, eu sempre acreditei que na verdade elas fossem só histórias normais que, naturalmente, são passadas de boca em boca e que essas “bocas” sempre tendem a aumentá-las um pouco mais. Não passam de sonhos e pesadelos passados para o papel e de devaneios

causados por drogas e bebidas alcoólicas. As pessoas sempre nos dão a opção de “acreditar” por que se eu não acreditar naquilo, o protagonista da história virá me buscar e comer minhas tripas. Na verdade é o oposto. Quando você escolhe acreditar nessas baboseiras, você alimenta sua imaginação, e sempre que essa imaginação é alimentada, o medo também acaba crescendo. Com isso, nossas mentes acabam criando imagens sobre esses personagens e a bebida só tende a

piorar. O álcool e as drogas criam alucinações de algo que não existe. Quando se escolhe por não acreditar, você fica livre desses pensamentos que não nos são úteis. É simples: algumas escolhas nos prendem e outras nos mantêm sãos, mas ambas têm suas consequências.

Mas voltando ao passado...

Deixe-me contar sobre o meu passado vivido em Paris. Parece pouco tempo, mas eu vivi muito nesse pouco. Vivi o suficiente para entender que não se pode ser

descuidado com a saúde quando se está em Paris. Não se mete em brigas de rua quando se está em Paris. Não se discute arte e nem literatura em Paris com outro americano e até mesmo com alguns franceses – muito deles são bem parecidos com Scott Fitzgerald, o tipo de homem que vivia desconfiado e sempre refém do bom vinho e do uísque. Ah, os parisienses são apaixonados por cinema, sempre vão achar que são mais conhecedores do que os próprios hollywoodianos só pelo fato de ter duas salas de

cinema a cada quarteirão – bom, pelo menos foi o que eu vi nesses tempos. Me disseram uma vez que seria um pecado eu não subir, ao menos uma vez na vida, a escadaria da Catedral de Notre-Dame – e sem resmungar! Se eu subi? Claro, por vontade própria e acabou se tornando um exercício, por três semanas apenas. Outra coisa: tente não discutir com um rico. Não vou generalizar dizendo que todo rico parisiense é metido, ignorante e arrogante, mas garanto que grande parte deles o é. Aliás,

retiro o que disse. TODO parisiense é ao menos, metido. Afinal, é *Paris*.

Lembro-me de ter voltado ao *Jardim Catherine-Labouré* com Charlotte várias vezes para almoçar. E nem sempre tínhamos a sorte de ter um dia totalmente ensolarado. A chuva nos pegou muitas vezes, nos deixou resfriados, deixou Charlotte de cama, sem trabalhar e eu mais feliz ainda, por ter mais tempo com ela. Certa vez reclamei do resfriado que nunca melhorava e Charlotte retrucou dizendo “Ué, você não disse

que sempre gostou da Paris chuvosa?!” e eu disse-lhe “Disse que achava Paris mais bonita em dias chuvosos. E por que podemos ficar o dia todo debaixo de um edredom”. Acabou que minha reclamação não fazia sentido nenhum porque a graça de Paris estar em dias chuvosos era exatamente o fato de poder ficar o dia inteiro com Charlotte, cuidando dela e fazendo amor de quando em quando.

Também penduramos um cadeado na *Pont des Arts*.

Sim.

Fiz uma coisa que, até chegar a Paris, eu achava ridícula e pensava que jamais faria isso. Na verdade, antes de chegar a Paris, eu não acreditava em várias coisas, nem no amor. E mesmo quando cheguei, jurei de pés juntos que não me apaixonaria por alguém para depois dizer adeus. Felizmente, o destino foi bom comigo nesse aspecto. Depois de escolhermos um local significativo e fácil de localizar para prender o cadeado, Charlotte fez questão de

atirar a chave para o mais longe que conseguisse no Rio Sena. Por um momento, se sentiu uma louca. Vi isso no modo como ela sorria e saltitava para arremessar a chave. Naquele mesmo dia, voltamos ao *Jules Verne* para comemorar algo que nós nem sabíamos direito o que estávamos comemorando. No fim da noite, brindamos à felicidade, bebendo num único gole o restante de um *Saint-Amour*. Fomos para o apartamento dela, aproveitando que Alice estava fora e bem, você sabe o

que aconteceu... Foi uma noite tão incrível quanto às outras.

Fomos ao *Louvre* e visitamos a sessão de *Leonardo da Vinci*. Antes de deixarmos que a guia terminasse a sua palestra sobre a *Monalisa*, Charlotte me puxou pelo braço e arrastou-me até uma loja que eu não sabia muito bem o que vendia lá exatamente. Quando ela saiu, estava carregando uma tela, pincéis e tintas escuras. Perguntei o que ela ia aprontar com aquilo e ela apenas disse “vem comigo”. Pediu para que

eu me sentasse na escadaria do Panteão e me posicionasse feito *O Pensador*. Não me contive e acabei rindo, achando que era uma piada e ela me olhou séria, como *Picasso* provavelmente me encararia se eu me movesse. Fiquei numa posição confortável, parecida com a escultura de *Rodin*, de modo que eu não me cansasse tão depressa. Meia hora depois, descobri uma Charlotte *Picasso*.

— Uau! — exclamei quando vi a obra de arte. Pisquei como se aquilo

me ofuscasse os olhos. — Onde aprendeu a pintar desse jeito?!

— Creio que seja de família. Não tenho o dom das palavras do meu pai, mas...

— Tem as mãos dignas de uma artista plástica, como a sua mãe! — comentei. — *Formidable!* — elogiei em francês. — *Formidable!*

— Não exagere! — ela riu do meu sotaque.

— Além de chef, conhecedora de bons vinhos e boa música, também é artista! O que eu faço com você,

hein?!

— Guarda numa caixinha. De música, de preferência!— ela piscou.

— É o que eu faria se fosse possível. — falei enquanto analisava a obra outra vez. — Assine o seu nome e coloque a data. Vou pendurá-lo no meu apartamento.

— O quê? Não, de jeito nenhum! Isso é... Qual a mesmo aquela palavra? — ela disse, segurando a tela. — *Inaccrochable!*

— Fala isso de novo e você apanha! — brinquei, tentando ser

sério.

— Você tem coragem de bater numa mulher? E numa mulher frágil e sensível como eu? — ela havia mudado totalmente a expressão facial de garota sapeca para garota santa.

— Nós dois sabemos que você não é *nem um pouco santa*. — sussurrei no ouvido dela.

A cada dia que se passava, Charlotte se transformara de Musa para Deusa toda vez que fazíamos amor. Ela era sempre uma musa na

rua, mas entre as quatro paredes, era uma deusa que me sugava toda a energia.

Sabe, eu já tive outras relações, mas foram relações superficiais. Quando você ama alguém, as coisas são diferentes. Você não se cansa da mesma pessoa. E Charlotte era a mulher que sabia me fazer feliz sem muito esforço. Era tudo recíproco. Natural. Sincero e verdadeiro. Eu me sentia amado, do mesmo modo que eu acho que ela também se sentia. Até no modo dela sorrir para mim,

quando eu ficava chateado, fazia eu me sentir amado. Ela era paciente e compreensiva comigo. Divertida sempre que me via chateado e mais amável ainda, quando eu me sentia “sóbrio” e até um pouco mais romântico que o de costume.

Também passamos muito tempo fazendo compras no *Marché d’Aligre*. Quando Alice, Megan e Will sabiam que eu e Charlotte iríamos cozinhar juntos num jantar, faziam questão de serem os jurados. E era incrível como nossas gororobas davam certo na

maioria das vezes. Aliás, participamos juntos de um concurso organizado pelo *Ferrandi*, no qual ficamos em 4º lugar, porém, o evento havia sido grande o suficiente para mais tarde, ajudar a reerguer o nome *Dupont* no meio gastronômico.

Não posso me esquecer de mencionar o último verão que passamos em *San Sebastián*, na Espanha.

Will insistiu para que eu o deixasse ir. Pediu para que Megan o acompanhasse e prometeram que

nos deixariam em paz. Ficamos hospedados num hotelzinho bastante aconchegante na praia de *La Concha* por uma semana. Haviam sido dias incríveis. Dias que eu achei ter aproveitado ao máximo, desde que havia tido certeza de que tinha aquela síndrome. Não tivemos tempo para as compras porque Charlotte não queria sair da água. Parecia uma criança que nunca havia visitado uma praia. E acho que ela realmente nunca tinha pisado numa. No dia em que voltaríamos para Paris, vimos Megan

e Will aos beijos numa barraquinha próxima ao píer. Não sei se eu poderia dizer que “isso daria casamento” porque Will nunca foi um cara comprometido com as mulheres. Mas bem, talvez Megan pudesse fazê-lo mudar de ideia.

Quando voltamos, no dia seguinte continuamos o tour nos *Jardins de Versailles*. Passamos na Galeria dos Espelhos e nos divertimos bastante, mais do que crianças, já que elas em sua maioria estavam entretidas com seus

smartphones em mãos, não dando a mínima atenção aos pais que lhes davam detalhes sobre cada objeto e lugar em que passavam. Visitamos o *Grand Trianon*, que segundo Charlotte, era o refúgio do rei para fugir dos encontros amorosos. Mais à frente, *Domínio de Maria Antonieta* e o *Templo do Amor* que mais parecia um coreto. Tentamos entrar no castelo *Fontainebleau*, mas estava impossível, cheio demais, apertado demais e um tanto desconfortável com tanta gente nos empurrando.

Esse foi um dia literalmente histórico. Charlotte sabia muito de Paris, embora não conhecesse ou visitasse a metade dela.

Mas foram meses difíceis também.

Muitas visitas tiveram de ser adiadas, outras interrompidas por minha causa ou porque Charlotte não sentia-se bem de vez em quando. Desmaiei no meio de passeios duas vezes. Charlotte desmaiou uma vez, mas nessa única vez, já teve de ser internada de novo e assim fomos

vivendo.

Até ela partir sem nos dizer adeus.

Apenas deixou um bilhete sugerindo o novo nome de seu restaurante que até o momento, eu nem me lembrava dele.

“Le Dupont & Hastings”.

“Não é nada novo”, ela disse. “Mas o importante é que esse nome fique na história, juntamente com a história que nós construímos aqui”.

“Eu nunca te disse isso, mas, eu te amo, Benjamin. Obrigada por tudo.

Te vejo na reinauguração do NOSSO restaurante!”.

Capítulo 36

*Temos o destino que merecemos.
O nosso destino está de acordo com os
nossos méritos.*

Albert Einstein

29 de Maio de 2015

Jornal Local

...E agora uma notícia que chocou o comércio gastronômico da capital francesa, faleceu hoje o chef canadense, Benjamin Hastings, aos 40 anos. Há seis meses, Benjamin havia ganhado um novo coração, este que era da também chef, Charlotte Dupont, neta de Louis Allan Dupont. Segundo a jornalista responsável pela entrevista com Hastings, ambos tiveram um curto, porém intenso e inesquecível romance juntos. Em seu

testamento, o chef deixou parte da sua herança para os pais e a outra parte para Alice, irmã de Charlotte. Sabemos que o restaurante do *Monsieur Louis* foi reformado há pouco mais de um mês e infelizmente os principais realizadores desse sonho, não poderão estar presentes no dia da reabertura – que será amanhã às 20h. Não se sabe se a irmã mais nova de Charlotte ficará responsável pelo restaurante, porém, há boatos de que os amigos íntimos do casal tomem posse do

estabelecimento, de acordo com o testamento que Benjamin escreveu juntamente com Charlotte.

A senhorita Dupont sofria de *Glioblastoma Multiforme*, um tumor cerebral com o qual vivia há alguns anos. Após o período de quimioterapia, seu tempo de vida durou apenas cinco meses. Mais tarde, os rins da mesma foram doados a Benjamin, que tinha *Síndrome de Eisenmenger*. Segundo a família, o canadense já exibia sintomas da síndrome na infância,

mas nada que chamasse total atenção dos familiares e amigos. De acordo com os médicos, a doença tende a piorar com o passar dos anos e foi o que aconteceu com Benjamin, que não tomou as devidas providências. Os médicos também disseram que Benjamin veio a falecer por escolha, quando exigiu que os aparelhos fossem desligados.

Quando os médicos se prontificaram para desligar os aparelhos, um deles perguntou o porquê e eis que ele respondeu:

— Antes de ir embora depois da última entrevista, a jornalista me perguntou se ela poderia escrever um livro e eu autorizei. Mas ela nunca conseguia encontrar um bom título que ela achasse “digno”. — ele fez uma pausa para respirar. — É para fazer jus à história que eu contei para ela. “365 Noites em Paris” é perfeito, não?! Agora você tem um título, Hannah! Obrigado por ouvir minha história! Adeus.

Fim.

Considerações Finais

Algumas pessoas vão pensar que esse livro é curto demais, que acontece pouca coisa, que não tem romance, que não conseguiram se identificar com a Charlotte e o Benjamin, que tudo aconteceu rápido e forçado demais e etc...

E sabe de uma coisa? É tudo verdade! Na vida nada é perfeito, ela é curta por sua natureza. O tempo que Char e Ben tiveram foi muito pouco para demonstrarem o amor que tinham um pelo outro, mas eles souberam aproveitar o pouco tempo que viveram. Tudo o que foi escrito aqui pode ser real. Pode acontecer com qualquer um. Coincidências sempre acontecem e ninguém pode modificar o destino. Não faltou romance, talvez eles não fossem tão românticos quanto pensavam. Veem

como as propagandas de Paris nos enganam muitas vezes?! Nada é perfeito. Nada é demais ou de menos. Cada defeito e qualidade está na medida a quem foi designado. Ninguém escolhe nascer assim ou assado, nascemos de um jeito mas podemos nos tornar outras pessoas ao longo do tempo. Devemos parar de achar que o nosso gosto pessoal é o padrão de tudo em relação ao mundo. Entender que existem milhões de pessoas com personalidades diferentes e que a nossa opinião não

deve reger a vida dos outros.

Se procura ler livros para "fugir da realidade", então leia ficções fantásticas e derivados. Mas se quer um romance que aconteça em nosso mundo real, não seja hipócrita aponto de por defeitos em uma história que acontece todos os dias no mesmo universo em que você vive. A vida é cheia de surpresas boas e ruins. Só porque é um livro não significa que tudo é como um mar de rosas. Essa é a realidade. Aprenda a conviver com as consequências e a

admiti-las.

No mais, *carpe diem!*

Hannah.